

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PRÁTICAS EDUCACIONAIS - LIPRE**

***ENSINO PARALELO NA PERIFERIA:
UMA VISÃO DA EDUCAÇÃO À LUZ DE FERRÉZ***

MARIA APARECIDA COSTA DOS SANTOS

São Paulo

2011

MARIA APARECIDA COSTA DOS SANTOS

***ENSINO PARALELO NA PERIFERIA:
UMA VISÃO DA EDUCAÇÃO À LUZ DE FERRÉZ***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.

São Paulo

2011

FICHA CATALOGRAFICA

Santos, Maria Aparecida Costa dos

Ensino paralelo na periferia: uma visão da educação à luz de Ferréz. /
Maria Aparecida Costa dos Santos. 2011.

115 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE-
Educação, São Paulo, 2011.

Orientador (a): Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva

CDU 37

**ENSINO PARALELO NA PERIFERIA:
UMA VISÃO DA EDUCAÇÃO À LUZ DE FERRÉZ**

por

MARIA APARECIDA COSTA DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Presidente: Prof. Maurício Pedro da Silva, Dr. – Orientador, UNINOVE

Membro: Profa. Eliana Meneses de Melo, Dra., Universidade Brás Cubas

Membro: Prof. Jason Ferreira Mafra, Dr., UNINOVE

Membro suplente: Prof. Carlos Bauer de Sousa, Dr., UNINOVE

São Paulo, 13 de Dezembro de 2011.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à vocês, jovens que me enlouquecem todos os dias com as infinitas perguntas, que me emocionam quando não quero emoção e que me fazem rir sempre que preciso. A vocês, alunos e alunas da periferia...

AGRADECIMENTOS

Especialmente à primeira mulher, negra, periférica e doméstica que conheci: minha mãe.

A vocês, irmã e irmão, que sempre estiveram ao meu lado, aguentando meu mau humor e minhas horas de silêncio sem fim.

Aos amigos que fiz nesta trajetória, pelas horas de bate-papo e risadas.

Ao meu orientador, Maurício Silva, que me resgatou de um quase-naufrágio.

Aos professores da Uninove e, em especial, ao professor Jason, pelos ótimos conselhos, pelas palavras de conforto e pela paciência.

Aos meus coordenadores pedagógicos, Marcelo e Joenilton e a Dona Elierte, pela disposição em ler meus textos, pela contribuição e por acreditar na minha capacidade.

Ao Ferréz, por acreditar na periferia e nos seus moradores.

A Deus, sempre...

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A marca 1DASUL.....	24
Figura 2: Porta de entrada do estúdio de gravação	80
Figura 3: Folder de inauguração do Ensaiaço.....	81
Figura 4: Logotipo do Selo Povo	82
Figura 5: Folder de divulgação da turnê literária	82
Figura 6: Interferência	83
Figura 7: Instituto 1DASUL.....	84
Figura 8: Ilustração da formação educativa de Ferréz	88

RESUMO

O presente estudo tem por objeto de pesquisa compreender a educação na periferia sob a ótica de um de seus moradores: o escritor Ferréz. Ferréz é o pseudônimo de Reginaldo Faria da Silva, nome que virou marca registrada deste morador do distrito do Capão Redondo localizado na Zona Sudoeste da Cidade de São Paulo, no qual é sinônimo de pobreza, violência e abandono. Apesar da dura realidade, os periféricos e as periféricas produzem, a seu modo peculiar, cultura literária, musical, artesanal e cênica. Este fenômeno tem crescido com o passar dos anos, por meio do incentivo e determinação de Ferréz e de seus “camaradas”, contudo os resultados referentes a educação deste setor não demonstram melhoras no aprendizado formal dos moradores das regiões periféricas, segundo os exames nacionais de avaliação. Ferréz aprendeu a ler e escrever na escola, mas foi na “faculdade da vida” que tornou-se escritor e, da mesma maneira que sua vida foi transformada pela literatura, procura transformar a vida de outros, por meio da Literatura Marginal, das ações culturais e dos espaços educativos. Mesmo vivendo em uma comunidade carente e uma escola pública deficitária, como foi possível Ferréz tornar-se um escritor de renome? Como se deu esse aprendizado? Dentro ou fora da escola? Essas foram as questões centrais que conduziram o presente estudo na tentativa de definir como o aprendizado acontece sem seguir a formação linear prevista em estudos sobre a aprendizagem. Para este estudo estabeleceu-se o diferencial entre as categorias de educação (formal, informal e não formal) com os conceitos e noções que aparecem nas obras de Ferréz e, com a possibilidade de desenvolver um novo conceito em educação – ensino paralelo, processo educativo desenvolvido na periferia. Além das obras publicadas de Ferréz, foram utilizadas como fonte de informações blogs da internet, entrevistas em vídeos e documentários. Como referencial teórico utilizou-se as perspectivas de Paulo Freire, Gaiatri Spivak, Maria da Glória Gohn, Lícia do Padro Valladares, Haroldo Torres e outros autores.

Palavras-chave: Educação; Literatura Marginal; Periferia; Ensino Paralelo; Ferréz.

ABSTRACT

The present study is to understand the object of research education in the periphery from the perspective of one them: the writer Ferréz. Ferréz is a pseudonym of Reginaldo Faria da Silva, a name that has become a trademark of the resident community of Capão Redondo located in the Southwest Zone of São Paulo, which is synonymous with poverty, violence and abandonment. Despite the harsh reality, the peripheral devices and produce, in its peculiar way, literary, musical and theatrical craft. This phenomenon has grown over the years, through the encouragement and determination Ferréz and his "brothers", however the results for education industry do not show better results in formal learning of the residents of periphery, according to the national examinations evaluation. Ferréz learned to read and write in school, but it was in "college life" and became a writer, just as his life was transformed by the literature, seeks to transform the lives of others through the Literature Marginal, the actions cultural and educational spaces. Even living in a poor community and a deficient public school, how could Ferréz become a renowned writer? How did this learning? Inside or outside of school? These were the core issues that led the study in the attempt to define how learning takes place without following the training provided in studies of linear learning. For this study established the differential between the categories of education (formal, informal and non-formal) with the concepts and notions that appear in the works of Ferréz and with the possibility of developing a new concept in education - teaching parallel, educational process developed in the periphery. In addition to published works Ferréz, we were used as a source of Internet blogs, video interviews and documentaries. As we used the theoretical perspectives of Paulo Freire, Gaiatri Spivak, Maria da Gloria Gohn, Licia do Prado Valladares, Haroldo Torres and others.

Keywords: Education; Literature Marginal; Periphery; Parallel Teaching; Ferréz.

SUMÁRIO

Memorial.....	11
Introdução	14
Metodologia	17
O <i>mano</i> da periferia.....	21
Ferréz e a Literatura Marginal.....	30
A crítica diante de Ferréz e da Literatura Marginal	35
O universo da <i>quebrada</i>	42
A <i>quebrada</i> de Ferréz	47
<i>Ensino paralelo</i> : a educação sob ótica de Ferréz.....	54
A <i>educação formal</i> : Ferréz leitor	56
A <i>educação informal</i> : Ferréz observador	64
A <i>educação não formal</i> : Ferréz educador	70
A 1DASUL e a Biblioteca Êxodus	78
O 1DASUL Fonográfica e o Ensaio.....	80
O Selo Povo.....	81
A Associação Interferência	83
O Instituto 1DASUL.....	84
Considerações finais	86
Glossário de gírias	90
Referências bibliográficas	92
Anexos	100
Anexo 1. Entrevista de Antônio Abujamra com Ferréz.....	100

Anexo 2. Relatório da PNUD – Realidade Perversa	105
Anexo 3. Pensamentos de um “correria”	107
Anexo 4. Muro Cinza.....	110
Anexo 5. Biblioteca Êxodus.....	111
Anexo 6. Professores, missionários da cidadania	114

MEMORIAL

Em 2002, quando ingressei na Prefeitura Municipal de São Paulo para ministrar aulas de Educação Física no ensino fundamental, não fazia ideia do que me esperava. Cresci na periferia da cidade, no distrito do Capão Redondo, em um bairro chamado Jardim Vale das Virtudes. Por que o bairro tinha esse nome, ninguém nunca soube responder, pois não tinha asfalto, sistema de esgoto e era cercado por terrenos abandonados e por casas sem acabamento, inclusive a minha residência.

Sou formada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), na cidade de Rio Claro, a 280 km. de São Paulo. Realizei meu grande sonho de infância: afastei-me do lugar onde cresci, onde perdi meu pai para o álcool e meu irmão para o crime.

Ao retornar a São Paulo, nos mudamos para outro bairro, ainda nas imediações do distrito do Capão Redondo, um bairro mais de classe média da periferia. Meu sonho era trabalhar em escolas particulares centralizadas, longe de toda aquela feiura e pobreza. Doce engano...

No início da carreira, trabalhei em escolas particulares, mas longe daquilo idealizado por mim. As escolas não possuíam materiais de Educação Física e, geralmente, atrasavam meu pagamento. As alternativas foram diminuindo, o salário também, restando-me apenas o concurso público.

A primeira escola em que trabalhei, e trabalho até o presente, está localizada na Cohab Adventista, ao lado do córrego aberto que atravessa o Capão Redondo. Próximo, também, a um terreno loteado pela prefeitura, a uma favela e aos prédios do complexo habitacional que dá nome ao bairro, a Cohab. Os alunos são dessa comunidade e dos arredores.

A escola possui uma boa estrutura física, materiais pedagógicos, equipe técnica, professores comprometidos e alunos carentes. Nesse ambiente, trabalhei ano após ano, sempre defendendo uma educação de qualidade e integral. Os alunos participam de feiras culturais, apresentações de teatro e dança e festivais de

ginástica artística e rítmica, além das olimpíadas de matemática e português. Mas, mesmo assim, há alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de relacionamento com amigos e professores e aqueles que, fatalmente, “optam” pela criminalidade ou caem no mundo das drogas.

Nas aulas de Educação Física, além dos esportes estipulados, apresentei a eles os movimentos do Hip Hop, e eles me apresentaram a cultura do Hip Hop. E para minha surpresa, me apresentaram Ferréz.

Primeiro, mostraram-me onde ficava a loja com os bonés “da hora”; depois, o livro *Capão Pecado*. O exemplar estava todo amassado e com a capa rasgada, as páginas estavam com orelhas nas pontas e meio engorduradas. Perguntei a eles por que o livro estava judiado daquele jeito, disseram-me que o “pobre do livro” ficava passando de mão em mão, e aí “cê sabe, né pro, os nego não toma cuidado”.

Quando decidi participar do processo seletivo do Programa de Mestrado da Uninove, no final de 2009, o meu projeto inicial estava focado diretamente na cultura e no movimento Hip Hop. Afinal, esses eram elementos presentes na minha prática pedagógica, e eu tinha conhecimento da força da comunidade dentro dessa “filosofia” e como a periferia poderia ser representada. Contudo, no momento da entrevista para o ingresso no mestrado, a ideia de discutir Ferréz apareceu.

Após ser aprovada e ciente de que meu objeto de estudo seria outro, fiquei um pouco desconfiada a respeito de Ferréz, achava que talvez ele não passasse de mais um aproveitador, tentando “se dar bem” em cima de uma cultura e de um povo já sofrido. Mas percebi, com o tempo e a convivência com os seus personagens, acompanhando seus passos na mídia e as ações educativas, sobre os quais ouvi informalmente o depoimento de alunos que participavam das atividades e dos encontros, o compromisso desse “mano” com a “quebrada”.

Nestes últimos dezessete meses em que, por força de minha pesquisa, “vivo” e “respiro” Ferréz, descobri muita coisa a respeito não só do espaço educativo, mas da minha postura como professora na periferia. Não se educa um aluno sempre do mesmo modo; e se este aluno, assim que chega em casa, passa roupa, lava louça, cozinha e cuida dos irmãos menores, com certeza ele aprenderá de uma maneira muito particular, diferente daquele aluno que, depois da aula, irá para a natação, para o judô etc.

Acredito que esta dissertação não apenas auxiliará no entendimento da vida dos moradores da periferia, na compreensão de como esses seres humanos

aprendem, mas também nos levará a admitirmos uma grande verdade sobre nós mesmo, a de que o Brasil é parte da periferia mundial e precisa assumir isso o mais breve possível e, quem sabe, aprender a acolher melhor seu próprio povo e lhe dar o valor que ele tanto merece...

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo, a maior metrópole brasileira, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, tem uma população de aproximadamente de dez milhões e setecentos mil habitantes, divididos em seis principais regiões: centros, zona sul, norte, leste e oeste. Segundo artigo publicado pelo colunista Leite (2011), a população está distribuída em 96 distritos, sendo 57 na periferia, o que corresponde a uma média de 63% da população, donde se conclui que, estatisticamente falando, no final “a periferia toma conta”.

O conceito de “periferia” remete, geralmente, a dois adjetivos freqüentes: pobreza e violência. A periferia concentra o pobre, a falta de infraestrutura e a falta de serviços fundamentais para o crescimento de uma metrópole. A escola pública, que exerce funções diversas nas comunidades, incluindo de assistência social às famílias, é considerada ineficiente e repressora, incapaz de alfabetizar uma criança em condições precárias de sobrevivência.

A periferia também é composta por seres humanos que diariamente atravessam a cidade em transportes coletivos precários, para chegarem aos seus empregos, com salários abaixo das necessidades básicas de existência. Muitas vezes, ainda, esses moradores e moradoras iludem-se com as promessas feitas pela mídia e pelos governantes e mantêm a fé em Deus, torcendo por dias melhores.

Segundo Leite (2011, s.p.), na periferia “a vida é bela apesar da mazela”. Escritores, colunistas, artistas, cantores, entre outros personagens atuantes, a maioria filhos e filhas da periferia, escrevem e cantam sobre este lugar, na visão única de “dentro para a fora”. Movimentos na defesa de um espaço para viver, e não apenas para sobreviver, aparecem diariamente mostrando a possibilidade de um lugar diferente do perfil da violência e miséria comumente associado ao periférico.

De acordo com Chaparro (2003), a imagem do Capão Redondo – um dos bairros da periferia – está diretamente atrelada aos noticiários policiais: “é a imagem

¹ Dados referentes ao censo de 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados/index.php?uf=35>. Acesso em: 01/08/2011.

da criminalidade, da violência. Mesmo quando a notícia não trata de assuntos policiais, ao substantivo Capão Redondo sempre se agrega o predicado de bairro violento da zona sul de São Paulo” (p. 2).

Refúgio do tráfico de drogas, sequestro e homicídios era a imagem atribuída a essa comunidade. O crime ainda está presente nessa região, porém outros adjetivos foram se somando ao nome Capão Redondo: educação, atitude e mudança. O bairro tornou-se um personagem de livros, cenário de filmes e palco das artes cênicas, tendo como um dos seus representantes e defensores, além de morador e ativista, o escritor “marginal” Ferréz.

Ferréz, morador do Capão Redondo, escreveu sete obras literárias, entre 1997 a 2009, parte da chamada Literatura Marginal, composta por outros moradores da periferia, detentos e ex-detentos, diaristas, moradores de rua etc., que buscam, por meio da linguagem das ruas, contar suas histórias e, em parte, denunciar as condições de abandono em que vivem essas “minorias”.

Nos últimos dez anos, Ferréz agitou a cena literária com um livro de poesia concreta, dois romances, dois livros de contos, um livro infantil, organizou e editou uma coletânea de textos, além de publicações em revistas diversas, blogs, palestras e oficinas. Ganhou prêmios literários, elogios da crítica especializada, quatro dissertações de mestrado referentes ao seu trabalho, além de roteirizar seriados para a televisão e muito mais. Ferréz optou por permanecer na “quebrada”, morando, escrevendo e trabalhando.

Ferréz é um “cara” comum, que descobriu na literatura a oportunidade de ser e dizer o que pensa, criar personagens e conhecer o mundo. Como ele mesmo diz,

sou revoltado com a covardia, com o preconceito, com a falta de atenção ao nosso povo e acho que vamos ganhar essa guerra pelo diferencial de esforço e talento, que a periferia tem tanto. O sistema se aposenta, muda de profissão, foge do país. A periferia está onde sempre estive, só que agora sabendo o que quer. (FERRÉZ *apud* DE MAIO, 2009, p. 7)

As palavras citadas nessa entrevista, dada a um jornal do próprio Capão Redondo, demonstram uma opinião forte, repleta de significados, que pode proporcionar uma tomada de consciência do sujeito periférico, um sujeito que não aceita manter-se calado perante as adversidades e produz, assim como tantos

outros² adeptos à literatura, arte e cultura, buscando valorizar o chamado povo “pobre, preto e favelado”.

O presente estudo, mediante essas considerações, inicialmente realizou o levantamento de praticamente todas as obras escritas e publicadas por Ferréz, além de suas participações em revistas, entrevistas e blogs postados na internet, sempre no intuito de familiarizar o leitor com o escritor e suas narrativas. Durante todo esse processo, constataram-se a diversidade de assuntos pertinentes a periferia, retratados por Ferréz em seus escritos, e sua necessidade em permanecer e atuar dentro dessa realidade.

Num momento seguinte, que resultou na construção do primeiro capítulo dessa dissertação, trabalhamos a biografia de Ferréz, bem como uma breve introdução aos seus principais escritos, como *Fortaleza da Desilusão* (poesia, 1997), *Capão Pecado* (romance, 2000), *Manual Prático do Ódio* (romance, 2003), *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica* (prefácio e organização de contos, 2005), *Amanhecer Esmeralda* (narrativa infantil, 2005), *Ninguém é inocente em São Paulo* (contos, 2006) e *Cronista de um Tempo Ruim* (contos, 2009). Na busca por novas informações sobre Ferréz, foi encontrada ainda uma entrevista concedida ao apresentador, ator e diretor Antonio Abujamra, em maio de 2004, no programa *Provocações* (Anexo 4). Na entrevista, em meio a várias questões que englobavam favela, violência e literatura, o entrevistador dirige-se ao entrevistado e lhe pergunta a respeito de como ele teria se livrado de ser analfabeto. Ferréz encara o entrevistador e calmamente responde:

Cara, eu não sei se eu me livre muito ainda, tá ligado! Que este país tá duro de você pegar algum tipo de informação, mas eu fui na contramão da escola. A escola indicava *Cinco Minutos*, eu lia Tchecov, ia no sebo e procurava o “tcheco”. A escola indicava *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e eu ia procurar Hermann Hesse no sebo. Então eu não gostava de fazer resumo de livro, fazer aquela redação básica, né, então tem alguns professores que ajudavam também, que eu ia nele e perguntava: “professor, o que é isso?” e aí perguntava o que que era druidas, eu ouvi essa palavra “ah não sei” o pessoal não sabia e aí eu ia atrás (FERRÉZ *apud* ABUJAMRA, 2004)

E o entrevistador complementa:

É... na realidade, é a velha frase dos grandes professores pro mundo: não existe ensino, não existe aprendizado, quem quer aprender, ninguém segura. (ABUJAMRA, 2004)

² Por exemplo, Sergio Vaz, escritor do Jardim São Luiz e idealizador do *Cooperifa*; Alessandro Buzo, escritor, apresentador e cineasta; Sacolinha, ex-detento e escritor etc.

A partir dessa entrevista, a questão principal, determinante na trajetória deste estudo, foi levantada: como um sujeito que cresceu em um bairro violento, sem infraestrutura, sem cultura letrada, de família simples (mãe doméstica e pai comerciante), conseguiu – fora da escola – acessar Tchecov e Hermann Hesse, editar revistas e publicar literatura?

Metodologia de pesquisa

Quais os processos de formação educativa vivenciados por Ferréz e como esses processos podem ser encontrados na Literatura Marginal? Por meio deste questionamento, as seguintes hipóteses sobre este sujeito foram formuladas: primeira, Ferréz faria parte dos jovens com capacidade de aprendizagem muito acima dos outros, considerado superdotado; segunda, Ferréz educou-se de maneira diferenciada daquela considerada como uma educação formal, na escola, apesar de participar de um mesmo contexto social que os demais moradores do bairro; terceira, Ferréz, embora favorecido com uma média intelectual acima de seus colegas, teve um (ou mais) episódios formativos que o despertou entusiasticamente para a literatura; e, quarta e última hipótese, todas as hipóteses acima são complementares.

Desse ponto em diante, com a questão principal e com as prováveis hipóteses formuladas, a metodologia mais adequada foi a do *estudo de caso*. Segundo Severino (2010), o estudo de um caso em particular deverá ser significativo e bem representativo, de modo que representará um conjunto de casos análogos. De acordo com Yin (2001), utilizar o estudo de caso como metodologia de pesquisa poderá contribuir de forma inigualável com o conhecimento de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, permitindo ao pesquisador “uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (p. 21).

Um determinado protocolo foi utilizado para esta pesquisa, seguindo as recomendações feitas por Yin (2001). Este protocolo, além de conter o instrumento para a coleta dos dados, agrega alguns procedimentos e regras gerais que foram seguidas para a correta utilização da metodologia:

1º. Visão geral do projeto de estudo de caso, com objetivos, questões e leituras importantes sobre o tópico, tais como a) levantamento das publicações de Ferréz; b) referencial teórico sobre Literatura Marginal e sobre os conceitos de periferia e de educação; c) hipóteses abordadas.

2º. Procedimentos de campo, como visitas aos espaços relacionados à pesquisa (Ensaio, loja 1DASUL, eventos de divulgação do Selo Povo, Fórum de Desenvolvimento patrocinado pelo Instituto 1DASUL etc.).

3º. Questões relevantes ao estudo de caso, como mapeamento de alguns apresentados por Ferréz (periferia, ódio, pecado, fé, favelado, educação etc.).

4º. Fichamento das obras, textos em blogs, transcrição de entrevistas e acompanhamento de documentários.

Definidos os principais elementos que compõem uma pesquisa científica, o próximo passo foi a realização de uma releitura das obras gerando um mapeamento dos principais conceitos para a análise. Com esse mapeamento, foram elencados nove conceitos mais pertinentes a nossa análise (*periferia, ódio, pecado, fé, favelado, ferrado, escola, educação e sistema*), sendo apenas três selecionadas para o estudo (*periferia, favelado e educação*). Optou-se por apenas três devido a frequência com que são citados pelo autor nas obras e nas diferentes publicações analisadas e pela constatação de que tais conceitos foram pouco discutidos em outras quatro dissertações, anteriores aludidas, que discutem a temática da Literatura Marginal e a obra de Ferréz.

O segundo capítulo foi desenvolvido a partir de dois conceitos muito presentes nos escritos do autor: a *periferia* e o *periférico*. É curioso constatar, por exemplo, que a mulher da periferia mantém-se, contudo, como coadjuvante nas histórias, quase sempre aparecendo com características marcadas pelo preconceito do próprio autor e, possivelmente, de outros moradores da periferia.

Utilizou-se como referencial teórico a contextualização da periferia segundo Valladares (2005), Haroldo Torres (2006) e Rocha (2006), que abordam as temáticas referentes ao ambiente, incluindo as dificuldades geográficas, emocionais e sociais de seus moradores. Como para Ferréz a “quebrada” tem uma influência

subjetiva em seus escritos, trechos das obras e contextualizações realizadas pelo autor foram inseridos nesse capítulo. O entendimento do espaço periférico foi, assim, fundamental para o entendimento da dimensão educacional presente na vida desse autor, sendo ainda necessário averiguar quais as influências permeadas pela comunidade em que ele se insere.

A pesquisa realizou uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo, adquirida por meio de leituras e interpretações do autor estudado. No entanto, não temos a pretensão de realizar uma análise crítico-literária de sua obra, mas compreender como sua formação e como suas experiências contribuíram para determinar uma espécie de *ideologia pedagógica* do autor.

No capítulo seguinte, o terceiro, foi traçado um paralelo entre o percurso educacional de Ferréz (educação formal, informal e não formal) e os papéis desempenhados por ele na periferia (leitor, observador e formador), utilizando, para tanto, depoimentos, entrevistas, textos literários, intervenções etc., construídos/realizados por ele. Trata-se de um capítulo que teve sua fundamentação teórica nos conceitos de educação de Brandão (2007), Paulo Freire (1979, 2001, 2002 e 2005) e Maria da Glória Gohn (2005 e 2009), assim como de outros autores que complementaram os principais conceitos aqui abordados. Esse capítulo ainda visou expor as ações culturais e educativas promovidas por Ferréz, protagonizadas e patrocinadas pelo Instituto 1DASUL, sediado no distrito do Capão Redondo, em locais que no passado foram pontos de drogas, esconderijos de sequestros, infiltrados no meio da favela. Muitas das informações acerca desses espaços foram retiradas do blog mantido pelo próprio Ferréz, embora as descrições mais formais dos espaços que compõem a comunidade periférica foram retiradas de Antunes e Garroux (2008) e de Neate e Platt (2006).

Já que descobrir exatamente como um morador da periferia se educa parece ser uma questão de difícil resposta – uma vez que todo ser humano tem a capacidade de educar-se a partir de experiência múltiplas e contínuas –, buscamos, por meio dessa pesquisa, entender ao menos como *este* periférico experienciou um processo educacional diferenciado do que normalmente é visto no contexto em que vive e como interferiu, de forma direta, no processo educacional de sua comunidade.

Ferréz passou pela escola, sobreviveu à periferia e implementou novos modos de formação/educação em sua comunidade. Suas ações nos levam a compreender melhor que pode haver – e que de fato há, no espaço estudado – uma

descentralização do conhecimento e dos processos de adquiri-lo, o que nos levou a assumir, neste trabalho, a partir de uma formulação idealizada pelo próprio Ferréz, o conceito de *ensino paralelo*.

Marginal, periférico e paralelo pertencem à mesma família semântica, um mesmo significado atribuído aquilo que está *distante do centro*. Ferréz transformou este processo em literatura, música e atuação pedagógica, levando-nos a inferir que o *ensino paralelo* seria, sobretudo, *o resultado de uma junção de fatores sociais e educacionais, responsável pela formação de um sujeito marginalizado, que, entre outras coisas, luta pela liberdade de seu ser e pela liberdade de seu entorno, utilizando a arte como processo transformador de uma realidade violenta*.

Essa definição resulta dos estudos aqui realizados e procura demonstrar que, no final das contas, a principal intenção desta pesquisa é possibilitar e contribuir com novas perspectivas de definição da educação, desconstruindo um conceito fechado e limitado e refazendo-o a partir da leitura de mundo de um sujeito pouco comum: o “mano da periferia”.

O MANO DA PERIFERIA

*A vida é um pesadelo no qual não se desperta.
Datilógrafo, escritor do gueto, buscador de auto estima
E injetor do caos moderno.
Eu sou terrorista literário, de fuzil bic na mão,
A minha arma nuclear é a informação,
Conseguiram do meu corpo a divisão,
O sistema sempre de pistola na mão,
Martin Luther King morreu em vão.
Se eu for falar o que eu penso,
E aí tem coisas que eu não conheço,
É pornô-mundo é mundo-pornô,
Me mostra a nudez da sua cor.
Amor pela quebrada virou frase de parachoque,
A ideologia tá em crise, pra quem tá em choque,
Pôr fogo no mundo para zoar,
Pôr fogo nas igrejas prá ver queimar,
O povo chora a dor, chora a dor,
Mensageiro da mentira para senador,
Mas no meu peito é zumbi, e na mente é [?]
No punho é só mano, é quebrada, é favela,
São anos de rancor em vão
Chega de tiração,
Deus perdoa, eu não,
O pavio é fácil de acender,
No clipe tem tudo o que você quer ser,
Mas na rua é tanta solidão,
Mas na rua é tanta solidão,
Verdades são mentiras, jão,
Anota aí a minha nota,
Pro sistema hipócrita,
Todo o mundo é fantoche,
mas eu e vocês pelo menos,
temos as cordas.
(Ferréz)*

O “mano” em questão é um morador que não se permite ficar na invisibilidade, defende seu bairro e seus moradores, construiu sua identidade e a

declama por meio de seus escritos, de sua postura e atitudes: o escritor/ativista e favelado Ferréz.

Antônio Abujamra, antes de entrevistá-lo em seu Programa *Provocações*, na TV Cultura, fez a seguinte introdução:

um escritor que não mora nos jardins, não mora na Barra, não mora em Boa Viagem. Ele mora no Capão Redondo. Sabe onde é o Capão Redondo? A polícia militar sabe. Um dos bairros mais violentos de São Paulo, Zona Sul. Vocês não imaginam ser um dos bairros mais violentos de São Paulo, quer dizer, ser [o] mais violento do Brasil. Um escritor que jamais chegará à Academia, não só por morar no Capão Redondo, mas por escrever textos carregados de gíria da periferia, coisa que não pega bem nas “casas acadêmicas” (ABUJAMRA, 2004).

Reginaldo Faria da Silva é mais conhecido pelo pseudônimo de *Ferréz*, escolhido pelo próprio autor e que é uma junção de dois outros nomes: Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (*Ferre*) e Zumbi dos Palmares (z). Não usa o nome de batismo porque não acredita na Igreja Católica, acredita em Deus e espera que Ele acredite nele. Ao criar seu nome e sua carreira, Ferréz sente-se no controle da sua vida, e nada nem ninguém poderá mudar isso.

Ferréz nasceu em 29 de dezembro de 1975, no bairro Cantinho do Céu, próximo ao Jardim Capelinha, zona sudoeste de São Paulo. Em seguida, mudou-se para o Valo Velho, local onde passou a maior parte da infância, morando de aluguel com os pais. Na adolescência, mudou-se definitivamente para o bairro de Capão Redondo.

Filho mais velho de Maria Luíza Cotta, doméstica, e Raimundo Ferreira da Silva, motorista aposentado da Companhia de Abastecimento de Água. O pai, após a aposentadoria, abriu um bar no bairro para complementar a renda. Além deles, Ferréz tem uma irmã, que é enfermeira, e um irmão caçula.

Sua relação com a escola sempre foi perturbada. Considerado um aluno desatento às aulas e sem muito interesse, mantinha, contudo, suas tarefas escolares em dia e as notas sempre boas. De acordo com Ferréz, vinte minutos eram o suficiente para que compreendesse a matéria, “o resto era discurso meio no vazio” (HERMANN *et al.*, 2009, p. 12). Repetiu a primeira e a terceira séries, pois não gostava nem do ensino, nem da escola, gostava mesmo era de *estar* na escola com os amigos, conversando, “trocando ideia”.

Em entrevistas, Ferréz questiona o papel do incentivo à leitura, proporcionado pelas escolas: sabe, por experiência, que elas impõem ao aluno um determinado

regime, que a leitura é obrigatória e, por isso mesmo, não desperta o interesse e a curiosidade de um público que não entende o significado da companhia de um bom livro.

No início da adolescência, ajudava no orçamento familiar, entregando pães nas escolas da região. Ferréz trabalhou ainda como balconista, auxiliar geral e arquivista. Entre 1995 e 1997, foi arquivista na empresa *Ética Manpower*, a mesma que patrocinaria seu primeiro livro de poesia: *Fortaleza da Desilusão*. Mas antes de virar, oficialmente, escritor, Ferréz vendeu vassouras, pintou paredes, fez reformas, foi auxiliar-geral em uma metalúrgica e balconista de padaria. Em 1999, encarou um desafio para expor suas ideias e seu desejo por um lugar melhor. Foi ao Brás, junto com o parceiro José Carlos, compraram cinco camisetas, com o dinheiro que usariam para procurar emprego, e com mais uns trocados estamparam nessas camisetas a frase: “roupa de rua”.

A primeira loja foi montada na garagem da casa dos pais de Ferréz. José Carlos desistiu do empreendimento, pois os rendimentos, na maioria das vezes, não cobriam os custos. Ferréz, contudo, continuou, com a ajuda de outro “camarada”, o Fábio (Cebola). Como os rendimentos continuavam insuficientes, “pois agente não ganhava nem o do pão” (FERRÉZ, 2007, s.p.), a sociedade foi desfeita e Ferréz foi trabalhar em um site.

Seis meses depois, reabriu a loja com o dinheiro pago pelo site. Surge assim a 1DASUL, nome que “vem da ideia de todos sermos 1, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1 pela dignidade da Zona Sul” (FERRÉZ, 2005, s. p.), como encontra-se descrito nas páginas de seu blog oficial, em comemoração aos seis anos da marca, que agora é mais do que um sonho, é uma realidade concreta.

O principal desafio desse empreendimento era tornar-se uma marca registrada de e para a região, não apenas como resposta do Capão Redondo a toda violência, mas também promovendo o orgulho entre seus moradores e incentivando a luta por um lugar mais digno de se viver, com esperança no futuro próximo. A mudança de postura é visível, quando se percebe que marcas que sempre fizeram a cabeça dos moradores da periferia praticamente desapareceram.



Figura 1 – Logotipo da marca de roupas 1DASUL.
Fonte - acervo próprio

O símbolo da 1DASUL (figura 1), um emblema desenvolvido por um de seus parceiros, tem como ideia central representar o povo, pois o brasão significa unidade, além de trazer “a ideia de um povo que se une para lutar pela preservação da sua cultura (...) o símbolo da 1DASUL em forma de fênix e com o número 1 em destaque é uma forma de termos nosso próprio brasão, e ele tem esse sentido, de juntar a periferia” (FERRÉZ, 2005, s.p.). Por este motivo, ao propor uma marca de e para a periferia, Ferréz propõe a mudança de comportamento e de autoestima dos moradores da periferia, não de fora para dentro, do centro para a periferia, mas da periferia para a periferia.

Em seu blog, Ferréz detalhou o que a marca 1DASUL representa, apoia e patrocina na comunidade:

1. Negredo: grupo de rap da Favela Godoy;
2. Tr3f: projeto musical de Ferréz, acompanhado por Maurício DTS (Detentos do Rap) e DJ Odair (Negredo);
3. Sidney, lutador de Jiu-Jítsu do Capão Redondo, campeão paulista e mundial em 2007;
4. Festa da Páscoa, na Travessa Santiago;
5. Biblioteca Êxodus, na Favela Godoy;
6. Festa de 7 de Setembro, show na Avenida Sabim;

7. Quermesse da comunidade Grisson;
8. Selo da Literatura Marginal (revistas);
9. Time de futsal Capão - SP;
10. 1DASUL Fonográfica;
11. Scooby, cantor gospel do Capão Redondo.

No ano de 2000, foi lançado o livro que o colocaria em destaque no mundo da literatura, tornando-se referência e objeto de estudos e reportagens dentro e fora do país: *Capão Pecado*. Ferréz tornou-se assunto da indústria editorial, abrindo caminho para outros tantos escritores da periferia, expondo, por meio do romance, uma realidade pouco encantadora da vida “do outro lado da ponte”.³

O livro levou quatro anos para ser finalizado. Segundo o autor, durante um temporal, seu quarto ficara todo alagado e parte do trabalho se perdeu na enchente do bairro. Outro fato que também atrasou a finalização do livro foram os próprios personagens reais, nos quais os fictícios eram baseados, já que muitos morreram durante a construção da narrativa, obrigando o autor a refazer trechos e sequências completas.

Com o sucesso do livro e a polêmica que se seguiu à sua publicação, surgiram oportunidades diversas. O leitor queria ouvi-lo, ler o que este periférico tinha a dizer. Ferréz começou, então, a escrever regularmente para a revista *Caros Amigos*, na qual trabalhou até o ano de 2010. Com a publicação de suas crônicas por uma revista de prestígio, recebeu convites para publicar no site *El Foco, No.com* e *Le Monde Diplomatique Brasil*.

A literatura marginal encontrou, assim, seu representante, ressurgindo com uma nova filosofia e com novos autores

³ A “ponte”, neste caso, é a ponte João Dias, que divide a região do Capão Redondo (Parque Santo Antônio, Monte Azul, Vila Prel etc.) de regiões mais “nobres” da cidade de São Paulo.

eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os *rappers*, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos 'preto' e 'favelado' como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista [*Caros Amigos*]. (FERRÉZ *apud* NASCIMENTO, 2009, p. 43-44)

Por meio da revista *Caros Amigos*, Ferréz criou, desenvolveu e editou o projeto da revista *Literatura Marginal*, publicação em três volumes (2001, 2002 e 2004), com a colaboração de escritores iniciantes, representantes das classes populares e moradores da periferia ligados ao movimento Hip Hop, ex-presidiários, todos com histórias interessantes e com uma linguagem das periferias urbanas. Essa abertura a um novo mercado editorial e a uma nova produção literária, voltados a outro público, possibilitou seu reconhecimento nacional e internacional, o contato com patrocinadores dispostos a financiar outros escritores com o mesmo perfil literário e, principalmente, atuantes na periferia.

A divulgação de seu livro, de seus artigos e seu envolvimento com diferentes projetos sociais, permitiram a Ferréz uma projeção nacional da periferia do Capão Redondo nunca antes presenciada, a não ser pelas páginas policiais e pelos noticiários televisivos, em via de regra, relacionados à violência urbana. Ao se assumir como parte desse universo periférico, sua fala se diferencia da fala dos estudiosos que buscam, há anos, compreender a favela e seus moradores, pois seu entendimento é de dentro para fora, deixando de lado a perspectiva do observador e favorecendo a perspectiva empírica dos fatos reais, e não uma visão de fora daquilo que ocorre dentro. A permanência na comunidade alimenta a imaginação criativa do autor, o que se revela na construção de seus personagens, aumentando seu vínculo afetivo com o povo e revelando a necessidade de fazer a diferença num local, segundo Ferréz, "abandonado por Deus" (FERRÉZ, 2000, s. p.)

Em 2002, Ferréz recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de Melhor Projeto de Literatura de 2001, pela revista *Literatura Marginal*, o que significou o reconhecimento do projeto e do movimento por formadores de opinião na literatura brasileira, diminuindo a distância existente entre uma pretensa literatura oficial e a Literatura Marginal. Na busca por novos desafios, além de leitores e leitoras de outras periferias, Ferréz optou por trocar a editora Labortexto pela Objetiva, lançando-se no mercado editorial nacional e, posteriormente, ao mercado internacional.

Manual Prático do Ódio foi lançado em 2003, três anos após o primeiro romance. A história de “ritmo veloz e narrativa lancinante” (EDITORAS.COM, s.d, s.p.), dividiu a crítica. No ano seguinte, o livro foi negociado para o cinema, mas o projeto não se concretizou, sob o argumento de ser muito violento e, por isso, muito difícil de ser adaptado para as telas.

Paralelamente, sua produção musical não parou: Ferréz lançou o cd solo *Determinação* (2002), com críticas favoráveis às letras e às melodias. Uma de suas faixas, “Judas”, concorreu a prêmios pela rede de TV MTV como melhor videoclipe de rap do ano de 2003.

Sua indicação a diversos prêmios literários aumentou com a circulação dos livros *Capão Pecado* e *Manual Prático do Ódio*. No ano de 2004, concorreu ao prêmio da *Guggen Foundation*, indicado por Normann Gal. Nesse mesmo período, tornou-se roteirista do programa “Cidade dos Homens”, para a Rede Globo, além de publicar, na revista americana *Jungle Drums*, o conto “O Plano”. Realizou ainda palestra ao lado de Marçal Aquino, Paulo Lins e Fernando Bonassi, em evento promovido pelo Sesc Consolação. Finalmente, participou, pela primeira vez, da Feira Internacional de Literatura, em Parati, com uma média de público acima de 1.400 espectadores.

Nesse mesmo ano, descobriu um novo meio de comunicação: o blog. Não esperava que alguém acompanhasse seus pensamentos e poemas por meio dele, além de considerá-lo elitizado demais para ele. Enganou-se ao ler os comentários de diferentes fãs e *blogueiros* sobre os textos postados, além dos agradecimentos, dicas e sugestões de postagens. Esse espaço novo, de longo alcance, permitiu a uma constante atualização dele com o mundo e com a periferia. Na visão de Ferréz, a periferia exige muito mais dele, exige uma prova diária de seu compromisso e de sua responsabilidade como morador e ativista. As palestras em escolas, ONGs e Instituições diversas amplificaram seu público, diversificaram seus ouvintes e alcançaram outras “quebradas”.

Com toda a repercussão causada por seus escritos, pelo blog, sites e palestras, Ferréz foi convidado, em 2005, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a escrever um relatório sobre “Racismo, pobreza e violência”. Segundo Ferréz, o local ideal para se lançar tal estudo seria o próprio Capão Redondo, pois é lá que “tudo acontece”. Todo o relatório foi, portanto, baseado nesse bairro, tendo como principal protagonista sua crescente população

oprimida pela dura realidade. Assim, o relatório “Realidade Perversa” (Anexo 1), traduzido na íntegra para diferentes idiomas, traça um brevíssimo perfil da violência, do descaso, do medo, da educação deficiente e da exclusão social na periferia paulistana e brasileira.

Nesse mesmo ano, o livro *Capão Pecado* foi lançado pela editora Palavra, do grupo ASA, de Portugal. E *Manual Prático do Ódio* foi lançado pela editora El Aleph, na Espanha. O reconhecimento internacional resultou em notícias de primeira página nos periódicos *La Vanguardi*, *Barcelona* e *Currier Internacional*. O romance *Manual Prático do Ódio* foi, ainda, premiado no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 2005, agraciado com o prêmio Hútuz e com o primeiro prêmio Cooperifa, organizado pelo escritor/ativista Sérgio Vaz. Em 2006, pela Assembléia Legislativa de São Paulo, recebeu o prêmio Zumbi do Palmares, pelo conjunto da obra e das atividades sociais.

Mais três lançamentos literários completaram o ano de 2006: a história em quadrinhos *Os Inimigos não mandam Flores*; o livro *Amanhecer Esmeralda*, para o público infantil; e a primeira coletânea de contos, *Ninguém é Inocente em São Paulo*, que foi indicado, no ano seguinte, ao prêmio Jabuti, além de ter sido finalista do prêmio Portugal Telecom, na categoria “contos”.

Na cidade de Osasco, uma biblioteca reformada com materiais recicláveis e grafitada por profissionais da região foi batizada com o nome de Ferréz. O projeto é coordenado pela educadora social Rose Ribeiro. E na “quebrada” do Capão Redondo, mais um projeto fora concretizado: a inauguração da Biblioteca Êxodus. Depois de meses de reforma, reconstrução e reformulação do lugar, retratado no conto de mesmo nome, publicado em *Cronista de Tempo Ruim*, a biblioteca finalmente foi aberta na periferia, com o apoio da comunidade, de “camaradas” e comerciantes locais.

Além de compor e produzir as músicas de rap e incentivar a criação de novos grupos, Ferréz lançou dois CDs, em 2006 e 2007, respectivamente, e uma coletânea com o selo 1DASUL Fonográfica. Produziu ainda o DVD *100% Favela* (vol. I), com diferentes grupos, ao lado de Negredo e Talentos Aprisionados.

A essa altura, suas palestras não estavam mais concentradas em território nacional. Em setembro de 2007, Ferréz passou uma temporada em Berlim para realizar duas palestras em uma escola de educação infantil. Ao chegar lá, foi recebido por professores e alunos, os quais demonstraram grande paixão pela

pequena Manhã, personagem central da narrativa infantil *Amanhecer Esmeralda*. Nesse mesmo ano, nasceria sua filha, Dana Ferréz Pires da Silva.

Outros veículos de comunicação se interessaram pelo que Ferréz tinha a dizer sobre a periferia: em 2008, por exemplo, a TV Cultura ofereceu um quadro de entrevista semanal no programa *Manos e Minas*, o “Interferência”. As gravações do programa ocorriam no Bar do Saldanha, na presença da comunidade e com participação das crianças. Paralelamente, a TV Fox contratou-o para roteirizar sua série policial *9MM*.

Acusado pelo artigo 286 (apologia ao crime), Ferréz foi processado pela publicação do artigo “Pensamentos de um correria”, publicado em 2007, na Folha de São Paulo. O artigo conta a história de um assalto do ponto de vista de um assaltante. O Ministério Público acatou a denúncia, cabendo apenas a decisão do juiz. Frustrado, Ferréz fez um desabafo no blog, postado em junho de 2008, contando como se deram todos os depoimentos, as pessoas que o apoiaram, explicando o que um processo acatado pelo Ministério quer dizer:

Tenho, a partir de hoje, um processo contando no meu prontuário, quem mora em periferia sabe o que isso quer dizer, toda vez que for parado, vou ter que me explicar, e se não convencer o policial, posso ser detido para a averiguação, fora o tratamento para quem tem processo constando que é daquele jeito que agente sabe [...] Agora cabe a mim explicar a minha família que um texto fez eu ganhar uma mancha na minha vida [...] Mas sabe de uma coisa? Eu não mudaria uma vírgula do que escrevi, porque tenho absoluta certeza do que sou. (FERRÉZ. 2008, s.p.)

Ainda em 2007, participou do documentário “A Ponte”, de Roberto T. de Oliveira e João Wainer. O documentário é um passeio por Capão Redondo, com depoimentos de moradores, *rappers* e ativistas sociais presentes na região. No final do ano de 2008, depois de dificuldades estruturais, o estúdio 1DASUL foi inaugurado. Localizado em um sobrado grafitado com os rostos de Nego Dú, Preto Ghóez, Gilmar (Alvos da Lei) e Sabotage – atores da cena Hip Hop, mortos em diferentes situações –, pelo grafiteiro Gel, abriga em seu segundo andar o Espaço Ensaiaço, aberto aos grupos de rap para apresentação de seus trabalhos. O local tem aparelhagem especializada e tem sua entrada franqueada a todos os públicos, toda a última sexta-feira do mês.

Em 2009, surgiu o Selo Povo. Cansado de negociar valores mais baixos para seus livros, para que todos pudessem ter acesso, Ferréz abriu criou um espaço próprio no mercado editorial, com esse novo selo. O primeiro livro publicado foi

Cronista de um Tempo Ruim, vendido de mão em mão pelo próprio autor. Durante o ano de 2010, Ferréz saiu em turnê, lançando seu livro de crônicas, em diferentes locais e regiões do país e distribuindo, na periferia (leia-se em escolas, saraus, ONGs, bares, igrejas, lojas ou qualquer outro lugar disposto a “traficar ideias”), suas crônicas e a de futuros parceiros.

Os novos projetos não cessaram, e em 2009 Ferréz, ao lado de Dagmar Garroux, a Tia Dag da Casa do Zézinho, inauguraram os projetos *Interferência* e *Periferia Ativa*, locais destinados à contação de histórias, leitura, aulas de artesanato, música, pintura e ioga.

Finalmente, o documentário “Literatura e Resistência”, DVD que conta a participação de vários atores da cena Hip Hop e da Literatura Marginal, trata da trajetória de Ferréz durante os onze primeiros anos da sua luta na periferia.

Ferréz e a literatura marginal

Ao ser questionado sobre as críticas ao termo Literatura Marginal, o qual seria mais um estereótipo para a periferia, Ferréz é taxativo ao responder que não dá a mínima atenção para o que dizem a seu respeito e ao seu trabalho, afinal os críticos exercem sua função e ele, a dele. E, completando, afirma que se fosse dar atenção para tudo que dizem, ou que já disseram a seu respeito, estaria vendendo pão até hoje.

Em diversas entrevistas, Ferréz é enfático ao dizer que a literatura o salvou de um destino muito semelhante ao narrado por ele em seus escritos. Defende ainda que escrever é um dom, concedido por Deus a quem precisa. Para Ferréz,

escrever é uma das únicas formas de expressão onde não importa se você tem uma caneta de ouro ou se usa um pedaço de carvão para mostrar ao mundo suas ideias, se você tiver o dom você faz. Aqui [*Capão Redondo*] eu vejo muito moleque rimando que não sabe nem escrever direito, colocando no papel coisas que muito intelectual nem sonha em pensar. (FERRÉZ *apud* PINHEIRO, 2005, s.p.)

Onde estaria, então, se não fosse a literatura? “Balconista de padaria” foi sua resposta. E ao ser questionado se prefere a arte ou a revolução, Ferréz respondeu que prefere a arte, mas que a revolução é necessária e feita a cada dia, quando um livro é aberto ou quando uma mãe ensina seu filho a atuar melhor no mundo. Por esse motivo, Ferréz sugere que seus contos sejam lidos com precaução e cuidado,

pois “podem acarretar mais danos a um corpo já cansado, e a uma mente já tumultuada.” (FERRÉZ, 2006, p. 09)

A literatura abriu caminhos e espaços inimagináveis para alguém como ele. Ferréz colhe os louros do reconhecimento por seu trabalho, recebe convites para visitar lugares diferentes e locais com os quais só teve contato pela leitura de autores estrangeiros; vivencia novas experiências, compreendendo que seu trabalho na e para a periferia precisava de muito mais: mais livros e mais histórias a serem contadas.

Quem é o público da Literatura Marginal? Para Ferréz, seu público principal são todos aqueles que convivem, no dia a dia, na “quebrada”: o garoto do farol, a “tiazinha” da esquina do pastel, os trabalhadores, os desempregados. Não há, assim, espaço para uma visão romântica do leitor, pois este leitor busca identificação, representatividade, um significado capaz de proporcionar mudanças positivas dentro e fora do ser. (NASCIMENTO, 2009)

Já em seu primeiro livro de poemas (*Fortaleza da Desilusão*), por exemplo, o desabafo, sob a forma de poesia, se manifesta por completo:

Prefácil
Vamos andar
Como cegos,
Certamente,
No estranho
Jardim
De uma
Cultura já
Adormecida
(FERRÉZ, 1997, s.p.)

Em *Capão Pecado*, seu primeiro romance, a narrativa gira em torno de Rael e seu convívio com o bairro Capão Redondo. Exposto a difíceis escolhas e em constante reflexão, Rael é provocado e é provocativo, uma espécie de protagonista anti-herói. Traduzido e comercializado em outros países, a obra, nas palavras de um de seus estudiosos, pode ser definida, estruturalmente, do seguinte modo:

[*Capão Pecado*] apresenta uma série de elementos incomuns à maioria das edições no mercado editorial brasileiro, como por exemplo, seis textos de autores diferentes que aparecem como introdução das partes que o dividem. Além disso, duas séries de fotografias somando 37 no total, distribuídas, com exceção da primeira, em dois grandes blocos dentro da obra. A estrutura inicial, a princípio, segue o modelo tradicional: capa – folha de rosto – foto do autor – agradecimentos – homenagem – dedicatórias e prefácio. Mas, o que chama a atenção é a quantidade de dedicatórias. Além do prefácio, autoria

do próprio Ferréz, mais outros dois textos do autor aparecem: um poema convite e um recado ao “sistema”, este último é a grande dedicatória do livro, ocupando uma única página. Em seguida temos as fotografias e os outros textos de autorias diferentes, acima mencionados, distribuídos entre os capítulos e interferindo precisamente na leitura. (VELLOSO, 2007, p. 13)

Foi dos livros do autor, o mais discutido, tanto no âmbito literário quanto no âmbito acadêmico, onde, aliás, foi estudado sob diferentes perspectivas, da crítica literária à discussão sociológica. Segundo o já citado estudo de Velloso (2007), *Capão Pecado* procura assumir um papel pouco convencional para a literatura, um lugar conhecido apenas pelos MC’s⁴ no movimento Hip Hop, com o intuito de apresentar a periferia, sua gente e o que pensam suas ruas e seus esgotos, seus becos e suas casas sem acabamento, próximas a brejos que são como “o estômago do mundo a digerir tudo o que a sociedade do outro lado da ponte lhes arremessa” (VELLOSO, 2007, p. 15).

Segundo Pécora (2000), *Capão Pecado* é um protesto social, uma afirmação do orgulho da raça, criatividade artística e ameaça da revolução do Hip Hop, chamado, também, de movimento “gangsta”. O próprio Ferréz o classifica como o “rap da literatura” (FERRÉZ *apud* DEMAIO, 2009, p. 6). A temática pautada na exclusão social – um dos principais motivos literários da chamada Literatura Marginal – é praticamente jogada sobre o leitor, sem rodeios ou floreios.

Já seu *Manual Prático do Ódio* aborda diferentes narrativas sobre o cotidiano dos “mocinhos” e “bandidos” do Capão Redondo. A história gira em torno de um grupo de assaltantes armados e perigosos: Aninha (a única mulher criminosa das narrativas de Ferréz, sem família ou laços afetivos), Lúcio Fé (cujo dinheiro, arrecadado nas “correrias”, nunca é suficiente para a subsistência da família), Régis (racional, cruel e infiel), Celso Capeta (psicótico), Neguinho da Mancha na Mão (que faz “correrias” e quer sair do crime), Mágico (ex-capão, mora em um condomínio fechado das redondezas, o “cabeça” dos assaltos) e Modelo (ganancioso e traficante envolvido com a polícia). A arma é a única lei, segundo a qual vence quem a “saca” primeiro sem pestanejar, não importa para quem ou para que lado seja.

Toda a trama, passada na favela, é composta por personagens com o mesmo anseio por mudanças, utilizando as poucas opções e oportunidades dentro daquele sistema. Em meio às adversidades, o ódio adquire um sentido que alimenta a

⁴ Mestre de cerimônias do *Hip Hop*, responsável por “agitar” o público em uma competição de rap ou na apresentação de grupos. Figura fundamental na cultura, como afirma Toni C. (2005).

própria narrativa, causando uma disputa constante entre o bem e o mal. Ao mesmo tempo, o ódio perde sentido ante a esperança de um amanhã melhor e por meio das atitudes solidárias entre os moradores. Esses momentos são protagonizados por Dinoitinha, menino de sete anos, e pelo Sr. José Antônio, vítima de uns dos momentos mais angustiantes do enredo.

A obra, intenso do início ao fim, fala por si própria, apesar de ser muito diferente de *Capão Pecado*, sobretudo pela trama mais complexa e pela caracterização dos personagens. Segundo a crítica, o livro exhibe diferentes facetas do ódio e das razões que levam a matar, morrer e amar. De acordo com Rosa (2007), esse *manual* pode vir a ser considerado como um manual de sobrevivência do (a) excluído (a), aquele que vive sem expectativa de um futuro, com rupturas com o passado e que necessita aprender com os instrumentos à sua disposição para seguir adiante. O crítico confessa que, *a priori*, irritou-se com a nudez da narrativa, contudo, ao prosseguir com a leitura, percebeu a sinceridade e a consciência exposta nos personagens, fazendo com que o leitor repense a questão da literatura enquanto instrumento de inclusão social, por meio do reconhecimento das diversidades existentes nas culturas e o modo de se representar o contrato social.

Amanhecer Esmeralda, que teve mil exemplares vendidos nas primeiras semanas do lançamento, também se enquadra, por assim dizer, nas diretrizes estéticas e ideológicas da Literatura Marginal. O livro narra a trajetória da pequena Manhã, da escola à sua casa, falando sobre as pequenas ações que fazem a diferença na comunidade. A personagem, inspirada em uma criança que assistia às suas palestras e o impressionava pela altivez e postura comparada às grandes nobres africanas,⁵ é a segunda mulher de destaque nos escritos de Ferréz, que, particularmente nessa história, parece demonstrar grande esperança no ser humano e confiar na capacidade de uma transformação que ocorre de dentro para fora, contagiando aqueles que estão à sua volta.

Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica surgiu como um projeto de divulgação dos novos autores da Literatura Marginal. Primeiramente, essa coletânea composta por vinte e seis textos, assinados por onze autores diferentes, foi publicada no encarte especial da Revista *Caros Amigos*. De acordo com Ferréz, a ideia surgiu após a boa aceitação de *Capão Pecado* e da obra de Paulo Lins, *Cidade*

⁵ Nota divulgada pelo site da editora Travessa, responsável pelo lançamento e divulgação. Disponível em: http://www.travessa.com.br/AMANHECER_ESMERALDA.

de Deus (NASCIMENTO, 2009, p. 44). O projeto foi transformado em livro cinco anos após a publicação na forma de revista; o prefácio assinado por Ferréz, intitulado “Terrorismo Literário”, encerra como uma espécie de desafio ao leitor, desejando-lhe “muita paz se você merecê-la, senão bem-vindo à guerra”. (FERRÉZ, 2005, p.13)

Ninguém é Inocente em São Paulo é uma coletânea de dezenove contos e crônicas, escritos e publicados anteriormente em blogs e revistas. Trata-se de histórias que apresentam uma perspectiva diferenciada de São Paulo, procurando mostrar as “duas caras” da cidade, a que dorme e a que não consegue dormir. Cada texto relata uma ou mais experiências diferentes, inspiradas na vida real. O ódio expresso em palavras é literalmente perceptível, sendo possível compreendê-lo como uma espécie de diário: entre os relatos, há, por exemplo, uma carta transcrita, destinada ao pai do autor, que compartilha as emoções e impressões de uma cidade como São Paulo e como a população é alheia a sua própria história, identificada a um povo triste, “sem ídolos, sem história, e o pouco que tínhamos os representantes e descendentes de portugueses trataram de queimar, queimaram nosso exemplo” (FERRÉZ, 2006, p. 84), não restando nada além do sofrido presente. Em outros momentos, o autor descreve ainda os códigos de conduta impostos pelo sistema interno da periferia e a obrigatoriedade de manter-se fiel aos amigos, com os quais os laços são, muitas vezes, mais profundos do que os laços familiares. As crônicas relatam histórias sobre uma periferia acostumada à violência, que não se amedronta tanto diante dos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Cronista de um tempo ruim foi o primeiro livro lançado pela editora Selo Povo, do próprio Ferréz. Trata-se de um projeto que busca congrega escritores da mesma tendência literária – aqui chamada de Literatura Marginal –, mas com poucos recursos, muita criatividade e compromisso com a periferia. O livro é composto por vinte e três contos e crônicas, afirmando-se, em determinados momentos, como um desabafo e, em outros, revelando a dicotomia entre ser aceito ou rejeitado pela sociedade. No conto “Vida jovem em promoção”, por exemplo, o autor contesta o modismo em que a periferia foi transformada, e, embora os demais textos percam um pouco o tom de revolta, nota-se uma tendência para a crítica da atual situação política do país, para o questionamento do mundo capitalista e suas consequências na vida dos menos afortunados. Um fio de esperança é detectado em quase todos os contos da coletânea, sendo, para os autores, muitas vezes, tudo uma questão de

boas escolhas, mesmo em momentos de maiores dificuldades – essa parece ser, no final das contas, a hipótese central do trabalho de Ferréz. Apesar disso, há que se ressaltar que, segundo Mello (2008), as escolhas da periferia não são livres, pois sobre elas atuam condicionadores sociais, determinantes de classe e grupos econômicos, assim como as experiências em comunidade.

A crítica diante de Ferréz e da Literatura Marginal

Para Amílcar Cabral (s.d), revolucionário africano, não é o que o homem tem na cabeça que vai determinar a realidade, mas é a própria realidade que determina o homem. E dessa realidade surgem as transformações, pois o ser oprimido possui um olhar diferenciado, um olhar estrábico, algo como um estrabismo epistemológico (ROMÃO, 2007). Tal estrabismo se dá a partir da dupla visão que o sujeito marginalizado possui a respeito de diferentes questões sociais, econômicas e culturais. Nesse ponto, o ser se questiona e “racionaliza” seu conhecer, e essas são razões advindas de dentro para fora do convívio social, muitas vezes como resultado das frustrações humanas. As razões oprimidas são frutos de uma formação social, historicamente silenciada, de um sujeito criado coletivamente.

De acordo com Spivak (2009), o sujeito desse processo constrói sua consciência, não a descobre: o(a) subalterno(a) é constituído por uma imensa diversidade – ele/ela e sua coletividade –, formando-se a partir dos acontecimentos da realidade em que está inserido, podendo se expressar em ideias, palavras, discursos, um ser conscientemente transparente, que, ao se perceber como tal, entende e compreende sua fala e seu conhecimento, historicamente constituído. Contudo, ao negar-se na realidade, ao ter seu direito de fala negado, o ser atuante fica preso a um cotidiano opressor a todos os homens e mulheres. Com que *voz-consciência* o subalterno pode falar? pergunta-se Spivak (2009), estendendo seu questionamento para outras hipóteses-perguntas: pode o(a) oprimido(a) ser representado por meio da arte, da literatura da música e da dança? É possível uma literatura emancipatória, capaz de mobilizar e promover mudanças em uma realidade cruel, violenta e preconceituosa? E ainda: é possível uma forma de expressão artística, como a literatura, explicar, entender, representar, conhecer e educar o(a) periférico(a)? Esses mesmos questionamentos poderão ser encontrados no conto “Realidade que machuca”, por meio do qual Ferréz faz a seguinte reflexão:

devia ser diferente, a polícia devia ser comunitária, devia saber que nós do Hip Hop estamos ajudando, estamos mudando a mente dos moleques, mas assim tá foda conviver aqui, e às vezes penso: se não tem uns caras que põem essas coisas numa música, se não tem uns caras que escrevem isso numa coluna, quem vai falar? (FERRÉZ, 2009, p. 43)

“Essas coisas”, citadas no conto, referem-se ao uso de drogas, ao mundo do crime, tudo aquilo que pode vir a destruir vidas. Segundo Ferréz (2005), o favelado não é movimento, não é novo, e nem pobre, pois pobre é aquele que não tem nada. O (a) favelado (a) tem voz, mesmo que o sistema não a escute ou a tente calar:

Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!
Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve. (FERRÉZ, 2005, p. 09)

Neste pequeno trecho, extraído de um prefácio de Ferréz, há uma perceptível provocação, trazendo à tona a realidade castradora (*Cala a boca!*) e buscando ressignificá-la, rebatendo a expressão em tom de desafio (*Cala a boca uma porra...*). A partir desse desafio, o(a) periférico(a) berra, grita, canta e, principalmente, recusa-se a quietar-se, quer ser mais, ir além do limitado, sugerindo uma reflexão, própria do pensamento freiriano, “não entre o ser e o não ser, mas entre o ser e ser mais” (TORRES, 2001, p. 08). Assim, Ferréz quer ir além e dizer isso a todos, utilizando como arma – e não apenas como veículo de comunicação – a Literatura Marginal, por meio da qual dispara também todo o ódio, a revolta e o descaso que presencia no cotidiano de uma sociedade invisível aos olhos daqueles que habitam “antes da ponte”, pois, como se sabe, ao reforçar o silêncio, as massas populares dominadas tendem a serem mais dominadas ainda e cada vez menos capazes de alcançar a transformação. (FREIRE, 2002b)

A literatura conforma a relação do homem com o mundo exterior, e é nessa relação que o escritor marginalizado procura espaço, procura ser parte de uma mudança estrutural. Em sua conhecida obra *O que é Literatura?*, Sartre lembra que a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo a sua volta e considerar-se inocente diante dele. Escrever é um ato de liberdade que se propaga, tornando o leitor livre para a compreensão e para o *engajamento* de novos ideais que circundam o cotidiano.

Percebe-se, portanto, que a Literatura Marginal tornou-se autônoma e, segundo Bachelard (1998), ao assumir-se nesse sentido, a arte inicia um novo ponto

de partida, socialmente construído na prática comunitária, na escrita de um grupo por meio de um coletivo marginalizado reflexivo, pois para escrever um livro é preciso, antes de tudo, refletir. A literatura, assim, não pode ser considerada imutável, com categorias fixas e permanentes ou meramente definida como “bela, universal e eterna” (BENEVENUTO, 2010, p. 30). A literatura é uma representação artística de uma transformação social e histórica, constantemente redefinida por aquele que a escreve, assim como por aquele que a lê.

O tempo histórico é determinante no desenrolar das histórias narradas, uma representação da realidade recheado por situações de conflito, violência, descaso, impunidade entre outros. Segundo Soares (2008), o termo *marginal* surgiu em meados dos anos 1970, em virtude da resistência cultural que se firmava e se alastrava no meio artístico, especialmente no campo literário, preocupado em subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto. Segundo Pereira, citado por Nascimento (2009), esses textos eram marcados pela ironia, uso da linguagem coloquial e do palavrão, versando sobre temas polêmicos (sexo e tóxicos) e sobre o cotidiano das classes privilegiadas.

Nascimento (2009) também identificou como uma das características desse movimento, a criação de circuitos de produção e divulgação alternativos nos teatros, na música, no cinema e, principalmente, na literatura, ao serem publicados textos em livrinhos mimeografados, pichações em muros, jornais e camisetas. Uma característica muito semelhante a dos atuais autores marginais é que muitos deles tiveram seus textos publicados com a ajuda de editoras que estão fora do circuito editorial ou com o auxílio da comunidade, ONGs e blogs especializados na cultura Hip Hop.

A maioria desses “poetas marginais” da década de 1970 era oriunda das classes média e alta, estudantes universitários que possuíam vínculos com a comunidade artística. No caso dos atuais “poetas periféricos”, pode-se dizer que todos são oriundos da classe baixa, alguns são ou foram detentos, cantores de *rap*, além de não se dedicarem exclusivamente à arte literária, por uma questão óbvia de subsistência (a maioria ainda é balconista, camelô etc.). O contexto da “marginalidade” como forma de atacar o sistema e de contestar uma prática política fora ressignificado para uma nova população, pouco menos poética e mais agressiva, em que a palavra “rebeldia” foi substituída pelo termo “revolta”.

Quanto aos consumidores desses escritos da década de 1970, eram também membros das classes privilegiadas, pois essas produções não possuíam um viés popular, uma vez que retratava grupos de uma estrutura social marcadamente elitizada.

Segundo Soares (2008), tais conceitos e paradigmas foram reaproveitados sob uma nova ótica, outra perspectiva distinta da ideia original e sem a mesma “efervescência artística” (p. 92). Trata-se, portanto, uma literatura marginalizada pela sociedade, escrita por um grupo que não só representa uma parcela da população, mas é parte dessa população. E, segundo Ferréz, citado por Nascimento (2009):

a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (p. 68)

Ferréz identificou-se com o termo Literatura Marginal ao ler sobre autores daquele período histórico (anos 60 e 70), como João Antônio e Plínio Marcos, porque, como eles também faziam uma literatura diferenciada, à *margem* da sociedade intelectual, além do que, como o próprio Ferréz afirma, “sempre me chamaram de marginal” (NASCIMENTO, 2009, p. 43). Por conta dessa identificação, foi impulsionado, com a divulgação do romance *Capão Pecado*, a abraçar novos projetos, agrupando outros escritores periféricos que também buscavam a oportunidade da publicação.

Ainda de acordo com Nascimento (2009), o grande diferencial desses escritores, em relação às literaturas do circuito editorial hegemônico, relaciona-se ao fato de que, além de observadores, são também atores dos espaços retratados no texto, sujeitos marginais inserindo suas experiências sociais no plano cultural. Ou seja, do mesmo modo que carências sociais são divulgadas, “é uma maneira diferenciada de formular identidades coletivas e de reproduzir a cultura da periferia”. (NASCIMENTO, 2009, p. 164). Portanto, são escritores que não codificam suas histórias, para que as mesmas possam atingir o maior número de pessoas da periferia, utilizando-se da linguagem coloquial, gírias, palavrões e expressões comuns aos moradores da região. São publicações alternativas com preços acessíveis, divulgação nas escolas e até palestras com exemplares gratuitos para as comunidades carentes, como meio de divulgação dos trabalhos.

Benevenuto (2010), analisando os escritos da literatura marginal para a sua dissertação de mestrado, constatou que esse tipo de escrita tem por objetivo provocar, causar indignação até que a ação se faça necessária para a mudança das coisas, tal como elas estão dadas. Já para Santos (2008), essa literatura estaria na contramão da bem-sucedida tradição literária, rompendo com o entendimento linear e hierárquico. O escritor da periferia teria, assim, consciência da sua condição de periférico, de marginalizado, não permitindo a ele se desvincular das suas raízes, uma vez que atua de dentro e não consegue desprender-se das situações diárias, da própria marginalidade, conhecendo sua relação de oprimido-opressor e divulgando suas ideias para que o (a) oprimido (a) possa também se conscientizar, ou seja, engajando-se na sua função de escritor e tornando-se porta-voz daquele que lê. Segundo Oliveira (2009), é a partir desta circunstância que essa literatura se revestirá de certo realismo, de uma ideologia que não idealiza nem universaliza a condição humana, mas a compreende “de dentro”, a partir da experiência do sujeito.

De acordo com Benevenuto (2010), a literatura marginal surgiu nos meios acadêmicos como uma arma, capaz de transformar ou contar ao menos uma história silenciada, “na qual vale mesmo que a própria violência venha à tona em resposta a violência sofrida” (p. 63), ou seja, o importante para essa literatura é ser “do contra”, falar contra o discurso hegemônico. Ao discurtir sobre autores da literatura marginal, o autor observa que, no entendimento desses, a violência é a resposta ao caos proporcionado pela burguesia, uma resposta considerada justa.

Apesar do forte apelo à violência física, pois a violência e a marginalidade estão na base das condições de produção da própria escrita, os autores deste novo fenômeno literário estão cientes de sua realidade e das dificuldades impostas àqueles que são parte do mundo subalternizado e da opressão de ideias. A partir do momento em que a população oprimida toma a verdadeira consciência da sua capacidade, torna-se uma ameaça ao poder e ao sistema, pois, ao se libertar, o (a) oprimido (a) passa a não aceitar as péssimas condições dos serviços públicos, o aumento abusivo da cesta básica e a falsa caridade burguesa. Por isso mesmo, segundo Ferréz, “o que escrevemos só é nocivo pros porcos ricos, que dizem não saber o porquê de tudo isso”. (FERRÉZ, 2009, p. 53)

Para Velloso (2007), esta é uma escrita que alude ou compactua com objetivos do rap advindo das periferias de São Paulo, incentivando um grande pacto coletivo de união de forças e questionando as vidas lançadas ao desprezível e ao

intolerável. Neste momento, ao “dar voz às agruras”, essas vozes sobressaem-se por um instante, usando como veículo de protesto a escrita, divulgando as ideias antes de serem exterminadas ou banidas pela invisibilidade, pela insignificância e pelo anonimato. E, de acordo com Santos (2008), a comunidade cria sua própria lógica da vida, conduzindo, desta forma, o desenrolar dos acontecimentos, embora percam o controle sobre os próprios personagens, justamente em razão de a história ganhar força como “criação”.

Sendo a periferia é um espaço cultural e socialmente diversificado, traçar um perfil único para o (a) periférico (a) é aceitar uma imposição hegemônica, visando o controle dessa população, incentivando a sua invisibilidade e transferindo a esse sujeito a responsabilidade pelas mazelas da pobreza. O espaço torna-se coletivo, resultando numa consciência coletiva, embora ainda oprimida de fora para dentro e de dentro para fora. Santos (2008) observa que, nesse contexto, as influências e as expressões artísticas manifestam-se, quase sempre, fora do chamado *padrão literário*, advindas de outras expressões, como o *funk* carioca, a cultura afrodescendente, o rap e a cultura Hip Hop⁶ etc.

Citando Freire (2005), o homem precisa contribuir com a humanidade de alguma forma, aliás, contribuir com a formação do *Sendo*, pois o ser humano é constantemente formador ao tomar parte da história. O homem ou a mulher não contribui com cultura sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem agir, sem transformar e modificar. Em última instância, parece ser esse o papel desempenhado por Ferréz, que, segundo a crítica, aborda em textos crus temas da sociologia e antropologia, sem ser demagogo, além de traçar um perfil da periferia paulistana aplicável a qualquer outra grande periferia fora da cidade de São Paulo.

Por isso, Benevenuto (2010), mais uma vez, categoriza essa literatura como uma *arma*, um instrumento político capaz de modificar o que está posto, redefinir papéis e contar uma história. Para essa autora, Ferréz deseja ocupar, dentro do campo literário, um espaço que foi pouco ocupado por sujeitos pobres e periféricos, buscando abordar situações não priorizadas pela literatura e capazes de promover a mudança, resgatar o ser e exterminar as diferenças. No entanto, Ferréz, segundo a autora, passa por constantes contradições, especialmente quando o assunto é a violência, pois, ao mesmo tempo em que ele parece não querer agredir o outro,

⁶ Apesar de a cultura Hip Hop ser fruto dos conhecidos guetos norte-americanos, no Brasil essa manifestação agregou adeptos da periferia, redefinindo-se na cultura musical e corporal brasileira (TONI C., 2005)

ataca os chamados inimigos do pobre, expressando a urgência da destruição, inclusive dos(as) opressores(as). Com efeito, em resenha do livro *Capão Pecado*, Andrea Spacek (2003) critica o fato de Ferréz ater-se a um olhar excessivamente de dentro para fora da periferia: de imediato, ao optar por uma narração em terceira pessoa, perde-se em subjetividade e emoção, faltando – segundo a resenhista – diálogos internos e questionamentos aprofundados, o que levaria o leitor a uma solução óbvia e simplista. Por outro lado, o maior mérito da obra seria o acesso a todos, inclusive o (a) periférico (a).

Na visão de Santos (2008), a Literatura Marginal possui características muito específicas: a violência, as descrições desagradáveis da favela e a recusa de uma visão romantizada da pobreza. A violência, por ser apresentada de forma explícita, age como combustível, conduzindo todo ou quase todo o enredo das histórias. Um suposto projeto marginal sem teorização, sem definir se luta pelo confronto ou pela inclusão ou, ainda, se reconhece a impossibilidade dessa escolha. Por utilizar uma linguagem informal, o autor evita descrever os locais à exaustão, apegando-se somente ao estritamente necessário, motivo, aliás, de severas críticas; faz uso de gírias, palavrões e, por fim, a própria violência como um personagem ativo; o próprio bairro, aliás, é um personagem atuante nas narrativas, com as expressões e o vocabulário próprio da “quebrada”, dificultando, em certa medida, o entendimento por parte daqueles que nunca conviveram com a periferia.

Em entrevista concedida ao jornalista De Maio (FERRÉZ, 2010), ao *Boletim do Kaos*,⁷ sobre o que a Literatura Marginal faz de diferente e inovador, Ferréz responde, sem hesitar, que essa literatura representa não só a ele, mas a toda a comunidade envolvida, tornando-se um ato de comprometimento e de transgressão do comportamento estipulado pela sociedade burguesa. A Literatura Marginal seria, assim, a expressão e a comprovação de uma periferia ativa no mundo, produtora de arte, atuante na escrita e, portanto, construtora de novos e imprevisíveis significados.

⁷ Trata-se de um periódico que era distribuído gratuitamente no bairro Capão Redondo. Atualmente, encontra-se fora de circulação.

O UNIVERSO DA QUEBRADA

Universo
Galáxias
Via-láctea
Sistema Solar
Planeta Terra
Continente americano
América do Sul
Brasil
São Paulo
São Paulo
Zona sul
Santo Amaro
Capão Redondo
Bem-vindo ao fundo do mundo.
(Ferréz)

O “fim do mundo” presente na epígrafe é, no caso, a chamada “quebrada”, periferia descrita na abertura do romance *Capão Pecado*, que retrata justamente o bairro de Capão Redondo. Cenário das tramas narradas – ou documentadas – por Ferréz em quase todos os seus escritos, geralmente, os bairros periféricos são chamados de “quebrada” pelos seus moradores, e nas narrativas de Ferréz a comunidade do Capão Redondo é fundamental para a compreensão da realidade retratada.

O termo é próprio das periferias da capital paulistana, significando bairro, casa, região ou comunidade. No dicionário Aurélio (1999), o vocábulo *quebrada* é um substantivo que significa um declive ou aclive de um terreno ondulado, mas também qualquer curva nos limites externos de um capão. Nos escritos de Ferréz, a palavra é constantemente usada pelos diferentes personagens, demonstrando uma profunda relação do autor com o bairro, além do fato óbvio de seu primeiro romance se intitular *Capão Pecado*, uma homenagem às avessas.

A “quebrada” do Capão Redondo é um conhecido distrito da periferia paulistana, parte do chamado “Triângulo da Morte” (ANTUNES e GARROUX, 2008, p. 23), composto por Jardim São Luiz e Jardim Ângela, uma das “hiperperiferias”, diagnosticadas pelos estudos de Torres e Marques (2001) como locais detentores de características similares em relação ao pior de um bairro: pior infraestrutura, menor renda da população, maiores percursos para o trabalho e uma população que cresce três vezes mais que a população das regiões mais centrais de uma metrópole. O bairro, com quase cem anos de existência, localizado na zona sudoeste da cidade, é basicamente composto por moradores de baixa renda ou sem renda alguma, um imenso complexo de casas de alvenaria, construções irregulares, antigas residências e prédios do Complexo Habitacional do Adventista (COHAB), além de intenso comércio, constituído por diferentes lojas de grande e pequeno porte, algumas “biroscas” de moradores locais e comércio informal de ambulantes, sempre firmes na disputa pelo consumidor, em toda a extensão da principal avenida, a Avenida Comendador Santanna. Além de tudo isso, uma extensa faixa de casas que compõem diferentes favelas na região, pequenas “quebradas” dentro de uma maior. Apesar disso, Capão Redondo não foi criado nos “moldes” de uma favela: segundo Valladares (2005), favela é morro no sentido geográfico, porém no sentido metafórico ela aparece como um bastião, um ponto alto para observação de possíveis ataques, como ocorreu em Canudos, considerado o primeiro modelo de favela e, ao mesmo tempo, sinônimo de resistência. Naquela época, morar em favela representava a luta do oprimido contra um adversário poderoso e dominador, presente no início do século XX. Um mundo antigo, considerado bárbaro, sem ordem ou controle da violência, sem taxas de impostos a serem cobradas e nenhum contato com o chamado mundo civilizado. Capão Redondo não fica em um morro...

Em São Paulo, as favelas são datadas das décadas de 1940. Segundo pesquisas realizadas pelo governo municipal, as primeiras favelas oficiais

paulistanas foram as favelas da Mooca (favela do Oratório), Lapa (na rua Guaicurus), Ibirapuera, Barra Funda (favela Ordem e Progresso) e Vila Prudente (na zona leste). Diferentemente das favelas cariocas, concentradas nos morros, as favelas paulistanas apossaram-se de loteamentos precários da periferia, em locais de menor infraestrutura, sendo que o espaço para essas habitações possuíam uma relação de integração com o espaço do entorno, não constituindo um mundo social à parte. Um local para muitos considerado como o centro de proliferação de doenças, resultando em condições insalubres e num local que concentra pobres, cidadãos perigosos e nômades.

De acordo com estudos realizados por Torres e Marques (2001) ao longo das décadas de 1970 e 1980, os espaços chamados de *periféricos* foram tratados, principalmente, como regiões habitadas pela população operária migrante de outros estados. Uma população inserida muito precariamente na estrutura de renda e ocupações de determinadas metrópoles, podendo apenas construir suas residências em terrenos baldios públicos ou particulares, com o mínimo ou nenhum acesso a serviços públicos como transporte, saúde e educação, além de passar a maior parte do tempo dentro de ônibus coletivos, em longas viagens rumo ao trabalho e de volta para casa. Assim, a periferia, com o passar dos anos e o aumento dos moradores dessas regiões, começou a ser encarada como um problema: a região carente de serviços públicos tornou-se foco de doenças, espaço onde imperam a fome e a miséria, permitindo, de acordo com Velloso (2007), o surgimento do banditismo, da violência, do exótico, dos assentamentos urbanos, entre outros: “a periferia é por excelência, uma experiência complexa da cidade, que os discursos teóricos não sabem, muito bem, o que fazer dela.” (p. 47)

Em entrevista concedida ao documentário “A Ponte” de 2007, o ex-secretário de Desenvolvimento Social e atual vereador de São Paulo, Floriano Pesaro, ao ser questionado sobre o porquê de a Zona Sul ser considerada a pior zona da cidade, respondeu:

nós tivemos um processo histórico de ocupação na cidade de São Paulo em meados da década de 1980 e que foi muito prejudicial ao desenvolvimento. Por quê? As pessoas invadiram áreas de manancial de forma totalmente desordenada e o poder público não podia chegar lá para prestar os seus serviços, os seus produtos enfim, a oferta dos serviços públicos. Você não podia construir uma creche, não podia construir uma escola. Todo o sistema de transporte naquela região foi muito prejudicado. A gente brinca dizendo que é a região da cidade onde o ônibus não faz a curva, e por que não faz a curva? Porque são ruas estreitas, ruas apertadas, a ocupação totalmente desordenada e

a região da Zona Sul concentra tudo isso, porque o poder público demorou muito tempo pra se convencer que ainda que fosse área de manancial já invadida, ele tinha que ter presença, sob pena de nós termos lá uma anarquia e o caos completo. (PESARO, 2007)

De acordo com Velloso (2007), as periferias, favelas ou qualquer outro termo semelhante são *negativos urbanos* de um local organizado e civilizado, constituída não somente em espaços físicos específicos, mas apresentando condições adicionais de exclusão social, riscos ambientais (moradias em encostas e mananciais), desigualdade social e residencial. Haroldo Torres *et al.* (2003), em estudos sobre a pobreza da metrópole de São Paulo, enfatizam que as famílias localizadas na base da estrutura social tendem a viver em condições mais precárias e com oportunidades reduzidas, principalmente na sociedade brasileira, na qual ascender-se economicamente é algo relativamente difícil.

Embora o mercado imobiliário apresente diferentes projetos de habitação, com generosos financiamentos, a maioria da população não pode pagar quase nada para morar, ou seja, resta a essa população locais mais afastados, longe dos principais centros financeiros, longe de serviços públicos de qualidade e impossibilitando um crescimento ordenado e uma estruturação espacial adequada, com sistema de saneamento básico e transporte coletivo. Apesar disso, para Torres, Birchim e Carpim (2006), mesmo com o aumento do número de domicílios pobres nas regiões periféricas, houve, nas últimas décadas, melhorias significativas no acesso aos serviços públicos, com uma constante participação do Estado. Tais evidências possibilitaram como afirma Pasternak (2002), o surgimento de um novo conceito, o de “pobreza diferente”, que estaria associada ao aumento do consumo de bens e de serviços, ao papel das políticas públicas, à variação na estrutura de preços, à mudança no tamanho das famílias, à transformação do papel da mulher e a uma maior oferta de crédito para o consumo. Todos esses fatores permitem ao periférico aproximar-se do “centralizado”, em amplos estratos de classe média baixa, com características similares às regiões mais valorizadas da metrópole.

Quanto à região que concentra o Capão Redondo, esta ainda possui pavimentação precária, ruas sem asfalto, sem manutenção e urbanização, o córrego continua a céu aberto e, em épocas de chuvas, transborda alagando várias residências, tornando-as áreas de risco e contaminação. A limpeza e conservação da principal avenida ocorrem em épocas de campanha eleitoral, na maior parte do ano permanecendo entulhada de lixo. A quantidade de escolas (Estaduais,

Municipais, creches e Centro Unificado de Ensino Municipal da Cidade de São Paulo - CEU) ainda não é suficiente para suprir a demanda de crianças, jovens e adultos da região. Postos de saúde e hospitais são, igualmente, em número insuficiente, incluindo o policiamento que, apesar de ser constante, é constituído por bases móveis, com as frequentes *blitzes*, em que, sobretudo os motoboys – bem como jovens com o perfil semelhante, ou seja, negros, usando boné e moletom etc. – estão sujeitos a serem tratados como suspeitos. A área de lazer mais utilizada pela população é o Parque Santo Dias, localizado na COHAB Adventista e que, além de quadras poliesportivas, desenvolve atividades esportivas e culturais; e o recente Shopping Campo Limpo, principal ponto de encontro da maioria dos jovens, com praça de alimentação, cinemas e lojas. Além disso, há projetos sociais desenvolvidos por ONGs (Reviver Capão, Casa do Zezinho etc.) e manifestações culturais voltadas para o Hip Hop (Ensaio, shows abertos de grupos de rap etc.).

De acordo com Pasternak (2002), teoricamente há, mesmo nesse estrato social, certa melhoria, com acesso à telefonia fixa e a celular, além de bens domésticos como geladeiras, freezer, máquinas de lavar, televisores, aparelhos de DVD, os quais estariam mais presentes nas comunidades pobres do que nos espaços periféricos da década de 1970. Contudo, uma das questões que permeiam e caracterizam a periferia, e que ainda continua ativa, é a questão da violência. Além da pobreza, do descaso e da baixa infraestrutura, o morador da periferia é estigmatizado pelo crime e pela marginalidade. Os níveis de homicídios revelam como descrito por Santos (2008), um óbvio “efeito periferia”, que associaria, de imediato, os níveis de pobreza aos de violência. De acordo com Valladares (2005), que estudou o processo de favelização das periferias e a formação da favela em si, os moradores dessas regiões são, frequentemente, responsabilizados por sua situação de pobreza e, muitas vezes, por muitos males presentes nas grandes cidades.

A representação social do pobre quase sempre o associou ao vadio e ao desocupado, e se ele for morador de uma favela específica, como as do bairro Capão Redondo, o sujeito é automaticamente rotulado como *marginal*, tanto pelo fato de habitar locais regidos por um sistema de controle nos quais o Estado não exerce influência e cujas demandas não consegue suprir quanto pelo fato de acolher uma população, muitas vezes, ignorada pelo poder público e pela sociedade, o chamado *sujeito marginal* – nesse contexto, trata-se do criminoso, o fora da lei do

Estado, não o fora da lei da “quebrada” –, que encontra ali maior segurança, visibilidade local e, principalmente, uma identidade.

Visto também – de acordo com a lógica da sociedade capitalista – como um trabalhador e, evidentemente, um consumidor em potencial, o morador da periferia recebe, algumas vezes, a atenção do mercado, com direito a crédito e financiamento em longo prazo. De acordo com Ávila (2006), o morador da periferia usa o termo “trabalhador” carregado de valor moral e distintivo: “trabalhador é todo o homem honesto que optou pelo trabalho e não pelo mundo do crime” (p.19). Sendo ele detentor dos seus próprios ganhos, pois afinal trabalha honestamente, esse morador se vê também diante da opção do consumo, segundo a qual comprar, dentro do ambiente periférico, passa a ser sinônimo de *status*.

Naturalmente complexa essa relação entre a periferia e seu morador torna-se, muitas vezes, de difícil compreensão ao observador comum. Estudos de natureza antropológica demonstram que essa população marginalizada apresenta evidentes traços de heterogeneidade, tanto cultural quanto economicamente, o oposto da visão dominante, que tende a aceitar que todo o pobre/favelado/marginalizado é um meliante e que toda a pobre/favelada/marginalizada é uma empregada doméstica. Por isso, Antunes e Garroux (2008) referem-se à favela como algo muito além do que demonstram as estatísticas e as previsões daqueles que apenas a estudam, mas não a compreendem por dentro. Na verdade, a favela seria um *episódio social*, algo como um país dentro de outro país, afinal as “leis, regras, princípios, valores são diferentes dos que reconhece em prática nas cidades que as acolhe” (p. 21). Dessa maneira, completam os autores, nem dinheiro, nem prestígio pessoal – mais apropriados às grandes cidades – cabem, do mesmo modo, nestes espaços, pois ali o convívio com a violência, o tráfico e o abuso sexual, por exemplo, fazem, diariamente, parte do cotidiano.

A quebrada de Ferréz

Retomando o poema em epígrafe a esse capítulo, Ferréz inicia seu romance *Capão Pecado* com uma visão ampla e literal da periferia e, antes mesmo de dar início ao enredo do romance, ainda no prefácio do livro, destaca:

a pobreza aqui é passada de pai para filho, assim como a necessidade de se trabalhar dia e noite para comprar um pão, um saco de arroz, um saco de feijão. Mas é com amor e carinho que criamos nossos filhos, sem nos darmos conta do local, dos amigos incertos

e das coisas que injetam aqui, armas e drogas. [...] cantam a mesma canção [...] que só poderia ser feito para os habitantes de um lugar por Deus abandonado e pelo diabo batizado de Capão Pecado. (FERRÉZ, 2000, p. 17-18)

A contextualização feita pelo autor remete-nos a um local com alto índice de pobreza e abandono, uma suposta baixa renda familiar e a constante disputa entre o “bem” e o “mal”, o amor e a violência, *Deus e diabo*.

Diferentemente daqueles que pesquisam e discutem sobre conceitos diversos, existentes nas periferias, como observadores de uma sociedade contraditória, Ferréz não é um cientista social, ele não realiza pesquisas para compreender o seu entorno: o autor, engajado em seu trabalho de escritor, atua e opina ao mesmo tempo, levantando pontos de discussão sobre o meio e utilizando, para tanto, como veículo multiplicador de ideias, seus próprios escritos. Uma consciência – ou *sabedoria* –, resultante da experiência sociocultural, da visão própria de mundo deve ser levada em conta, pois negar esses *saberes* é ir de encontro ao real conhecimento do outro (FREIRE, 2002b). Ao escrever sobre a periferia, não significa que o grau de fidelidade em que a realidade é apresentada será maior, como afirma Oliveira (2009), mas o tipo de envolvimento que o narrador manifesta com os fatos e personagens que compõem o universo da narrativa é seguramente diferente. A “quebrada” tem seu ritmo (FERRÉZ, 2000), e Ferréz demonstra conhecê-lo bem, e de perto. Ao dar as boas vindas “ao fundo do mundo”, Ferréz prepara o leitor para o que está por vir, e é na leitura de seus livros que esse leitor descobre um mundo no qual a dor e a violência são representadas sem o menor pudor e demagogia: violência é violência, morte é morte e fome é fome. Por meio dessa perspectiva, podem surgir alguns questionamentos, na tentativa de explicar o conhecimento diluído em seus escritos: será, então, que a periferia possui apenas um lado? É possível realizar um debate pertinente, utilizando a literatura marginal como fonte de pesquisa para contextualizar as noções de periferia e de periféricos?

Segundo Oliveira (2009, p. 06), ao discutir a questão das lições de realismo e humanismo em escritos da literatura marginal, Ferréz não escreve *sobre* a periferia, pois não há, no seu entendimento, uma narrativa descritiva visando categorias de análise antropológica ou sociológica; ao contrário, o autor escreveria baseado no empirismo e na perspectiva pessoal. Seus personagens, por exemplo, nascem de uma realidade social, como um produto da ação – consciente ou não – do homem e

da mulher, ação que decorre de uma prática educativa diária, praticada não somente em ambientes de formação tradicional, uma vez que, como lembra Paulo Freire (FREIRE, 2001b), ninguém nasce feito, o ser humano, aos poucos, se constrói e se fortalece na prática social de que faz parte.

Para Ferréz, o Capão não é somente um distrito localizado “depois da ponte”, como aludimos aqui, mas, sim, uma favela com problemas de favela: sem infraestrutura, constante *blitzes* policiais, inundações, descaso, abandono e uma imagem atrelada à dor e à violência. Desse modo, Ferréz entende a “quebrada” como um fenômeno sem controle, espalhado por toda a cidade de São Paulo, forrada por lama, ladeando o centro e “de um canto a outro, sempre empurrada mais para lá” (FERRÉZ, 2009, p. 15), mantendo-a o mais afastado possível do centro e da burguesia. Além disso, como para finalizar o quadro traçado pelo autor, as favelas criam suas próprias leis, pois o favelado pede ajuda a quem tem mais poder, que, nesse caso, é controlado por aquele que dispõe de maior armamento, gerando uma forma de controle à parte da sociedade civil, pois, “a única coisa que representa o governo por aqui é a polícia, então todos imaginam como ele é representado” (FERRÉZ, 2009, p. 32).

O periférico e a periférica, o favelado e a favelada, o(a) marginal, o preto e a preta, o(a) pobre, o oprimido e a oprimida, o “ferrado” e a “ferrada”, seja qual nome atribuído ao morador da periferia, ele/ela é o pobre nascido e criado em locais marginalizados, onde construirá sua história, criará sua família e seus sonhos cheios de esperança de um dia seguinte melhor. Considerado pela sociedade burguesa alguém sem expectativas de melhora, preparado para aceitar seu destino como servidor braçal e, devido à cor da sua pele e a sua ignorância, fadado à marginalidade, o *sujeito periférico* é um dos principais elementos nas obras de Ferréz, que, por diversas vezes, deixa claras sua admiração e indignação a este povo sobrevivente, que consegue, apesar de todas as dificuldades, dar constantemente a “volta por cima”, num universo marginalizado, teoricamente predisposto à criminalização e à miséria, mas que, mesmo assim, “faz rap, faz cinema e a porra [*sic*] toda.” (BUZO, 2005)

Bauman (2008) define que os pobres são o que o resto do mundo não-pobre gostaria de ser, livres da incerteza, pois o pobre sabe qual o seu cotidiano, conhece seu futuro ansiando por melhoras. Sabe, ainda, que sua condição social não mudará da noite para o dia, sabe que terá que trabalhar para prover condições para seus

familiares e sabe, também, que o uso de drogas, roubos e assaltos só tem duas opções: a morte prematura ou a prisão. A renda dos trabalhadores formais e informais, por exemplo, varia de um a dois salários mínimos, e com poucas chances de um bom emprego uma vez que, segundo Ferréz (BUZO, 2005), o difícil para um morador da periferia é conseguir trabalho registrado, pois além de morar “longe do centro” ele conta, exclusivamente, na sua maioria, com o transporte coletivo deficitário. Mediante essas razões, Ferréz afirma que o povo sabe muito, e, se tomar o poder, transformará a vida dos poderosos.

Em *Ninguém é inocente em São Paulo*, no conto “O Plano”, descreve:

O meu povo é assim, vive de paixão, o ideal revolucionário também é pura paixão, muitos amam Lucimares, muitos amam Marias, Josefás, Dorotéias, e, na transubstanciação da dor, um tiro mata um empresário no posto, o plano funciona.

E quer saber?

NINGUÉM É INOCENTE EM SÃO PAULO.

Somos todos culpados.

Culpados.

Culpados também.

(FERRÉZ, 2006, p. 16)

Por que todos são culpados? Se o poder hegemônico coíbe as ações no sentido da melhoria de condições sociais, não permite o acesso aos serviços públicos básicos etc., por que somente os “manos” e as “minas” são considerados culpados por esta sociedade? A resposta, segundo Ferréz, é simples: porque o povo é leigo e não sabe reivindicar seus direitos, aceita passivamente os excessos da mídia, quer possuir mais do que deveria e não se preocupa em ser mais. Discute assuntos sobre futebol, na mesa do bar, mas não discute a situação do córrego a céu aberto. Isso torna o povo também responsável por sua situação, embora não de forma exclusiva.

Há, assim, uma contradição intrínseca à periferia: a “quebrada” não comporta mais o excesso de automóveis estacionados nas ruas, pois os proprietários não possuem uma garagem para guardá-los, quase todas as casas possuem eletroeletrônicos de última geração, mas que são perdidos nos primeiros instantes de chuva forte, praticamente todos possuem aparelhos de televisão LCD de 42 polegadas e um celular com funções diversas, mas as quais não sabem manusear; e embora todos esses bens consumam até 30% do salário, com uma média de um a três anos de dívida, esses mesmos moradores não conseguem o financiamento para

comprar uma casa própria na região. Tudo isso resultando uma constatação simples: “o país periferia se resume em uma rima: altos lucros e baixa estima” (FERRÉZ, 2009, p. 36), “rima” que se transmite ao consumidor (a) da periferia como uma falsa sensação de segurança e conforto, conforme afirma Bauman (2010).

Quando decidem reivindicar seus direitos, muitas vezes permanecem as contradições: não é raro os próprios moradores digladiarem entre si, queimando carros ou matando uns aos outros, às vezes por desconhecerem outros canais de escoamento de suas insatisfações e de reivindicação e protesto (MEIRELES, 2005), por isso, desconhecendo seus representantes e seus direitos, sem questionarem as informações que lhes são dadas pela mídia, acabam, fatalmente, sendo todos “culpados”. A criminalidade – como dissemos acima – tem contribuído diariamente para fomentar o ódio, além de acarretar outros percalços. Esse ódio parece ser, sintomaticamente, o reflexo da opressão que os cerca e da tragédia que os marca; sempre acumulativo, é ainda o resultado de uma série de fatores provenientes de uma condição de opressão contínua, em que, de acordo com Ferréz, o(a) oprimido(a) irá a qualquer momento “explodir”, na tentativa de conquistar seu espaço, e não se importará com o opressor, num processo, literariamente traduzido sob a forma de palavras de ordem, como “é hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar.” (FERRÉZ, 2003, p. 41).

Segundo Freire (2005), “quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram” (p. 47). A principal relação de poder e ódio existente na periferia é, com certeza, a relação da polícia com o favelado. Uma polícia, segundo Ferréz, despreparada, corrupta e temerosa pela própria vida, que repreendem todos aqueles que possuem características comuns ao favelado: preto, pobre e, supostamente, traficante. Independentemente do gênero, da cor e da idade, todos os moradores da periferia são da periferia por que querem, afinal, como afirma ironicamente Ferréz, “passa fome em São Paulo quem quer”. (FERRÉZ, 2009, p. 31) Não sendo linear, a violência pode se manifestar de diversas maneiras, além da física; há a violência contra o ser, manifestada na humilhação de um ônibus lotado, por exemplo. Ferréz afirma que a última instância, o grau mais alto em que pode se manifestar o ódio e a revolta, será com a pistola na mão: a arma, nesse contexto, significa poder sobre a vida e a morte, um poder que vai além das diferenças de classes, pois o (a) portador (a) da arma torna-se o senhor ou a senhora do destino alheio, sem nada a perder. O poder da arma é narrado em uma passagem

protagonizada por Aninha, a personagem feminina da obra *Manual Prático do Ódio* (2003), que narra a sensação de poder ao realizar uma “correria” em uma loja

“São Pedro vai chamar sua pedra mais rápido”, não sabe por quê (*sic*), mas sempre lembra essa frase, talvez a tenha ouvido quando era criança, essa frase só lhe vem a cabeça quando começa a lembrar do seu passado, lhe bate uma dor no peito, uma dor que não pára, não pára até ela tomar a decisão, vê sua mãe chorando de novo, seu pai sempre com aquela mão fechada, pronto pra acertá-la, revê a mesma cena que nunca pára. Ela saiu descabelada mais uma vez, lembrando as torradas que comia dia após dia, as lágrimas de sua mãe, foi sentido Moema, decidida a fazer uma loja já sabia que iria fazer a cena do louco, e sabia que chegaria no arrebento chutando a porta e os playboys a olhariam com desprezo e medo, e logo eles que têm tanto poder quando estão nos carros importados iam ter que se ajoelhar e rezar pra num dar em merda, porque a porra da maloqueira ali tava com uma dor lá dentro e qualquer um que desse motivo iria pagar. (FERRÉZ, p. 56).

Nessa como em outras obras de sua autoria, Ferréz demonstra entender como o ódio de que falamos há pouco se propaga. Não se trata de uma apologia ao crime e à violência, como querem alguns, mas de uma exposição – literária? – dos minutos que antecedem o ato violento e uma possível justificativa, sem fantasias e ilusões. No trecho citado, Ferréz não defende o ato criminoso, mas procura transcrever, *realistamente*, o ódio associado a esse ato, que se exprime no medo impresso nas palavras da personagem, na certeza de um destino incerto e no desejo de alguém pague pela dor sofrida no passado.

De acordo com Freire (1979), o homem precisa ser capaz de, além de fazer parte do espaço, saber-se nele:

saber que, se a forma pela qual a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar. (p. 16)

O maior problema, na eliminação ou extinção desse ódio, é a sua origem, a *consciência condicionada*, como afirma Freire (1979): o desejo pela fama, pelo dinheiro, pelo *ter*, que nega a natureza humana de *ser*. Ou seja: o ser passa a estar diretamente vinculado ao *ter*, a dar lugar a ele. Ter é o imediato, e passa a ser sinônimo de valorização, de *ser melhor*, que, na voz das personagens de Ferréz, manifesta-se como o nojo “daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores que os outros” (FERRÉZ, 2000, p. 35). O (A) periférico(a) também quer o melhor para ele(a) e para sua família, e por que lhe é negado esse direito?

De certa forma, “odiar” é o alimento para o periférico (a), para se manter digno perante o caos da vida diária, pois a ordem é o reflexo do constante controle do opressor(a), transformando o oprimido(a) em um ser inanimado, sem finalidades e sem objetivos. Na citada entrevista a Antonio Abujamra, no programa *Provocações*, Ferréz foi taxativo ao afirmar que prefere o caos à ordem, pois, segundo ele, a ordem só trouxe tristeza para seu povo. A ordem inibe a indignação e os questionamentos, torna o pensamento controlável e adestrado, iludindo o pobre a uma falsa segurança. (FERRÉZ, 2004)

A revolta é constante nesse cenário, mas não é única coisa que define um conceito para os “manos” e as “minas” da “quebrada”. Um dos elementos que precisam ser destacados é a capacidade de produzir cultura e a formação de uma identidade complexa, pois, segundo Freire (2005), o oprimido e a oprimida ainda guardam a consciência opressora dentro de si e, para se libertar precisam, primeiramente, se livrar desse “peso extra”. Porém, para que isso ocorra, o(a) oprimido(a) necessita se reconhecer como tal; sem esse reconhecimento, não é possível a superação. Essa libertação, ainda segundo Freire (2005), seria um *renascimento*: do re-nascimento do homem e da mulher, por meio da superação das contradições vigentes entre opressores (as) e oprimidos (as), surgirá a libertação.

ENSINO PARALELO: A EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DE FERRÉZ

*Capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra,
porque pouca coisa mudou, principalmente para nós.
Não somos movimento, não somos os novos, não somos
nada, nem pobres, porque pobre, segundo os poetas de
rua, é quem não tem as coisas.
Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a
boca! Cala a boca uma porra [sic], agora a gente fala,
agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve.*

(Ferréz)

Nosso estudo não tem por objetivo retratar Ferréz como um *mito* da periferia, um ser que ultrapassou todos os seus limites e superou-se a si mesmo e ao seu entorno. Ferréz é um escritor marginalizado justamente por viver, de certo modo, à margem da sociedade, além de se afirmar como um representante dos moradores da periferia, que, à sua maneira, buscam mudar a realidade a sua volta. O diferencial desse escritor-ator está, assim, na necessidade de não iludir, transparecendo uma perspectiva pessimista e derrotista quanto ao futuro do homem. Em outras palavras, somente ao periférico interessa a mudança da realidade, e para que tal mudança ocorra, a atuação na comunidade com alternativas educacionais e o incentivo a novos escritores, popularizando a leitura e permitindo o acesso ao conhecimento é fundamental, tanto para a transformação do sujeito quanto da sociedade em que se insere.

Na citada entrevista a Antônio Abujamra, Ferréz conta que foi convidado para estudar fora do país, em universidades dispostas a financiar sua formação e seus gastos, mas, não obstante o atrativo convite, recusou, alegando que ficar onde mora, onde se estabeleceu como cidadão, o ajudaria muito mais, não só na sua própria formação, como também na formação daqueles que estão a sua volta.

Estudando em outro país, não poderia ajudar nem sua comunidade, nem a si próprio. A convivência na comunidade foi desse modo, essencial para a construção de seus personagens e das tramas de suas obras, mas também para sua atuação como formador de opiniões. Presenciar a realidade e atuar nela como multiplicador de ideias acabou criando um vínculo muito forte entre Ferréz e a periferia, o que transparece claramente em seus escritos. Esse vínculo se estende a outras comunidades por meio de palestras, turnês literárias e divulgação dos elementos que compõe a cultura Hip Hop.

Todos esses fatos são, no final das contas, facilitadores de seu próprio desenvolvimento como escritor. E, ao transmitir essas experiências e conhecimentos por meio de diferentes veículos que não apenas o literário, Ferréz multiplica o aprendizado para o maior número de moradores da periferia, onde o conhecimento tende a se processar de maneira mais lenta ou, em alguns casos, sequer é processado. Segundo Brandão (2007), não existe uma única forma e nem um único modelo de educação, e “a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (p. 09)

Ferréz não despertou, repentinamente, de um profundo sono e decidiu tornar-se escritor e ativista; ele foi, por anos e anos, formado, de alguma maneira, com valores advindos de diferentes partes: da escola, da periferia, do convívio com seus habitantes. Como no trecho citado em epígrafe, neste mesmo capítulo, “agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve”, (FERRÉZ, 2005, p. 09) ao mesmo tempo em que responde à questão elaborada por Spivak (2010), acerca da possibilidade de fala da minoria, que anseia por uma representação legítima, por alguém que realmente conhece seus problemas cotidianos, condição alcançada pela vivência diária com a periferia. Ao se expressar, seja por meio do artifício literário ou não, o periférico manifesta o desejo de eliminar toda forma de poder opressor, seja qual for o lugar onde ele se manifeste, inclusive na arte.

Desse modo, o falar, cantar e escrever deixaram de ecoar sem retorno, já que Ferréz, deliberadamente, utiliza a arte literária para falar por ele e pelos outros, como uma espécie de porta-voz de uma comunidade que necessita ser ouvida, pois é parte da história brasileira contemporânea e de nossa atual cultura. Um exemplo do alcance dessa voz, ao mesmo tempo individual e coletiva, é a polêmica gerada com o lançamento de seu livro *Capão Pecado*, que, segundo Nascimento (2009),

ultrapassou o universo da produção literária e envolveu interlocutores do movimento Hip Hop, jornalistas, representantes de ONGs, acadêmicos e divulgadores culturais. Em outras palavras, sua voz foi ouvida a longas distâncias, ecoando de maneira incômoda em alguns setores da sociedade e atuando como um amparo àqueles que não acreditavam não possuir “voz”. Trata-se, no final das contas, de um novo tipo de formação educativa, um *ensino paralelo* criado e desenvolvido a partir de uma singular experiência pessoal.

A educação formal: Ferréz leitor

Nas Orientações Curriculares, documento oficial da Secretaria Municipal de Educação, publicado em 2007 e distribuído aos professores da rede de São Paulo, a escola atuante deverá ser o local onde espaços, além de educativos, possam suprir as vivências sociais, promover uma convivência democrática, apropriando-se ao mesmo tempo da construção e divulgação de conhecimentos, como também de “transformações de condições de vida das crianças que a frequentam”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2007, p. 11), com garantia da aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo.

O documento propõe que cada escola elabore seu projeto pedagógico de acordo com sua realidade e a da comunidade que a cerca. O conteúdo deve ser construído dinamicamente, levando em consideração as expectativas de aprendizagem pontuadas em cada disciplina, além de serem capazes de suprir as necessidades pedagógicas dos alunos. Esse documento é voltado para a escola pública municipal, que atende crianças e adolescentes provenientes de diferentes partes do município e com diferenças sociais e econômicas gritantes, um ambiente totalmente heterogêneo e, por isso mesmo, carregado de significados e significantes distintos.

O espaço destinado a educação formal, segundo Gohn (2010), a escola: é nesse ambiente, em particular, que se desenvolvem conteúdos previamente demarcados e estabelecidos, orientados ou direcionados por um grupo específico de educadores dedicados a essa função: os professores. Além disso, o espaço escolar conta com a colaboração pedagógica de outros grupos, também responsáveis pela formação do aluno, como a equipe pedagógica, composta pelo Diretor(a), Assistente

de Direção e o(a) Coordenador(a) Pedagógico. A escola é, desse modo, uma instituição regulamentada por lei e certificadora do conhecimento adquirido, organizada segundo diretrizes nacionais. As normas e as regras que a regulamentam estipulam um formato de atuação pedagógica e metodológica, assim como estabelece o conteúdo a ser ministrado pelos professores, que necessariamente deverá seguir normatizações prévias, por meio das quais se promova o aprendizado do aluno e contribua com a formação do cidadão. Finalmente, o aluno é categorizado por séries/anos, e para que as necessidades sejam cumpridas, a educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado e recursos financeiros tanto dos setores privados quanto dos setores públicos.

De acordo com Gohn (2010), na educação formal, diversas expectativas são mobilizadas, para que “além da aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), [...] haja uma certificação com a devida titulação que capacita os indivíduos a seguir para graus mais avançados” (p. 20-21). Como a autora destaca, nem sempre o aprendizado efetivo ocorre, principalmente nas periferias de uma metrópole como São Paulo...

Se a função da escola na vida do ser humano é contribuir na construção de uma sociedade justa, igualitária e digna para todos, possibilitando o acesso a conhecimentos científicos, sendo o espaço por excelência onde se deve cumprir essa tarefa, por que, para muitos alunos, a escola – sobretudo nas regiões periféricas – é considerada uma perda de tempo, onde quase nada se aprende? Aparentemente, o que se está ensinando não surte o efeito desejado, pelo menos para o cidadão periférico, uma vez que, para este, os conteúdos acadêmicos parecem não o preparar para a vida real.

Por meio destes questionamentos, o entendimento que se tem da escola está distante do conceito da “escola real”, e é bem diferente da escola desejada e descrita nos documentos oficiais. Subentende-se, ainda, que esses espaços não condizem com a realidade do aluno da escola pública, como demonstrado pelos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), segundo os quais 97% dos piores resultados no ENEM/2009 foram de alunos das escolas públicas de todo o país, índice abaixo das escolas particulares. Alunos que, teoricamente, cursam o mesmo conteúdo programático, do mesmo ano

letivo e realizando a mesma avaliação federal não produzem o mesmo resultado esperado.

De acordo com Brandão (2007), a educação do *colonizador* não tem valia como educação do *colonizado*. Temas que são pertinentes a um sistema elitista como fundamentais para uma boa educação de alunos que vivem em uma ambiente estável, em nada auxilia o aluno da periferia, naturalmente, heterogêneas ou de espaços similares. Connell (1995), em estudos feitos sobre a pobreza em escolas americanas, articular essa diferença de resultados a um fator explicitamente social: crianças advindas de família pobre são, no geral, as que menos êxito alcançam ao serem avaliadas nos mesmos padrões de crianças de famílias mais estáveis financeiramente, pois, além daquelas crianças possuírem menos poder na escola, são as menos capazes de valer suas reivindicações e terem suas necessidades satisfeitas; por outro lado e contraditoriamente, são as que mais necessitam da escola para obter educação e formação profissional.

Segundo Ferréz (HERRMANN, 2009), nada do que ele aprendeu sobre leitura teve relação direta com a educação formal. O próprio gosto que desenvolveu pela leitura surgiu por meio de antigas histórias em quadrinhos e fanzines alternativos. Em toda sua trajetória literária, Ferréz nunca cita a escola como um instrumento de transformação das condições precárias da periferia, pois entende a escola como reprodutora de modelos obsoletos e retrógrados, incapazes de suprir as necessidades de alunos carentes. De fato, como afirma Moacir Gadotti em entrevista à revista *Caros Amigos* (MENGARDO *et al*, 2010), a educação deve ser parte integrante do meio em que o aluno vive, não podendo ser tratada como um problema setorial, é um problema estrutural com os outros condicionantes como moradia, desemprego etc.

Para Freire (2001a), todo o planejamento educacional deve levar em conta a sociedade na qual o aluno está inserido, atendendo as suas marcas e seus valores, e só assim o processo educativo funcionará ao mesmo tempo como força estabilizadora e como fator de mudança. O equilíbrio, enfim, permitirá a mudança com a superação das deficiências. Uma educação voltada para o silêncio de quem teoricamente aprende, sem reflexão da sociedade, sem transformação, não gera o saber. Para Freire (2005), essa é uma visão distorcida do que é educar, é apenas o reflexo de uma sociedade opressora que estimula a cultura do silêncio, enfatizando a contradição e não a solução dos problemas legítimos:

quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.” (p. 68)

O aluno da periferia difere do aluno da não-periferia não somente pelas condições geográficas, mas pelos fatores que fundamentam tais condições. Contudo, na educação pouco se pesquisa a respeito dessa população e de sua *leitura de mundo*, que é completamente diferente daquela verificada em outros estratos sociais. O aluno da periferia, além de *aprender* (quando aprende), os conhecimentos da educação formal, precisa *apreender* os conhecimentos da educação da vida, como sobreviver a mais um dia, na maioria das vezes sem expectativas de um amanhã. E aqueles que “optam” por um aprendizado fora do esperado – tanto dentro da escola quanto fora dela – nem sempre são valorizados, apoiados e reconhecidos.

Em consonância com esse pensamento, Ferréz, em entrevista a Herrmann (2009), ao ser questionado sobre o valor da escola para sua própria educação, declarou que a escola o ensinou muito pouco:

eu acho que a escola perdeu o foco total de qualquer senso de realidade. Eu acho que a escola e a realidade não têm mais nada a ver e eu acho que uma geração inteira está errando de ir para a escola e os professores serem educados do que jeito que são também. Por que os professores também estão ferrados. (p.13)

O autor descreve, nesse trecho, seu descontentamento por uma instituição que deveria ser aberta e abarcar a todos, no entanto, trata-se de um local excludente e que ignora o ritmo de aprendizagem de seus alunos, suas necessidades reais como atores sociais, além de pouco conhecer a respeito de sua *leitura de mundo*. (FREIRE, 2005) O aluno da periferia não necessita apenas do conhecimento oferecido pela educação formal, ele necessita adquirir conhecimentos para a vida cotidiana, como sobreviver a mais um dia em meio às adversidades e muitas vezes sem expectativas de futuro, sendo, além disso, repleto de uma bagagem de conhecimentos natos ou, como Freire (2001a, 2002b) intitula, “saberes de experiências feitos”.

E, no entanto, Ferréz frequentou – como qualquer criança de sua idade e origem – a escola pública: cursou o ensino fundamental na EMEF Euclides da Cunha, vizinha ao córrego da Cohab Adventista, construída em cima de um leito de

rio em constante risco de desabamento. O ensino médio, ele cursou na Escola Estadual Margarida Maria Alves, também localizada na região do Capão Redondo.

O interesse pela leitura surgiu, contudo, fora do ambiente escolar, possivelmente a partir do contato com a Literatura de Cordel, que fora apresentada a Ferréz por seu pai, nordestino e pouco escolarizado. Além disso, frequentemente lia histórias em quadrinhos, buscava livros em sebo e em bibliotecas públicas fora do bairro. O primeiro livro que leu foi *Tarzan e os Homem-Formigas*. Começou a escrever, aos sete anos de idade, pequenos contos, versos, poesias e, principalmente, letras de rap. Nessa idade, bordou cinco bonés com o nome “1DASUL” na frente e “Capão Redondo” atrás. Os amigos, evidentemente, o questionaram sobre quem usaria um boné com o nome do Capão Redondo...

O despertar da curiosidade é algo subjetivo e difícil de ser explicado, porém, sem esse “interesse”, o sujeito não é capaz de novas descobertas e conhecimentos, motivo pelo qual, para Ferréz, a curiosidade em ler algo mais próximo da sua realidade de morador da favela permitiu-lhe conhecer melhor outros universos e trilhar caminhos pouco comuns a um periférico. De acordo com os relatos de experiência, publicados no blog do autor, a escola só reproduz um modelo obsoleto e retrógrado de “incentivo” à leitura, que não supre as reais necessidades dos alunos carentes, não atende ao público e não o motiva. O significado da presença da escola na periferia nem sempre é muito claro, causando não uma evasão, mas uma expulsão. Nesse sentido, não é o aluno que abandona a escola, mas a escola é quem o abandona. (FREIRE, 2001a)

A falta de identidade da escola na periferia é citada em diferentes trechos das obras de Ferréz, como, por exemplo, a história do pequeno Dinoitinha, personagem do *Manual Prático do Ódio* (2003). Durante suas “aventuras” na favela e na escola, Dinoitinha reconhece que não consegue entender nada do que o professor está falando e que seu único desejo é sair dali para ir ao recreio, pois aguardava ansioso a hora de se alimentar, já que não o havia feito naquela manhã. Ao divagar sobre a sala de aula, Dinoitinha faz uma reflexão profunda sobre a falta de infraestrutura e a dificuldade enfrentada pelo professor, como fatores fundamentais no descaso dos alunos pelo ensino formal:

a lousa toda pichada tinha pouco espaço para o professor escrever as matérias, as carteiras boas eram disputadas em longas discussões e de vez em quando saía até briga, nesse tempo todo era perdida mais de uma hora de aula. (FERRÉZ, 2003, p. 138)

Tudo sem muito sentido, para o personagem. Brigas e discussões por um espaço que, segundo documentos oficiais das secretarias de educação, deveria ser um espaço de convivência democrática. Dinoitinha não tinha mais do que sete anos de idade, sua educação provinha, na verdade, de sua experiência nas ruas do Capão Redondo, mal sabendo ler e escrever. Ele não entendia a função da escola, não possuía motivação para permanecer nela, assim como tantos alunos da mesma faixa etária e condição, que optam por abandonar os estudos precocemente ou, como alerta Freire (2001a), são expulsos por não alcançarem as competências básicas do ensino. Com efeito, “a escola pública não anda bem”, como afirma Freire (2001a), não por fazer parte da sua natureza pública, mas por percorrer uma trajetória histórica de dificuldades, descaso e constantes enganos sobre como educar.

Ao considerar o ensino escolar insuficiente e desnecessário para a vida na periferia, Ferréz não abre mão de sua importância: acredita e reconhece a importância do (a) professor (a) na vida do (a) aluno (a), por meio do contato com professores(as) comprometidos com o ensino e com o educando e não apenas com conteúdos vazios. Publicou em seu blog (Anexo 6) uma carta de uma professora carioca felicitando-o pelos livros e pela oportunidade de usar um de seus escritos para aproximar-se de seus alunos. Em agradecimento, Ferréz *postou* um texto em que defende que o professor merece abraço e não “borrachada”, já que, segundo diz, presenciou inúmeras vezes professores dispostos a “roçar” o matagal em torno da escola ou a comprar material com o seu próprio dinheiro para desenvolver atividades em sala de aula. Para ele, os verdadeiros professores são aqueles que “fazem de tudo para abrilhantar o ensino que muitas vezes não cativa o aluno, então professor num é só profissão, é uma missão com certeza.” (FERRÉZ, 2010, s. p.)

A participação da família no acompanhamento do desenvolvimento do aluno costuma ser mínima nas regiões periféricas. Segundo o autor, os pais saem muito cedo de casa e voltam muito tarde, cansados e fatigados, após um dia de trabalho, por isso, não conseguem acompanhar e nem sequer olhar os cadernos dos filhos. De acordo com Gomes (1995), a família é constantemente responsabilizada pelo fracasso escolar da criança. As políticas públicas e principalmente a instituição escola não consideram que o formato pai-mãe-filho/filha foi historicamente alterado, devido a uma maior demanda da mão-de-obra feminina, condições de vida

precárias, o fenômeno de crianças que precisam cuidar de crianças menores e mudanças psicossociais que afetam diretamente esses sujeitos e a vida escolar dos alunos.

Assim, embora reconheça o valor da educação formal, Ferréz utiliza seus personagens para demonstrarem outro lado da educação: a possibilidade, por exemplo, de aprender e progredir por meio da leitura de clássicos, como Hermam Hesse, demonstrando como esse conhecimento pode ser a solução para o descaso, para a falta de motivação e para a ignorância. Rael, um dos personagens da obra *Capão Pecado* (2000) lê Hermam Hesse, discute sobre as relações sociais incompreensíveis da favela, e, além disso, um de seus amigos, Narigaz, verbaliza a sua frustração pelo fato de todos os moradores da periferia serem classificados da mesma forma, como a “mesma coisa”, sendo que, infelizmente, são poucos os que querem algo diferente. O personagem, assim como o próprio autor, quer continuar estudando para ter um futuro melhor (FERRÉZ, 2000 p. 117). Ou seja, apesar de todas as dificuldades, a educação – dentro ou fora da escola – ainda é a grande oportunidade de se contribuir com a mudança para um futuro diferente daquele predestinado ao morador favelado.

Personagens secundários da trama também expressam suas opiniões a respeito da educação, como maneira para livrar seus filhos e parentes da marginalidade e das drogas: “põe ele no Senai, paga computação! Sabe, Dona Tereza, o que dá futuro pra esses moleques, hoje, é desenho e digitação.” (FERRÉZ, 2000, p. 113). Nessa passagem, esses foram conselhos dados a uma mãe que não sabia mais o que fazer para ajudar seu filho viciado, na constante busca da periférica pela solução “mágica” e definitiva. A escola, neste sentido, é muitas vezes vista como a “salvação” da juventude.

Na obra *Cronista de um Tempo Ruim* (2009), em que não existem personagens concretos, por se tratar de uma coletânea de textos publicados pelo autor em diferentes veículos de comunicação, o autor expressa suas opiniões não somente criticando o sistema governamental como também sua população que aceita pacificamente as promessas de políticos e a propaganda da mídia que continuamente promove um “consumismo desenfreado”. Defende a ideia de que as oportunidades tornam-se cada vez mais raras para aqueles que vivem “antes da ponte”:

quem tem mais estudo e alguém para indicar até pode arrumar alguma coisa, mas a maioria dos meninos e meninas daqui está literalmente fora do mercado de trabalho, e não há nenhum plano governamental nem da própria população para que isso mude. (p. 14)

A população periférica acredita em programas de televisão, no futebol, nos políticos e, às vezes, não acredita em si mesma, não acredita na mudança por meio de seus méritos, pois não encontra incentivo social por parte de um sistema que é visto como opressor. Na perspectiva freiriana, o oprimido aceita o destino preestabelecido pelo opressor por entender ser este o melhor meio e a única solução para as dificuldades. Não é livre para tomar suas decisões e nem criticar a realidade na qual está inserido. A pretensão dos opressores não é transformar a realidade que oprime uma parcela da população, mas, sim, controlar a mentalidade dos oprimidos. Como diz Ferréz (2009),

um dia a gente vai entender por que o nosso ensino é atrás das grades, por que é mais barato sermos treinados segurando uma pistola e matando outro periférico do que estudando algo útil. (p. 14)

Em outras palavras, o periférico foi educado para ser porteiro, síndico, doméstica, motorista, isso se tiver sorte de arrumar emprego. A escola parece, nesse contexto, ter parado no tempo, pois não traz à discussão temas que são pertinentes na vida do aluno. Completando este pensamento e utilizando as palavras escritas por Brandão (2007), podemos afirmar que a educação simplesmente nega ao outro aquilo que afirma na lei:

não há liberdade no país e a educação não tem tido papel algum nos últimos anos para a conquista da primeira; não há igualdade entre os brasileiros e a educação consolida a estrutura classista que pesa sobre nós; não há nela a consciência nem o fortalecimento dos nossos verdadeiros valores culturais. (p. 56)

Devemos reconhecer, contudo, por uma questão de justiça, que a presença dessa escola formal, na vida de Ferréz, contribuiu em diferentes aspectos de sua formação como leitor, mesmo que *em negativo*, já que ele conseguiu traduzir sua insatisfação com esse ensino, buscando novas maneiras de se exprimir, por meio de sua escrita e de sua atuação social. Sem essa vivência, talvez a possibilidade de criticidade desse autor estivesse fatalmente comprometida, e talvez ele não fosse capaz de desenvolver sua habilidade como escritor/ativista cultural bem sucedido.

A educação informal: Ferréz observador

Os pedagogos Antunes e Garroux (2008) descrevem a favela como um lugar tomado por ruas tortuosas e com endereços impossíveis de serem localizados. E apesar de serem raras as praças, a maior parte dos barracos é decorada com arranjos florais ou alguma planta. Segundo os autores, o lazer da favela está no boteco, na “bola jogada em arremedo de rua, bolinha de gude jogada nos buracos, risca-faca em noite de bebedeiras” (p. 22).

No segundo capítulo, descrevemos o perfil da periferia como um espaço heterogêneo e cheio de contrastes, onde reside a pobreza, o descaso, a violência e, ainda assim, um senso de comunidade por grande parte da população. Por outro lado, a periferia é também cercada por atividades culturais diversas (projetos sociais, grupos amadores de dança e música, entre outros), numa solidariedade e busca por melhorias em que todos ajudam e participam. Quando necessário, surgem – quase que “milagrosamente” – engenheiros, arquitetos, marceneiros, construtores e muitos moradores comprometidos com, por exemplo, a reciclagem de materiais, com a finalidade de erguer uma nova parede ou “encher uma laje”.

O processo de formação de uma população ligada ao “fundo do mundo” e a capacidade de sobreviver a ele no limite das condições humanas – numa situação em que as opções são controladas por uma sociedade temerosa em perder o poder, fenômeno que se soma às dificuldades provenientes da pobreza extrema – fazem da população periférica um caso singular: nessas condições, aprender a ler e escrever jamais estará atrelado a apenas um tipo formal de educação.

De acordo com Brandão (2007), nenhum ser está livre de educar-se livremente. Negar o saber do outro, adquirido pelo ambiente de convivência social e familiar, é subestimar o conhecimento resultante de um processo sociocultural, o que, segundo Freire (2002), resulta de um erro científico, pois sem a aceitação do senso comum não será possível a superação do conhecimento prévio, e sem essa superação o aprendizado é nulo, não havendo transformação dos conceitos, mas apenas imposição de ideias que pouco significam para a maior parte da população. Os “saberes de experiências feitos”, de acordo com Freire (2002), são saberes adquiridos pelo sujeito, ou melhor, pelo educando durante todo o processo de sua formação cotidiana, sem interrupção até o fim da sua existência. Com o acesso ao conhecimento formalizado da escola, o educando terá a possibilidade de superá-los de maneira consciente, mas sem abandonar sua bagagem histórica.

De acordo com Ferréz, a “faculdade da vida é mil grau” (FERRÉZ, 2009, p.77). A vida ensina o (a) periférico (a) a sobreviver no mundo, a atuar e obedecer, a construir sem morar, a gastar sem consumir, a matar seu próprio irmão, a ter fé e a pecar, acreditar em dias melhores e em programas de televisão. Esse conhecimento é adquirido nas relações sociais, fora do ambiente educativo formal, desenvolvido na informalidade, em locais de convivência comunitária, espaços distantes da escola. Independentemente se esse ambiente é a periferia ou não, o sujeito apreende informações continuamente, repassando-as para outros cidadãos de perfis sociais semelhantes. Assim, o aprender com a comunidade, com a família, é um processo que se consolida aos poucos, na convivência com muitas e diferentes situações, na de troca entre pessoas. A convivência, que abarca corpo e alma dos moradores da favela, faz com que o saber flua harmoniosamente, “pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende” (BRANDÃO, 2007, p. 18).

O sujeito incorpora valores e culturas próprias de pertencimento e de sentimentos herdados por meio da convivência social: “os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/etnia, religião etc”. (GOHN, 2010, p. 16), num processo educacional que é, tradicionalmente, considerado como uma *educação informal*. Os “agentes educadores”, na educação informal, são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, os colegas de escola, a igreja etc.; e os espaços educativos são delimitados por referências de nacionalidade, localidade e de maneira natural, sendo geralmente o núcleo familiar quem propõe, ou impõe, o local de aprendizagem, com base em crenças e culturas próprias. Não existe uma intencionalidade direta, com objetivos pré-determinados, uma vez que as relações são estabelecidas por gostos, preferências e pertencimentos, nas quais os saberes são adquiridos devido ao convívio de laços culturais e origens semelhantes. O educar, propriamente dito, não é um dos objetivos, mas criam-se hábitos, costumes e posturas aceitáveis ao grupo em questão. Dá-se ênfase ao modo de pensar e expressar, principalmente ao modo de se expressar por meio da linguagem oral, escrita e/ou corporal.

Para o jovem da periferia, no contexto da educação informal, a linguagem escrita ganha uma nova conotação, diferente da ideia, tradicionalmente aceita, do “escrever bem”, valorizada na educação formal. Esse sujeito, que é educado em um ambiente de poucas escolhas e carências em demasia, muitas vezes desenvolve a escrita o suficiente para conseguir um emprego, para atividades em grupo ou para

digitar “torpedos” em seus celulares. Além disso, em bairros de periferia, a linguagem das ruas – que se reflete nas gírias e nos jargões – é uma das principais características que delimitam o seu ambiente educacional informal. Ao manter as gírias, as expressões coloquiais e os palavrões nos seus escritos, Ferréz permanece fiel ao aprendizado da comunidade, aos laços de amizade presentes nestes ambientes. Ao dirigir-se ao outro como “mano”, por exemplo, o sentimento de fraternidade revela-se mais forte e acolhedor, já que se trata, de acordo com Khel (2000), de um tratamento de igualdade que gera um campo de identificações horizontais, em contraposição ao modo de dominação vertical. Em outras palavras, a educação da “rua” ensina a tratar o outro como seu “irmão”, como seu igual.

Além desses sentimentos de igualdade, essas comunidades, segundo Diniz (2010), têm suas próprias manifestações culturais, seus próprios códigos de respeito e companheirismo, em que as diferenças culturais se expressam e interagem junto com as experiências das dificuldades vividas, tornando-se força motriz de sobrevivência em um cenário socialmente desfavorecido. De acordo com Nascimento (2009), a linguagem dos personagens não apenas dá um tom de informalidade aos textos de Ferréz, como é um indicativo da necessidade do autor em registrar uma fala não culta, fugindo do padrão esperado na literatura e mais comum às músicas do rap. Tais gírias e expressões⁸ revelam um linguajar conhecido apenas daquele que mora na periferia, sendo que alguns são, até mesmo, expressões típicas do bairro de Capão Redondo.

Segundo Velloso (2007), a rua ensina para aquele que vive ali o risco constante de estar na tênue linha que separa o “certo” do “errado”, sem noção do que acontecerá no futuro, com necessidades precisam ser saciadas urgentemente, sem tempo para planejamentos, pois não há espaço para interstícios. A rua é, por isso, definida como

espectro, imanência. A rua era o espaço que resguardava o ensejo do livre, o liberto. Onde se podia esconder do controle. Lugar de fuga. A rua, o entre. O entre dos espaços de controle, o trabalho, a casa, a escola. Onde, ainda, podemos nos misturar no meio dos outros, mas hoje comprimidos pelo tempo. A multidão, a rua. A multidão de uns, de singularidades e subjetividades fracionadas. A rua não é de todos? E quem a toma para si? Na rua se podia ser. Na rua da multidão, não se é mais um. A rua não é o entre, pois acabaram os espaços intersticiais. A rua, saudoso lugar do ser, não do estar. Do vagabundo. Do boêmio. Do antigo *flaneur*. A rua, o branco, o zerar. Não mais. (p. 77)

⁸ “tá tudo pela ordi”, “depois a gente se tromba”, “depois nós troca ideia”, “tá embaçado” etc. (NASCIMENTO, 2009)

A sobrevivência nesta rua consiste em determinadas escolhas capazes de definir o sujeito periférico. A vida no crime é tentadora, atraente e curta. O sujeito sente-se atraído mais facilmente pelo poder da marginalidade, da arma de fogo e da adrenalina da ação, do que pela luta diária em condições precárias com resultados em longo prazo. Segundo Graciani (1999), a vida na rua contribui com um processo de degradação humana e, ao mesmo tempo, de emancipação transitória aos desafios diários.

Enquanto as opções são estreitas, as necessidades tendem a crescer a cada dia. Ser parte de um grupo que garantirá retorno financeiro, social (*status*), aceitação e possibilidades imediatas de consumo são chamarizes para jovens de todas as idades, motivo pelo qual, muitas vezes, pela vontade dos “camaradas” tende a superar os valores transmitidos pelos pais, de acordo Melo (2008). Neste interstício emocional e financeiro – talvez o único permitido no contexto aqui trabalhado –, as facções criminosas organizadas, ou não, recrutam tanto os meninos para distribuir as drogas (os chamados “aviões”), como as meninas para a prostituição, prática que funciona como suposta solução para as dificuldades financeiras, sociais e de aceitação pessoal:

for instance, your child goes to school but you don't know what happens on the way from school to the house because you're out at work. So your kid could become a *filho do tráfico*. This happens a lot [...] and that kid feels like he's something. (NEATE e PLATT, 2010, p. 7-8).

O trecho acima é o depoimento de uma moradora de uma das favelas do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, numa transcrição feita por Neate e Platt (2010). Nesse depoimento, a moradora fala sobre o sentimento de estar “sem saída” e sobre o instinto de sobrevivência de moradores de uma comunidade violenta, em que o crime é parte do cotidiano; é exatamente nesse ambiente hostil, com intensa carga emocional, que a criança e o jovem aprendem, se desenvolvem e se educam, longe da escola formal, mais preocupada com o “ler e escrever corretamente”.

A violência é tão presente no cotidiano dessas comunidades, que Ferréz indigna-se com a reação dos moradores do bairro ao se depararem com um corpo estendido no chão, sem expressarem qualquer sentimento, pois ali jaz mais um defunto na “quebrada”. A indignação do autor, perante essas questões “não

percebidas” pela sociedade, soa, contudo, como algo “normal”, já que se trata de uma ocorrência diária: “terra onde matar periférico causa silêncio e frustração e matar do outro lado da ponte causa indignação, passeatas, mudança na legislação” (FERRÉZ, 2009, p. 32), o que, mais uma vez, demonstra o processo de desumanização de que o (a) periférico (a) é vítima.

E nesta sociedade, composta por diferentes episódios extremos, famílias são constituídas dia após dia. A família, um dos principais núcleos de educação informal, é construída de diferentes maneiras nesta sociedade. De acordo Gomes (1995), a família geralmente é responsabilizada pelo fracasso escolar do jovem por três motivos. Primeiro, na formação deste jovem, referente ao seu comportamento social, quando ele não condiz com as regras de uma convivência pacífica; segundo, no fracasso, ao não propiciar a esse jovem um desenvolvimento mental pleno; e, por último, na falta de um ambiente emocional adequado. Santos (2008), contudo, compreende a periferia, ao interpretá-la por meio das leituras e análise da Literatura Marginal, como um espaço de horrores, fomentado por almas tristes e sonhos frustrados, pessimismo e crianças sem futuro. Nesse local, o(a) pobre passa a maior parte da sua vida, cria novos laços familiares e se estabelece sem questionar o descaso da administração pública. Diante dessas perspectivas, cumpre perguntar, quais as chances da criança não fracassar na escola?

A criança da periferia cresce com a responsabilidade do serviço doméstico e da criação dos irmãos menores, sem que haja um horário destinado ao estudo, além daquele disponibilizado pela escola. Os pais, quando ainda forma uma família estável, têm uma rotina de trabalho difícil e longa, pois saem cedo para trabalhar e retornam muito tarde. As famílias, geralmente, são numerosas e vivem em espaços reduzidos e de pouco conforto. Enfim, o objetivo da família está concentrado na subsistência, em ter um teto sob suas cabeças, manter-se empregado por mais um ano e quitar as dívidas feitas em longo prazo. De acordo com Bauman (2010), a lógica do capital é mais forte nas camadas mais carentes da sociedade, pois as dívidas tendem a ser mais longas e, geralmente, as necessidades materiais nem sempre são satisfeitas. Nessa ausência dos pais e responsáveis e no aumento da aquisição de aparelhos eletrônicos entre as famílias da periferia, surge um novo “professor”: a mídia televisiva. Segundo Melo (2008), a cena doméstica agregou outro personagem mais atuante e decisivo nas decisões familiares e com capacidade de mudar a opinião dos seus membros: “a tela da TV é uma outra rua”

(p. 12), muito menos violenta, literalmente falando, e muito mais interessante. Assim, a mídia trabalha a favor do consumo, de acordo Bauman (2010), criando uma relação de co-dependência com o telespectador, que é seduzido por imagens fantásticas de pessoas sempre bonitas e saudáveis, sempre bem-sucedidas na vida. O(a) periférico(a) também quer o melhor para sua família e para si próprio. De fato, de acordo com Freire e Guimarães (1984),

independente de os alunos serem muito pobres ou de classe média, os meios de comunicação de massa estavam influenciando sobre eles, e eles estavam elaborando também a sua visãozinha de mundo a partir daquilo que recebiam desses meios. (p. 13)

A citação acima data de 1984, e já havia, então, uma grande influência dos meios de comunicação; hoje, com o acesso à internet, as redes sociais, o celular, as TVs de Led, enfim, com o desenvolvimento da tecnologia e a facilidade com que o jovem tem em adquiri-la, esse novo “professor” ganha cada vez mais espaço e cada vez mais adeptos entre os periféricos.

De acordo com Ferréz (2009), a mídia vende tudo. Vende sonhos, desejos e vontades, não dando espaço para as coisas positivas que acontecem na favela, uma mídia que “enche os olhos” do povo com novidades, mas não o representa verdadeiramente, mostrando-o apenas por uma ótica invertida, já que “crime contra pobre num conta, num adianta denunciar, a gente quer é sequestrador” (p. 15). Santos (2008) afirma que o “sujeito marginal”, fruto deste ambiente de caos urbano e com informações, na mídia, de intensa violência nos bairros pobres, tende a defender a periferia, pois é nesse local, que é o seu espaço, que adquire o direito a uma identidade.

Tem-se então, um sujeito constituído por meio de alguns ambientes fundamentais na sua formação como ser humano: a comunidade e a família. De acordo com Freire (2002), a localidade do jovem é o ponto de partida para o conhecimento, a informalidade do local onde cresce é a primeira e inevitável face do mundo real, e Ferréz alerta que se esta realidade não for discutida abertamente com o(a) periférico(a), a escola torna-se obsoleta e mais repressora, provocando maior distanciamento da comunidade que a circunda, diferentemente do que ocorre em relação à comunidade, pois quanto mais a escola afasta, mais a comunidade se aproxima da criança e do jovem.

Em meio a todas essas considerações e experiências, Ferréz assumiu a postura de *observador*, ator e crítico da realidade periférica. Aprendeu com os erros vivenciados e aprendeu a ler o mundo à sua “maneira marginalizada”, expressando-se por meio da literatura, da música e das ações comunitárias, pois, segundo Ferréz (2009, p. 15) “a vida aqui é outra, se você não a vive, não sabe do que se trata [...] somente vivendo a gente aprende algumas coisas”.

Na obra *Capão Pecado* (2000), o personagem e anti-herói Rael é crítico, observador e leitor, porém não era o único. Dentro da trama, outros personagens também narram as frustrações com a situação. Um jovem chamado Narigaz, dialogando com o amigo Matcheros sobre os acontecimentos da periferia e sobre algumas superstições que circundam a própria formação do bairro, em determinado momento, expõe suas ideias e reflexões:

então se liga, os *playbas* têm mais oportunidades, mas na minha opinião, acho que temos que vencê-los com nossa criatividade, tá ligado? Temos que destruir os filhos da puta com o que a gente tem de melhor, o nosso dom mano. O Duda e o Devair pintam pra caralho, o Alaor e o Aice fazem um rap bem cabuloso, o Amaral e o Panetone jogam uma bola do caramba. Você, Matcheros, desenha até umas horas, mas tão aí tudo vacilando, cês tem que se aplicá. Uns tentam, outros desistem fácil demais, e o que tá acontecendo é que o tempo passa, tá ligado?, e ninguém sai dessa porra. Mas vai lá trocá uma ideia cinco minutos e você vai ouvir reclamação até umas hora. Tá tudo ruim, cara, o mano agora é pai de um bebê, o pai do outro fugiu com uma vaca, o pai de cicrano é tão filho da puta que tão dizendo até que é bicha, e daí pra pior. Mostra aqui, quem tem o dom de ler um livro, quem aqui você viu dizendo que tá tentando melhorar, que tá estudando em casa, que tá se aplicando? Ninguém, mano, pois pra sair no final de semana e beber todo mundo sai; mas pra estudar, aí é embaçado, e o futuro fica mais pra frente, bem mais pra frente daqui. (FERRÉZ, 2000, p. 118-119)

Apesar do conceito elitista propagado a respeito de quem vive na periferia, e da constante ameaça de uma revolução armada, Ferréz defende a capacidade deste morador e moradora de criar, cantar, escrever e inventar. Cita exemplos, no trecho acima, de moradores *rappers*, desenhistas competentes, muitos deles divulgadores do movimento Hip Hop. Todavia, as dificuldades e o desânimo parecem ser mais fortes do que o desejo de transformação.

A educação não formal: Ferréz educador

Na discussão feita por Brandão (2007) sobre como se conceituaria educação, o autor destaca que, para os índios e camponeses, o seu modo de ensinar difere daquele modo de ensinar da escola dos brancos, pois para aqueles grupos o que de fato importa é educar o sujeito em prol da coletividade. Essa noção, entretanto,

perdeu-se na educação formal, que tende a valorizar o individualismo do sujeito, o acúmulo de saberes. Isso ocorreu, ainda, devido a um esquecimento, ou ocultamento, da verdadeira função da educação, o de ser uma prática social.

Na busca pelo renascimento da educação como prática social, como afirma Brandão (2007), formas próprias de educação emergem por parte dos grupos minoritários:

a aparente “primitividade” do pobre contra a invasão sobre ele da “modernidade” do senhor é um meio popular avançado de lutar por manter e recriar uma identidade própria de subalterno (de índio, de negro, de colonizado, de escravo, de camponês), de manter seu próprio saber e as suas próprias redes de educação. (p. 107)

Essas “redes de educação” provêm de setores populares que, além de resistir e lutar por melhores condições, tornam o saber mais orgânico, mais condizente com sua realidade. Gerando um ciclo contínuo e dinâmico de educar a si próprio e ao outro, divulgam outros tipos de mestres entre as pessoas do povo, popularizando novas situações de aprendizagem. Uma educação “fora dos muros da escola”, tornando-se o oposto do que se costuma entender por educação, com intencionalidades que se voltam a uma ação *para* e *com* o povo.

Esta intencionalidade é conduzida por objetivos pré-determinados e não ocorre “naturalmente”: o seu desenvolvimento tem objetivos concretos, já que a *finalidade*, para o aprendizado, não se perfaz por características da natureza, não é algo naturalizado. Segundo Gohn (2010), esse tipo de educação pode ser compreendida como uma *educação não formal*. Trata-se, em outras palavras, de uma educação diretamente associada ao “mundo da vida”, por meio do compartilhamento de experiências e vivências em ambientes de ações coletivas. Esses ambientes possuem uma proposta de atividades previamente discutida pelos envolvidos, e os agentes formadores são os “outros”, pois há a figura do educador social, responsável pelo espaço e os processos educativos, fazendo uso de locais alternativos e lançando mão de processos interativos intencionais.

Esses ambientes são, na maioria das vezes, construídos coletivamente, segundo o próprio grupo formador e formando, podendo acontecer de maneira optativa, pela participação ou por forças de certas circunstâncias. De acordo com Gohn (2010), a finalidade principal da educação não formal é “abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais” (p.

19), e já esteve associada com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Social e Sociocomunitária e a Educação Popular, com enfoque na alfabetização social e políticas de integração para uma população que não teve acesso ao ensino regular. Ainda de acordo com Gohn (2001), essas ações populares são o resultado de um desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo, visando à massificação das relações sociais, criando um descompasso entre o alto desenvolvimento tecnológico e a miséria social de milhões de pessoas. Todo este cenário deu abertura a um novo ator histórico: os movimentos sociais, dispostos a mobilizar o maior número de cidadãos e cidadãs na busca por mudanças sociais. É em razão desse objetivo e dessas ações que surgiu, ultimamente, uma quantidade relevante de Organizações Não Governamentais (ONGs), muitas delas localizadas nas principais periferias do território nacional. Segundo Graciani (1999), os trabalhos dos movimentos populares, sindicais e sociais tentam “captar a vida emergente dos trabalhadores, resgatar a criatividade de seu saber, as suas novas formas de enfrentar o cotidiano e o seu aprendizado, tendo em vista uma proposta de caráter político”. (p. 29)

Segundo consta, a possibilidade de um cidadão ascender socialmente devido a sua participação em movimentos sociais, reivindicando seus direitos, é maior. Tais coletividades agregam “grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de favelados que lutam pela posse da terra, grupos de moradores pobres que lutam pelo acesso a algum tipo de moradia etc.” (GOHN, 2001, p. 16). A autora também destaca grupos não tão explorados no plano de produção ou dos direitos humanos e básicos, como aqueles que lutam pelo exercício da cidadania e reconhecimento social, como o dos negros, dos homossexuais, das mulheres, pela paz, em defesa da ecologia e demais setores.

A educação popular, não formal, tem como princípio básico o desenvolvimento de uma ação pedagógica conscientizadora, atuando sobre o nível cultural das camadas populares, a partir das demandas explícitas de seus reais interesses, como destaca Gohn (2001), tornando-se uma ameaça às classes dominantes, pois, ao adquirem um caráter deliberativo, as camadas populares passam a exigir de seus governantes uma postura mais correta, a qual beneficiará toda uma comunidade.

Com toda a carência vivenciada por crianças e adolescentes da periferia, e com o excesso de teoria nas escolas, que quase nada representa para esses

sujeitos, as ações não formais são elementos mais atrativos. Freire (2001a) destaca que o afetivo é fundamental e determinante na construção do cognitivo, e, neste ponto, a educação não formal adquire vantagem em relação à educação formal. Ao associar esses espaços de aprendizagem ao subjetivo, como destacam Antunes e Garroux (2008), cria-se um vínculo indissociável deles com a identidade dos sujeitos envolvidos, e é exatamente nesse ponto que a educação não formal acerta, por aceitar a realidade de seus frequentadores e tentar transformá-la por meio de recursos pedagógicos como oficinas de teatro, de dança, pintura etc.

Entretanto, Gohn (2001) também aponta o outro lado da questão, a construção da cidadania por meio de práticas equivocadas. Tais práticas, sem uma verdadeira intencionalidade, tendem a privilegiar ações corporativas, de acordo com os interesses dos grupos envolvidos, fazendo com que os setores que deveriam se unir em prol de uma única causa disputem espaços de visibilidade, privilegiando interesses específicos em detrimento dos interesses coletivos. Além desses problemas, de natureza política, outro ponto não pode ser deixado de lado: como assinala Freire (2001b), os movimentos populares, com ou sem escolas comunitárias, têm como dever pressionar, exigir e enfatizar, em sua luta política, o cumprimento do dever do Estado, responsável por investir na escola pública, democrática e com qualidade. Deste modo, cabe a esses movimentos fazer valer tais princípios.

Essas ações comunitárias precisam de agentes predispostos a conduzi-las, a fim de que alcancem seus objetivos, como dissemos anteriormente. De acordo com Gohn (2010), o educador social é peça fundamental para atuar junto às comunidades, agindo como o elemento estratégico nas ações coletivas da educação não formal. A participação deste sujeito torna-o muito mais do que um simples animador de grupo, exercendo um papel ativo, propositivo e interativo, desafiando o grupo de participantes para a descoberta dos contextos que potencializem a construção de ideias, conhecimentos e debates. Segundo Graciani (1999), a importância do educador social se dá quando este observa atentamente seu público e percebe as sutilezas nos momentos da ação educativa. Sendo também de extrema importância, partir da realidade deste sujeito, o propósito de superação de suas condições, de ultrapassagem desse momento inicial, possibilitando a ele a ampliação do conhecimento crítico em relação ao seu entorno e garantindo-lhe o acesso ao conhecimento mais elaborado:

o Educador Social de Rua é um mediador do diálogo do educando com o conhecimento. Assumindo a intervenção, a diretividade do processo, revê a diferença entre o seu saber e saber do educando e compromete-se com a assimetria inicial, caminhando na direção de diminuir gradativamente essa diferença. Ter intencionalidade, dirigir, é ter uma proposta clara do trabalho pedagógico, é propor e não impor, é desafiar o educando para aprender a pensar, elaborar e criar conhecimentos. (p. 208)

Graciani (1999) direcionou a definição acima para os Educadores Sociais de Rua, sobre os quais escreveu seu trabalho. Contudo, os princípios para o Educador Social nas ONGs podem se ajustar a essa descrição: o conhecimento do bairro, da comunidade e dos seus integrantes permite a este Educador ou Educadora compreender e entender melhor as dificuldades provenientes desta população específica. Para Gohn (2010), “o aprendizado do Educador Social numa perspectiva da educação não formal realiza-se numa mão-dupla – ele aprende e ele ensina.” (p. 51)

E quanto ao *educador* Ferréz? O autor se considera um Educador Social? Conhece a importância pedagógica do seu trabalho na “quebrada” e, como isso, poderá influenciar na vida de crianças e jovens desacreditadas pelo sistema educacional?

Segundo a descrição das ações sociais promovidas pelo Instituto 1DASUL, as principais metas desta instituição para a comunidade é a promoção da educação, o fortalecimento da cultura Hip Hop e a geração e gestão de bibliotecas. Entende-se que cada espaço percorrerá sua trajetória sem incentivo das políticas públicas, utilizando apenas recursos arrecados dentro da comunidade, uma “economia solidária e mais justa”. (BUZO, 2011) Dentro da periferia não há tempo para questões políticas, disputas partidárias e burocracia. O estado tem pouco alcance na comunidade e também pouco interesse. Ferréz, assim como outros moradores, tomou para si a incumbência de fornecer/favorecer a educação, arte e qualidade de vida, assumindo para si e seus companheiros um papel teoricamente governamental. De acordo Melo (2008), haveria, aí, uma identificação clara de uma inversão de valores,

uma vez que o objeto-valor em primeira instância, um percurso educacional e cultural destinado à formação do sujeito cidadão, é substituído por um objeto-valor decorrente. Por este aspecto, distanciar os jovens do crime assume a primeira instância do percurso. Privilegia-se manter os jovens vivos no tempo presente. Não se abre necessariamente, caminhos para o tempo futuro. (p. 31)

A solução para esses moradores não pode ser adiada por mais tempo. O jovem cada vez mais sem opção, sente-se perdido e sem futuro, este sujeito precisa de identidade e aceitação para, segundo Ferréz, fazer boas escolhas e decidir por si próprio. Transformar um determinado espaço – que, por exemplo, já foi um ponto de venda de drogas – em um espaço cultural e educacional. De acordo Melo (2008), é a transformação poética, uma intervenção cultural de um lugar desprovido de belezas arquitetônicas, mas com grande potencial educacional.

Segundo Gohn (2010), em geral, os projetos sociais são desenvolvidos em áreas de extrema miséria e regiões estigmatizadas como “territórios do mal”, convivendo no mesmo território ocupado por traficantes e contraventores. De acordo com artigo publicado por Silvana Ribas (2007), existem mais de 775 mil organizações não-governamentais no Brasil, sendo que apenas 7.883 receberam recursos financeiros entre os anos de 1999 e 2006. Uma ONG para cada 600 mil habitantes...

Em 2008, a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, em associação com a Fundação Padre Anchieta, publicaram o livro *Heliópolis – bairro educador: a construção de um pólo de educação e cultura*, com prefácio de Alexandre Schneider, atual Secretário de Educação do município. O livro possui uma diagramação diferente, com textos e depoimentos de diretores, professores, jornalistas, fotógrafos e um morador da favela, representando a comunidade. Segundo Schneider (2008), o referido livro pretendia

apresentar o fascinante resultado do olhar crítico, estético e reflexivo de grupos de crianças, jovens e adultos conscientes e comprometidos com o presente e o futuro de uma das mais importantes comunidades da cidade de São Paulo. Este livro é uma homenagem e um testemunho a Heliópolis e sua gente que ensina e aprende: Heliópolis, uma cidade de luz; Heliópolis, um bairro educador. (p.16)

Heliópolis é, na verdade, um imenso complexo de moradias, localizado na zona leste de São Paulo, próximo à região central, com característica mais para bairro do que para uma favela e com uma visibilidade relativamente positiva na mídia nacional, devido a diversas obras sociais existentes desde o seu surgimento. Diferentemente do Capão Redondo, Heliópolis obteve apoio de ações governamentais, com clara pretensão do poder público de infiltrar-se neste espaço supostamente proibido para “estrangeiros”, fazendo com que, para as instâncias

governamentais, o bairro se tornasse um representante da periferia, mas com moradores considerados dignos de homenagens.

No distrito em que mora Ferréz, alguns espaços foram abertos para atender seus moradores e moradoras, de crianças a adultos, vítimas de abuso sexual ou violência doméstica, ex-detentos (as), pessoas sem esperança de um futuro melhor ou simplesmente crianças que não têm com quem ficar, enquanto os pais estão trabalhando. Convivendo diariamente com a “quebrada” onde fez “faculdade” de sobrevivência, Ferréz percebeu que, se realmente quisesse mudar seu entorno e transformar a realidade trágica daquela comunidade, seria necessário agir e investir de alguma maneira no contingente humano. Da mesma maneira que a literatura o salvou de uma escolha ruim, imaginou, deveria fazer uso da arte como meio de desenvolver uma prática educativa. Assim, segundo suas declarações, a ideia dos projetos sociais na favela surgiu como uma das poucas opções para uma população acostumada a não ter opção, sem necessariamente visar à prática educativa no primeiro momento, mas afirmando-se, posteriormente e ao acaso, como uma educação popular, embora sem nunca perder a intencionalidade da ação de modificar o presente e permitir um futuro aos jovens daquela localidade.

Segundo o depoimento de José Júnior, idealizador e fundador do Affroreagge – localizado no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro –, a ideia é oferecer às crianças que crescem na favela mais uma alternativa, diferente do trabalho infantil e dos serviços prestados ao tráfico de drogas. José Júnior presenciou a morte de adolescentes talentosos, amigos de infância, sem oportunidade para amplificar suas habilidades:

these talents were gifts and nobody seemed to be taking advantage of them. I thought that if these kids received some sort of support, they might be able to change not only their own lives but also those of the communities themselves. (JÚNIOR *apud* NEATE e PLATT, 2006, p. 20)

Assim como Ferréz teve a oportunidade de publicar seu primeiro livro, entende-se que, provavelmente, queira retribuir essa chance, possibilitando que outros jovens divulguem seus talentos nas letras de rap, nos escritos, no grafite e, principalmente, na literatura.

De acordo com Freire e Nogueira (2002), a educação popular é um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares. Mesmo sem a

intencionalidade educativa explícita, Ferréz mobilizou-se a si próprio e a seus “camaradas”, a fim de organizar *espaços educativos* em locais de alta criminalidade, como por exemplo, a reforma de um local que era usado pelo tráfico de drogas, capacitando-os para a produção de manifestações artísticas e culturais diversas.

Esse tipo de educação não formal não era, contudo, uma novidade na região. No Parque Santo Antônio, por exemplo, há um espaço educativo de grande visibilidade na comunidade e na mídia – a Associação Educacional e Assistencial “Casa do Zézinho”. Fundada em 1994, pela pedagoga Dagmar Garroux, a Tia Dag, realiza projetos sociais voltados à educação e cidadania. Segundo Antunes e Garroux (2008), a fundação considera a educação o fator mais importante para diminuir as desigualdades sociais e melhorar a condição de vida de crianças e jovens de baixa renda, criando condições para que possam ter autonomia de pensamento e de ação, enfim, para “decidirem seus próprios caminhos”. (p. 184)

Os “zezinhos” e “zezinhas”, como são chamadas as crianças do projeto, comprometidos com a filosofia do lugar e com as atividades oferecidas, apresentam uma visível melhora no desempenho educacional e tendem a procurar formação superior, retornando, posteriormente, à Casa como educadores. Um gesto que tende a se multiplicar continuamente, pois estes “zezinhos” e “zezinhas” sentem-se agradecidos pela oportunidade que tiveram e anseiam por retribuir a atenção e o afeto recebidos durante sua passagem pela ONG:

nossa organização iniciou seu trabalho durante o aceleração dos processos de expansão das favelas e dos loteamentos clandestinos nos anos 90. Ao longo dos seus 18 anos de atuação, teve como bandeira de luta a Educação Social, em prol do fortalecimento e da defesa de crianças e jovens de baixa renda moradores nas favelas e periferias da zona sul de São Paulo. (ANTUNES e GARROUX, 2008, p. 186)

A principal didática e metodologia desse espaço – como demonstram Antunes e Garroux (2008) – é educar por meio da acolhida e do afeto, com projetos e oficinas culturais, além de capacitação profissional. A educação existe sem a escola, e a aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal. Com efeito, de acordo com Brandão (2007), a educação age como uma prática social separada das outras, existindo em toda a parte e a todo tempo.

Em razão do que chamou de “forças das circunstâncias” – a falta de emprego, o aumento de homicídios de jovens na periferia, crianças e jovens sem esperanças de um futuro melhor etc. –, Ferréz buscou uma alternativa atraente para todas as

idades, criando o projeto “Instituto 1DASUL”, com diferentes ações sociais, apoios a grupos de rap, dançarinos de Hip Hop, grafiteiros, inclusão digital etc. O instituto financia, entre outros, os seguintes projetos: Espaço José Mindlin, 1DASUL Fonográfica, Interferência, Biblioteca Êxodus, Ensaiaço e o Selo Povo, editora responsável pela publicação do seu último livro, além de outros autores da cena marginal.

Diferentemente do que, em geral, ocorre com outras instituições de ensino formal e não formal, as razões pelas quais Ferréz fundou esse projeto não possuem uma conotação política, pelo menos não diretamente. Apesar do fomento às atividades culturais estarem vinculadas ao movimento Hip Hop e, de certa forma, incentivarem a politização do frequentador desse espaço com as atitudes em prol da comunidade, Ferréz, nas entrevistas que deu sobre o assunto, classificou o espaço como um lugar de fuga para aqueles que não têm para onde ir e nem onde se esconder. Lá todos e todas são iguais, independentemente de sua origem religiosa, política, por “onde andaram” e o que “andaram fazendo”.

A 1DASUL e a Biblioteca Êxodus

Uma ação na comunidade, para se tornar efetiva, precisa de ativistas e moradores dispostos a envolver-se com a causa da transformação, agindo em conformidade com sua *intuição*, pois, de acordo com Freire (2001a, p. 109), ela “faz parte da natureza do processo do fazer e do pensar criticamente o que se faz”.

Um dos projetos do qual Ferréz faz parte é o “Periferia Ativa”, fundado por um grupo de *rappers* da comunidade do Capão Redondo, o Negredo, com o objetivo de disseminar a cultura Hip Hop e o gosto pela literatura. Segundo o blog do Negredo, a “Periferia Ativa” tem por intuito a realização de oficinas culturais baseadas nos elementos que compõem a cultura Hip Hop (o grafite, o Dj’s e o MC’s), complementando com samba rock, curso de contabilidade, teatro e literatura, para cerca de 100 crianças do bairro. “Periferia Ativa” não deve ser considerado apenas um nome associado a um projeto social, desenvolvido por um grupo de *rappers*, mas, sim, uma maneira de valorizar a cultura da periferia e daqueles que a produzem.

É nesse contexto e a partir desses mesmos princípios que Ferréz lançou a 1DASUL, marca de roupas com símbolo próprio e confeccionado por seus moradores. Em entrevista a Paulo Lima (FERRÉZ, 2010), a decisão de lançar sua

própria marca deveu-se à intenção de apostar na cultura do lugar. Assim, a marca 1DASUL, além de empregar mais de trinta pessoas da região do Capão Redondo, acabou sendo, segundo o próprio Ferréz, “abraçada pelo bairro”. Devido ao sucesso da marca entre seus moradores, a 1DASUL possibilitou uma visão mais positiva da comunidade:

suas iniciativas transformaram o Capão em polo cultural: saraus de poesia, bibliotecas, palestras em escolas, um selo editorial e outro para CDs de rap e uma revista – Literatura Marginal – premiada pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), estão entre as realizações que surgiram de seu trabalho com a “molecada” do bairro, como gosta de dizer. (TORRES, 2011, s. p.)

Com o prestígio dos livros e a divulgação da marca e da música, Ferréz, ao lado do Grupo Negro, encabeçou um projeto de alcance muito maior: fundou uma biblioteca na favela. Segundo Negro (2008), a Biblioteca Êxodus é localizada em

uma estreita viela entre casinhas de alvenaria é o caminho que leva à Biblioteca Êxodus, no coração da Favela Godoy, no Capão Redondo. Quem entra no local não imagina que o mesmo já tenha sido uma boca-de-fumo. Estantes distribuem, organizados por assunto, os dois mil livros doados que fazem parte do acervo da biblioteca. Ferréz, escritor e rapper que vive no Capão, foi quem selecionou os títulos que ocupariam as estantes, muitos dos quais ele mesmo cedeu ao espaço. Foram anos para que o sonho de montar uma biblioteca para a comunidade se tornasse realidade. (NEGRO, s.d., s. p.)

Na comemoração dos trinta anos da Favela Godoy, em 2000, surgiu a ideia de oficializar esse evento em prol a realização de melhorias na favela. Além de Ferréz e do Negro, representado por Nego Du, uniu-se a essa empreitada o *rapper* Mano Brow, dos Racionais MC's. O espaço conseguido havia sido abandonado pelo grupo de traficantes da favela, uma ex-boca de fumo, com espaço suficiente para ser dividida em dois ambientes: um para a música e outra para a literatura. Os moradores colaboraram e apoiaram a mudança, contribuindo com materiais, a limpeza e com o grafite na viela que conduzia para a entrada da biblioteca: “graças ao Arnaldo, estava tudo pintado e só faltava bolar a inauguração, quando a laje começou a vazar. Cada chuva vazava mais, até que ficou lastimável a situação”. (FERRÉZ, 2009, p. 115) Com os recursos financeiros cada vez mais escassos, pois toda a reforma fora patrocinada pelo Mano Brow e por Ferréz, as dificuldades não paravam de surgir, e a solução encontrada foi, segundo Ferréz (2009), produzir um DVD com a festa da favela, a fim de arrecadar fundos para o término das obras: o DVD intitulado “100% Favela” teve o apoio de vários artistas da

cena Hip Hop, como Gog e Realidade Cruel, entre outros. A festa reuniu um público de 8.000 pessoas.

Entre paredes derrubadas e erguidas sucessivas vezes, vizinhos que exigiam o local como “deles”, diferentes problemas na estrutura e tiroteios que fatidicamente acertou uma das crianças da favela, finalmente, em março de 2007, a Biblioteca Êxodus foi inaugurada. Toda a trajetória dessa empreitada tornou-se um dos contos publicados em *Cronista de um tempo ruim* (2009) e selecionado para compor uma série de livros didáticos produzidos pela Fundação Vanzolini.

O 1DASUL Fonográfica e o Ensaioço.

Após a primeira investida na produção do DVD “100% Favela”, Ferréz passou a produzir cada vez mais CDs de rap, produziu o documentário “Literatura e Resistência”, em 2009, que conta sua trajetória durante o período de 1997 a 2008, além de promover a divulgação na mídia de grupos de rap, por meio de videoclipes produzidos por ele, e de grupos de B’boys, como Lords of Krump – todos moradores do Capão Redondo.

Para produzir os CDs e DVDs faltava, evidentemente, um estúdio. O primeiro estúdio da zona sudoeste (Figura 2) foi inaugurado em abril de 2009, próximo ao metrô do Capão Redondo. Com dez mil discos no acervo e aparelhagem de primeira linha, artistas conhecidos e desconhecidos participaram da inauguração e contribuíram para a finalização de mais esse espaço. No mesmo local, no segundo andar de uma casa simples, foi inaugurado outro espaço para o rap: o “Ensaioço” (Figura 3). O novo espaço, cuja inauguração deu-se em maio de 2010, composto por mesa de som e um mini palco, é aberto a todos aqueles(as) que estiverem dispostos(as) a mostrar suas letras e músicas da cultura Hip Hop.



Figura 2 – Porta de entrada do estúdio.
Fonte – acervo particular

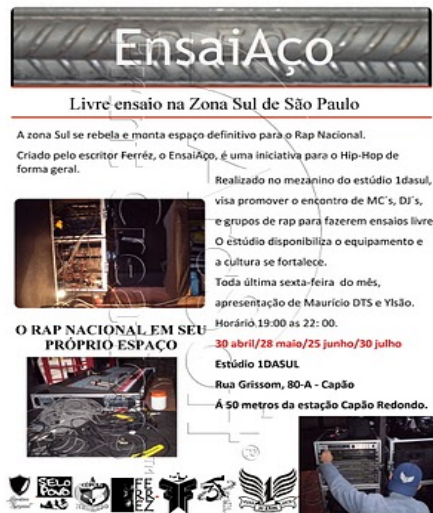


Figura 3 – Folder de inauguração. Fonte – <http://ferrez.blogspot.com>

O Selo Povo

A ideia principal de um selo editorial (Figura 4) para publicar autores da Literatura Marginal foi a possibilidade de vender livros a preços que permitiriam a aquisição de exemplares pela população de baixo poder aquisitivo, com intuito de aumentar o número de leitores e leitoras. Ferréz fez a seguinte descrição, sobre o que seria este novo empreendimento:

selo feito para livros de bolso, livros esses escritos por e para mãos operárias, rebeldes, marginais, periféricas. Que possa alcançar o público despossuído de recurso que geralmente vê o livro como um item raro e elitista. Um vinho guardado e nunca degustado, enquanto queremos que todos bebam pelo menos sua tubalina diária. Um selo em um livro de bolso, para ser posto na sexta básica, para ser lido na rua, no horário de almoço, nas prisões, nos acampamentos, nas zonas, nos bares, barracos e barrancos desse imenso país periferia. Esse selo garante um livro de fácil leitura e que será lido, relido, emprestado, e gasto, andando de mão em mão até que volte para onde veio, a vida. Ao preço de 1 cerveja e meia, e mais barato que um prato feito, a desculpa para não ler acabou. Bem vindo ao Selo Povo, feito pra você e pra todo mundo. (FERRÉZ, 2009)

O primeiro livro com essa a marca foi *Cronista de um tempo ruim* (2009). Segundo Castilho (2009), repórter do site *Repórter Social*, Ferréz teria se inspirado na logística do tráfico de drogas, a fim de alcançar o maior número de consumidores possível: *Cronista de um tempo ruim* foi lançado em São Paulo, na “quebrada” e em mais seis Estados: Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rondônia, em uma turnê promocional (Figura 5), que “invadia” escolas, lojas, livrarias e teatros.



Figura 4 - Logotipo do Selo Povo. Fonte: <http://ferrez.blogspot.com>

Sempre com preço acessível e em formato de livros de bolso, a tiragem inicial variava de mil e mil e quinhentos exemplares, compondo, a princípio, uma coleção de oito títulos. Para compor a coleção, escritores periféricos de várias partes do Brasil foram convidados, entre elas a escritora Cernov, que lançou *Amazonas em Chamas*.

SELO POVO

Turnê 2010
Um passeio poético pelas quebradas do mundaréu.

Chegou a hora de fazer da PALAVRA nossa arma!

Selo Povo Turnê 2010
Com Ferréz e convidados
+Leitura dos textos de Cernov (RO) e Cidinha da Silva (MG)

Datas da Turnê - Abril
 8 de abril - EMEF M'Boi Mirim 1 Tuparoquera, atrás do Cemitério São Luiz 10:30 horas.
 14 de abril - Sese Campinas R. Dom José, 270 Bonfim 20 horas.
 17 de abril - Poesia na Brasa R. Professor Viveiros Raposo, 534 V. Brasilândia 21 h.
 19 de abril Sarau do Binho R. Dr. Avelino Lemos Jr, 60 Campo. Limpo 21 h.
 27 de abril - Poços de Caldas MG Teatro Espaço a Recreativa 19 h.

Datas da Turnê
 05 de maio - Metodista São Bernardo 20 horas.
 29 de maio - Idasul Centro R. 24 de maio, 62 lj 40 centro.
 10 junho - Sarau Vila Fundão R. Glenn, Capão Redondo 20 horas.
 16 de julho - Lumiar N. Friburgo-RJ
 18 de junho Livraria Suburbano Convicto R: 13 de Maio, 70 2o andar - Bixiga 19 horas.

Figura 5 – Folder da turnê pelo país. Fonte: <http://ferrez.blogspot.com>

A Associação Interferência

De acordo com a descrição realizada por Ferréz, Jardim Comercial é um bairro que pertence ao distrito do Capão Redondo e abrigando cerca de 320.000 pessoas. Desprovido de lazer, cultura e infraestrutura, o bairro é formado por vielas e becos sempre povoado por crianças de todas as idades, que, geralmente, freqüentam portas de bares, onde aprendem a jogar e a beber, entre outras coisas “que não deveriam estar aprendendo, se é que isso pode ser chamado de aprendizado”. (FERRÉZ, 2011)

Fundado em 2009, juntamente com a pedagoga Dagmar Garroux, a “Associação Interferência” teve por intuito mudar a realidade do bairro, utilizando a cultura como prática social. Seu espaço é composto por uma pequena casa de quatro cômodos, localizado na Favela Santiago, local considerado raro na periferia, pois não possui pontos de tráfico, embora, em compensação, o número de usuários de drogas nos arredores seja relativamente grande. A ideia de sua construção surgiu após a breve passagem de Ferréz pelas salas de leitura da Alemanha, quando então percebeu que seria possível desenvolver um projeto similar com poucos recursos, boa vontade e com a orientação pedagógica de Dagmar Garroux. As atividades da associação estão direcionadas as crianças e adolescentes, com o intuito de tirá-los da rua, uma vez que, segundo Ferréz (BUZO, 2011), o espaço Interferência tem uma grande rivalidade com os bares que circundam e povoam todo o bairro, atraindo a atenção dos mais jovens. O número de crianças atendidas chega a 148 por dia.



Figura 6 – Logotipo do Interferência. Fonte – <http://ferrez.blogspot.com>

Seu símbolo (Figura 6) é uma casa dividida: o lado escuro, acinzentado, significa o lado negativo do bairro, em contraposição com o lado direito, dividido por um lápis e colorido como um desenho infantil, representa a mudança, uma mudança

que, aos poucos, de acordo com seus idealizadores, deverá ocupar toda a favela. O artesanato é a principal atividade desenvolvida: nele, as crianças e adolescentes utilizam-se o lixo reciclável, produzido na comunidade, para criar cortinas, quadros, bonecas etc. Segundo Ferréz, elas podem ficar o dia todo na casa ou entrar e sair quando quiserem.

O Instituto 1DASUL



Figura 7 – Logotipo do Instituto 1DASUL. Fonte – <http://ferrez.blogspot.com>

O Instituto 1DASUL (Figura 7) já tem onze anos de trabalho na área social, porém só recentemente adquiriu uma “cara” própria, isto é, uma imagem e um escritório. O logotipo foi criado com base nos diferentes projetos promovidos não apenas por Ferréz, mas também com a participação ativa de Fábio (Cebola), Leandro (Aice), Lobão, Alê, MC To, Ylsão, Elaine, Cacá, Windsor (Amaral), Rael e muitos outros. (FERRÉZ, 2011) O Instituto tem por objetivo cumprir três principais metas, em prol da comunidade e seus moradores: a) a educação; b) o fortalecimento da Cultura Hip Hop; c) a geração e gestão de bibliotecas.

Com o intuito de cumprir esses objetivos principais, o instituto trabalha na divulgação e promoção de eventos voltados para a discussão dos problemas de infraestrutura no distrito do Capão Redondo, como o Fórum de Desenvolvimento Econômico e Social, realizado na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), localizado na Estrada de Itapeperica. No ano de 2011, os Fóruns contaram com a participação do Deputado Estadual Vicente Cândido, o Ministro de Estado da Justiça José Eduardo Cardozo, além da presidente da Umes e o sub-secretário do Ministério da Educação. Os debates foram mediados pelo próprio Ferréz, com a

presença de líderes comunitários, alunos, professores das redes públicas de São Paulo e moradores de todo o distrito.

Os recursos arrecadados com a venda de CDs, livros, DVDs e festas comunitárias são, assim, voltados para a expansão dos projetos sociais, como a aquisição da nova casa ao lado da Associação Interferência para a construção da nova biblioteca do Jardim Comercial, que homenageará José Mindlin, colecionador de livros, além, é lógico!, de arrecadar recursos para a festa da Páscoa, a festa do Dia das Crianças...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manhã explicou sobre o presente do professor, e lhe disse a história que Dona Ermelinda havia contado, sobre as rainhas vindas dos reinos africanos, naquele dia todos se sentaram à pequena mesa, feita com caixotes e conversaram. Naquele dia a televisão não serviu pra nada, ficou muda e surda no canto da pequena sala.
(Ferréz)

Considerando o objetivo principal desta pesquisa – analisar como o sujeito proveniente de um bairro periférico conceitua educação e de que maneira se efetiva seu trabalho de reflexão/atuação como educador não formal –, não poderíamos deixar de abordar a complexa relação que se estabelece entre os conceitos de periférico, periferia e paralelo.

Esses três conceitos, trabalhados por Ferréz em sua literatura e suas ações como sujeito de um projeto educacional, resultaram em atitudes descentralizadas, a partir do entendimento de que há formação educativa nas práticas sociais fora do centro, da sociedade elitista e da educação formal. O periférico, representado por Ferréz, desenvolveu com o passar dos anos a habilidade de sobreviver a um sistema imposto por um poder que gera um sujeito revoltado, muitas vezes violento e quase sempre temeroso, disposto a reverter a situação de qualquer maneira, mesmo que sua ação se volta contra sujeitos próximos e de condições semelhantes. No caso de Ferréz, o ódio pelo outro reverteu-se em palavras de protesto, indignação, atitudes, música e literatura, ressignificando o sentido de *agressão física* ao transformá-la numa espécie inusitada de *agressão literária*. Exemplo disso é o texto “Terrorismo Literário”, que serve como prefácio de seu livro *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*.

Na periferia, na comunidade onde Ferréz cresceu – Capão Redondo –, como uma região na qual o poder público não consegue suprir as demandas em geral, as decisões acabaram ficando a cargo de um *poder paralelo*, por meio do qual Capão Redondo tornou-se sinônimo de educação, solidariedade, e luta, na tentativa de construir uma identidade positiva por e para seu morador.

O *paralelo*, para Ferréz, representa tanto sua formação educativa quanto sua atitude perante a realidade da periferia. De acordo com o autor, em entrevista publicada na revista *Caros Amigos*, ao ser questionado sobre por que, quando e onde passou a gostar de literatura, Ferréz respondeu:

meu, não tem uma data assim. Tipo, eu não sei assim um dia eu acordei e falei agora gosto de literatura, sabe? Mas eu *lia sempre* quadrinhos e gostava de Robert E. Howard que é o autor de Conan e aí eu *buscava* saber sobre o cara, e a biografia dos autores sempre me *interessou* mais e então eu comecei a buscar mais sobre os caras. Eu sempre tive um *ensino paralelo ao da escola*, então se eu gostava de Conan eu lia Conan no serviço e ia para a escola, *tinha* que ler Aluísio de Azevedo ou tinha que ler Carlos Drummond de Andrade lá, mas o Carlos Drummond de Andrade *lá não me interessava*... (HERMANN, 2009, p. 13)

Analisando o que seria este *ensino paralelo*, com o auxílio da teoria acadêmica e científica, não foi possível encontrar uma explicação que abarcaria todo o significado deste conceito “formulado” por Ferréz. A noção mais próxima encontrada refere-se a de “escola paralela”, citado por Freire e Guimarães (1984), ao discutirem da importância e influência da comunicação midiática na vida educativa dos alunos e alunas. Nessa obra, os autores fazem alusão a Louis Porcher e sua obra *L'école parallèle*, de 1974, como sendo uma escola

constituída pelo conjunto de circuitos graças aos quais chegam aos alunos (bem como aos demais), de fora da escola, informações, conhecimentos, uma certa formação cultural, nos mais variados domínios. (FREIRE e GUIMARÃES, 1984, p. 10)

No decorrer da análise, compreendeu-se que a definição que melhor explicaria o sentido dado por Ferréz a um suposto *ensino paralelo* seria a composição de elementos fundamentais de três influências subjetivas e externas sofridas por este sujeito: a escola (educação formal), a comunidade (educação informal) e os projetos sociais (educação não formal).

Sendo assim, entendem-se os conceitos formulados pela teoria científica e acadêmica, no contexto da formação/atuação de Ferréz, do seguinte modo:

1. Educação formal: Ferréz aprendeu a ler e a escrever na escola; apesar das críticas a esse sistema de ensino, demonstrou reconhecer, em seus escritos, a importância deste espaço para a formação dos jovens, um espaço, contudo, que necessita ser repensado e reformulado de maneira que agregue alunos, ao invés de afugentá-los.
2. Educação informal: Ferréz também aprendeu a ler e escrever na comunidade, no entanto, este ler e escrever foge aos padrões da norma culta e da prática pedagógica conteudista; aprendeu a ler cordel com o pai, aprendeu música com os amigos e aprendeu a sobreviver com a “quebrada”.
3. Educação não formal: Ferréz transportou sua realidade para os livros, colocando as aflições da “quebrada” em palavras que poderiam gerar apenas ódio, indignação e revolta, mas produzem também palavras de amor, solidariedade e esperança. E por acreditar na mudança pela arte, implantou projetos que visam à mudança da realidade periférica, baseando-se em processos e métodos educativos alternativos (*paralelos*), em locais que o Estado não alcança e o crime, em geral, impera.

Cabe-nos entender que há um ciclo educativo deste sujeito, em que todas as partes se solidarizam e em que um elemento do processo é indispensável para o funcionamento do conjunto. Podemos ilustrar, esquematicamente, esse processo da seguinte maneira:

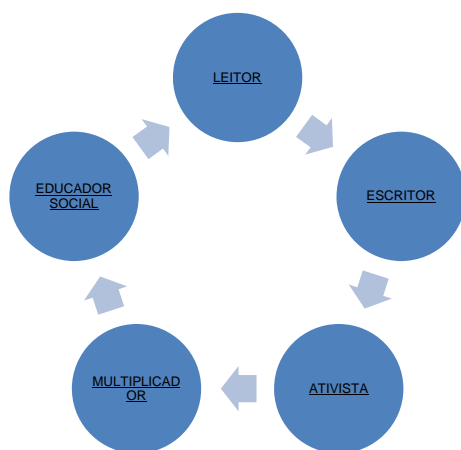


Figura 8 – Ciclo da formação educativa do sujeito Ferréz.

Trata-se de um processo educativo que, sob a forma de um ciclo contínuo e composto por elementos interdependentes, assenta-se na concepção de uma educação mutável, adaptável, progressiva e possivelmente permanente. De acordo com Freire (2001b), a educação é permanente não só por seguir uma ideologia, uma determinada posição política ou interesses econômicos, mas,

a educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (p. 20)

Ferréz entende a educação como parte da condição humana, da construção da identidade do sujeito, porém sem seguir a normatização das instituições. Na periferia, a educação traça o percurso do paralelo, carregado de significados e significantes objetivos e subjetivos. Tal percurso, na conclusão deste estudo, é o resultado de uma junção de fatores sociais e educacionais, responsáveis pela formação de um sujeito marginalizado, que luta pela liberdade de seu *ser* e pela liberdade de seu entorno, utilizando a arte como processo transformador de uma realidade violenta. Uma realidade, enfim, em tudo – nos seus espaços, nos seus atores, nas suas atitudes, em sua própria lógica – radicalmente *descentrada*, para a qual, portanto, o único caminho viável parece mesmo ter sido aquele escolhido por Ferréz: o do *ensino paralelo*.

GLOSSÁRIO DE GÍRIAS

Segundo o site Capão.com.br “na periferia se usa uma linguagem totalmente diferente do resto da cidade. É uma diversidade de palavras (gírias) que acabam formando uma forma totalmente diferente de comunicação – dialeto local”.

AGITAR – movimentar, colocar o som bem alto para todos dançarem.

AVIÃO – responsável pela entrega de drogas em diferentes regiões, geralmente o tráfico “contrata” crianças para realizar este serviço.

BORRACHADA – o bastão de borracha, utilizado pela Polícia Militar, para conter multidões em manifestações fora de controle.

BIROSCA – comércio informal (bares, mercearias, sorveterias etc) sem alvará da prefeitura.

CABEÇA – o “mano” mais inteligente do grupo.

CAMARADA – parceiro.

CORRERIA – negócio em andamento.

DÁ HORA – o mesmo que legal.

ENCHER A LAJE – expressão muito comum nas periferias da cidade de São Paulo. Quando uma laje nova é feita para cobrir uma nova moradia, os vizinhos ajudam nesse processo com a mão-de-obra sem custos, e a família auxiliada prepara o almoço para todos.

FERRADO/FERRADA – encrencado(a).

MANO - sentimento de fraternidade entre os amigos, ou expressão semelhante ao “meu” paulistano.

MINA – forma de tratamento às namoradas, ou às mulheres mais atraentes.

PLAYBAS – plural de playboy, utilizado para homens e mulheres, sujeito rico; atirado.

QUEBRADA – local, região.

TÁ EMBAÇADO – está complicado.

TÁ LIGADO – entendeu?

TAMU JUNTO – parceria nos acontecimentos, o mesmo que “énóis na fita”

TÁ TUDO PELA ORDI – tudo certo, tudo bem.

TIO/TIA – qualquer pessoa.

TRAFICAR IDEIAS – no sentido de contrabando de ideias e opiniões.

TROCAR IDEIAS – conversar sobre diferentes assuntos.

TROMBAR – encontrar por acaso.

REAL (NA REAL) – verdade, na verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Textos de Ferréz

1.1. Textos literários

FERRÉZ. *Fortaleza da Desilusão*. São Paulo: s.e., 1997.

_____. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

_____. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. *Amanhecer esmeralda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____(org). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

_____. *Cronista de um tempo ruim*. São Paulo: Selo Povo, 2009.

1.2. Textos em blogs

FERRÉZ. *O que é 1da Sul?*. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com>. Acesso em: 06 de março de 2011.

_____. *Feito, vendido e usado*. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com>. Acesso em: 06 de março de 2011.

_____. *Pensamentos de um correria. Folha de São Paulo*. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0810200708.htm>. Acesso em: 29/03/2011.

_____. *Processo acatado*. São Paulo: 2008. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com>. Acesso em: 05/04/2011.

_____. *O que é Selo Povo?* São Paulo: 2009. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com>. Acesso em: 06/03/2011.

_____. *Professores, missionários da cidadania*. São Paulo: 2010. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com>. Acesso em: 06/03/2011.

_____. *O que é 1da Sul e qual o primeiro trabalho social?* São Paulo: 2011. Disponível em: <http://instituto1dasul.blogspot.com>. Acesso em: 06/03/2011.

_____. *Instituto 1 da Sul e a expansão do Interferência*. São Paulo: 2011.
Disponível em: <http://instituto1dasul.blogspot.com>. Acesso em: 10/09/2011.

1.3. Entrevistas

FERRÉZ. “Depoimento [2004]”. São Paulo: *Programa Provocações*, por Antonio Abujamvra, Nº. 187. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/provocacoes>. Acesso em: 01/05/2010.

_____. *Blog Suburbano Convicto*, por Alexandre Buzo. São Paulo: 2005.
Disponível em <http://www.buzo10.blogspot.com>. Acesso em: 20/06/2010.

_____. “Suburbano convicto – nosso colunista Alessandro Buzo foi visitar Ferréz, no Capão Redondo”, por Alessandro Buzo. São Paulo: *Manos e Minas – TV Cultura*, programa de 17/09/2011. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/manoseminas/alessandro-buzo-manos-cmais>. Acesso em: 18/09/2011.

_____. “Os rumos da Litera Rua em 2010”, por Alexandre de Maio. *Boletim do Kaos*, Nº. 09, dez/2009, p. 6-7.

_____. “Depoimento [2011]”. São Paulo: *Documentário 100% Favela II*. Direção Roberto T. Oliveira, Ferréz e Negro.

_____. “Como na ficção”, por César Guerreiro. *Revista Istoé Online (IEOL)*. São Paulo: s.d. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/52/reportagem/rep_comonaficcao.htm. Acesso em: 06 de março de 2011.

_____. “A periferia pode explodir a qualquer momento!”, por André Hermann *et al.* *Caros Amigos*, São Paulo, ano XIII, Nº. 151, outubro de 2009, p. 12-16.

_____. “Educação é o maior entrave do desenvolvimento brasileiro”, por Barbara Mengardo *et al.* *Caros Amigos*, Nº. 155, fevereiro de 2010, p. 12-16.

_____. ““Aqui não se queima carro, aqui se mata’, diz Ferréz”, por Ricardo Meireles. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)*. São Paulo, 25/11/2005. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/impressao.php?id01=1628>. Acesso em: 01/05/2010.

_____. “Depoimento [2007]”, por Roberto T. Oliveira. São Paulo: *Documentário “A Ponte”*. Direção de Floriano Pesaro.

_____. “Entrevista Ferréz”, por Léo Pinheiro. *Revista Paradoxo*. 2005. Disponível em: <http://midiaindependente.org/pt/red/2005/04/313448.shtml>. Acesso em: 20 de junho de 2010.

2. Referencial teórico

ANTUNES, Celso; GARROUX, Dagmar. *Pedagogia do Cuidado*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ÁVILA, Milene Peixoto. *Periferia é periferia em qualquer lugar?* São Carlos: Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 2006 (Dissertação de Mestrado)

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BENEVENUTO, Silvana José. *A escrita como arma: uma análise do pensamento social na Literatura Marginal*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade de São Paulo, 2010. (Dissertação de Mestrado)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CABRAL, Amilcar. *Unidade e Luta* (Livro em PDF, s.l., s.e., s.d.) Disponível em: http://www.4shared.com/document/5Dzmlcs0/amilcar_cabral_unidade_e_luta.htm. Acesso em: 28/11/2010.

CASTILHO, Alceu. “Selo Povo: inspirado no tráfico, Ferréz lança livro a R\$ 5,00”. In: *Reporter Social*. 07/05/2009. Disponível em: <http://cultura.reportersocial.com.br>. Acesso em: 05/07/2011.

CHAPARRO, Carlos. “Jornalismo popular”. In: *Observatório da Imprensa*. São Paulo: 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp2312200395.htm/>. Acesso em: 15/10/2011.

CONNELL, Raewyn. “Pobreza e Educação”. In: GENTILI, Pablo. (org.) *Crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 11-42.

DINIZ, Maria Udienes Ferreira Cavalcante. “A denúncia social na obra `Capão Pecado´ de Ferréz sob o paradigma da Literatura Marginal”. *Anais da V Semana de Letras – linguagens e entrecuchos culturais: língua, literatura e cultura brasileira*. Paraíba, 2010, Vol. 1, s.p. Disponível em: <http://entrecuchos.ccha.ueps.edu.br/GT0505.doc>. Acesso em: 31/01/2011.

- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EDITORAS.COM. "O novo romance de Ferréz sobre pessoas que amam e odeiam em explosivas proporções". São Paulo: s.d. Disponível em: http://www.editoras.com/objetiva/564_6.htm. Acesso em: 06/03/2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 2001a.
- _____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2001b.
- _____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.
- _____. *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação: diálogos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol II, 1984.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOMES, Heloíza Szymanski. "De que família vêm nossos alunos". In: SERBINO, Raquel Volpato; GRANDE, Maria Aparecida Rodrigues de Lima (orgs.). *A escola e seus alunos*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- GRACIANI, Maria Stela. *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo: Cortez, 1999.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. "INEP divulga os resultados do Enem 2009 por escola". Brasil: 2010. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=10157&articleId=11392/. Acesso em: 01/09/2011.
- KHEL, Maria Rita. "A frátria orfã". In: KHEL, Maria Rita. *Artigos e ensaios*. s.d. Disponível em: <http://www.mariaritakhel.psc.br>. Acesso em: 05/06/2010.
- LEITE, Eleilson. "A periferia toma conta!" *Le Monde Diplomatique Brasil*, jan/2011. Disponível em:

http://www.acaoeducativa.org/index.php?option=com_content&task=view&id=977&Itemid=2. Acesso em: 01/08/2011.

MELO, Eliana Meneses. "Discurso midiático, valores em circulação e identidade". In: MELO, Eliana Meneses; PRADOS, Rosália Maria Netto; GARCIA, Wilton. *Linguagem, tecnologias, culturas: discursos contemporâneos*. São Paulo: Factash, 2008, p. 11-46.

NASCIMENTO, Erica Peçanha. *Vozes Marginais na Literatura*. São Paulo: Aeroplano, 2009.

NEATE, Patrick; PLATT, Damian. *Culture is our weapon: making music and changing lives in Rio de Janeiro*. London: Latin American Bureau, 2006.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. "De Coetze a Ferréz: lições de humanismo e realismo". *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, Vol. 05, Nº. 01, jan/jun 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/nauliteraria/article/viewfile/9759/5786>. Acesso em: 11 de junho de 2010.

PASTERNAK, Suzana. "Espaço e população nas favelas de São Paulo". *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*. Ouro Preto, 2002, Vol. 1, s.p. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_ST21_pasternak.txt. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

PÉCORA, Alcir. "Querido sistema". *Correio Popular*, Campinas, s.p., 4/11/2000.

RIBAS, Silvana. "ONGs receberam menos no governo Lula". *Encalhe - A Gazeta/MT*, 26/10/2007. Disponível em: <http://humbertocapillari.wordpress.com>. Acesso em: 09/10/2011.

ROCHA, Sonia. *Pobreza no Brasil. Afinal, de que se trata?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROMÃO, José Eustáquio. "Razões Oprimidas: introdução a uma nova geopolítica do conhecimento". *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/2008.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2010.

ROSA, Carlos Pessoa. "Manual Prático para o Amor". *Meiotom – resenhas*. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.meiotom.art.br/resenhaferrez.htm>. Acesso em: 05/03/2011.

- SANTOS, Carolina Correia. *Capão Pecado e a construção do sujeito marginal*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II – Educação Física*. São Paulo: SME/DOT, 2007.
- SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SCHNEIDER, Alexandre Alves. “Heliópolis, um bairro que aprende e ensina”. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Heliópolis bairro educador: a construção de um polo de educação e cultura*. São Paulo: SME/Fundação Padre Anchieta, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica na escola*. São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado)
- SPACEK, Andrea. “Resenha Capão Pecado – Ferréz”. Atibaia: 21/12/2010. Disponível em: <http://www.atibaia.com.br/noticias/noticia.asp>. Acesso em: 06/03/2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TONI C. (org). *Hip Hop a lápis*. São Paulo: CEMJ, 2005.
- TORRES, Carlos Alberto. *Diálogo com Paulo Freire*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- TORRES, Haroldo da Gama; BIRCHIM, Renata Mirandola; CARPIM, Thais Pavez. “Uma pobreza diferente? Mudanças no padrão de consumo da população de baixa renda”. *Revista Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP, Nº. 74, 2006, p. 17-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101>. Acesso: 07 de junho de 2010.
- TORRES, Haroldo; MARQUES, Eduardo. “Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno metropolitano”. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Vol. 1, Nº. 4, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103>. Acesso: 07 de junho de 2010.
-
- _____ . “Tamanho populacional das favelas paulistanas. Ou os grandes números e a falência do debate sobre a

metrópole”. *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*. Ouro Preto, 2002, Vol. 1, s.p. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/GT_MA_ST21_Torres_texto.pdf. Acesso em: 31 de outubro de 2010.

TORRES, Haroldo *et al.* “Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo”. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados – USP, Nº.47: 97-128, 2003.

TORRES, Juliana. “Ferréz, o artista do Capão Redondo”. *Brasil Atual*, São Paulo, 30/01/2011.

VALLADARES, Lícia do Padro. *A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VELLOSO, Luciana Mendes. *CAPÃO PECADO: sem inspiração para cartão-postal*. São Paulo, Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. (Dissertação de Mestrado)

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

3. Documentários

“A PONTE” (2007) – direção: Roberto T. Oliveira e João Wainer, participação de Ferréz, Tia Dag e outros membros da comunidade.

“LITERATURA E RESISTÊNCIA” (2009) – direção e produção: Ferréz, participação de Chico César e Lourenço Mutarelli.

“100% Favela – II” (2011) – direção: Roberto T. Oliveira, Ferréz e Negrodo.

4. Sites

<http://www.1dasul.com.br>

<http://www.acaoeducativa.org>

<http://www.buzo.com.br>

<http://www.capao.com.br>

<http://www.coladaweb.com/cultura/dialetos-de-sao-paulo>

<http://www.editoras.com/objetiva/564-6.htm>.

<http://www.favelatomaconta.blogspot.com>

<http://www.ferrez.com.br>

<http://ferrez.blogspot.com>

<http://instituto1dasul.blogspot.com>

<http://www.mariaritakehl.psc.br>

<http://www.midiaindependente.org>

<http://negredo.blogspot.com>

<http://paginadacultura.com.br/br/nossosautores/>

<http://www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br>

<http://www.travessa.com.br/AMANHECERESMERALDA>

<http://www.tvcultura.com.br/provocacoes>

<http://www.tvcultura.com.br/manoseminas/buzao>

ANEXOS

Anexo 1: Entrevista de Antonio Abujamra com Ferréz (2004).

“(...) um escritor que não mora nos jardins, não mora na Barra, não mora em Boa Viagem, ele mora no Capão Redondo. Sabe onde é o Capão Redondo? A polícia militar sabe. Um dos bairros mais violentos de São Paulo, zona sul. Vocês não imaginam. Ser um dos bairros mais violentos de São Paulo, quer dizer ser mais violento do Brasil. Um escritor que jamais chegará a Academia, não só por morar no Capão Redondo, mas por escrever textos carregados de gíria da periferia, coisa que não pega bem nas “casas” acadêmicas (...)”.

AA: Apesar de tudo, críticos dizem que seu texto a exemplo do de Proust, é de períodos longos elegantes e bem elaborados. Comenta isso.

F: Eu não posso comentar sobre os críticos, por que eles ganham para criticar, né mano?! Criticar a crítica é meio complicado, assim. Eu até escrevo, tá ligado, e eles criticam e cada um tem seu trampo. Acho que é o que eu ser fazer, tá ligado, se é bom ou não aí eles que dizem...mas...

AA: Mas eles ligarem você a Proust, um pouco apaixonado demais...

F: Também acho, tão pagando pau para mim demais...

AA: Ferréz, porque você recusou uma bolsa para estudar literatura durante um ano nos EUA?

F: Por que eu sempre acreditei muito em você ficar na periferia, batalhar, tá ligado, eu acho que você falar sobre o assunto, e não fazer alguma coisa para melhorar o assunto, acho que é muito ser mais um só...não queria sair do local onde eu tava, não queria sair do momento onde eu tava, as pessoas que tavam a minha volta, e achei que...eu nunca paguei pau para americano e ia ser mais um cara lá, tá ligado. Na cultura dos caras, querendo tomar um coffe break e não vira nada, meu negócio é aqui mesmo e minha cultura é essa...

AA: Você, hoje, não aceitaria a ideia?

F: Não, não aceitaria ainda não.

AA: Então me diz uma coisa, existe nos condomínios algum escritor que entende de periferia?

F: Pouquíssimos. Eu diria hoje em dia, tem uma pá de cara que passeia na periferia, que vai lá passeia como se fosse um jardim zoológico e volta para casa para escrever. Esse tipo de coisa não acredito não, acho que você tem que tá no lugar..

AA: Quem fala mais perto da periferia, por exemplo: Rubem Fonseca, Patrícia Melo, João Antônio?

F: Eu acho que João Antônio é esforçado, prá caralho, e... Rubem Fonseca também. Patrícia Melo, não. Patrícia Melo, acho que mais que ela pesquisou mesmo tal, eu vejo com uma outra visão.

AA: Dos estrangeiros quem é o mais marginal: Bucovski ou Gorki?

F: Aí é foda...eu acho que os dois. Eu gosto dos dois prá cacete. Bucovski é um puta cara contestador, fez uma pá de coisa, quebrou a própria vida também, quebrou a própria cara. Mas eu gosto do Gorki também, a batalha da vida, o jeito dele ser o primeiro escritor proletariado, o cara quando levantou bandeira ...sou fã dos dois, sempre li os os dois prá caramba, esbarrei com os dois nos sebos da vida...

AA: Me conte uma coisa, como foi que você se livrou de ser analfabeto?

F: Cara, eu não sei se eu me livrei muito ainda, tá ligado, que este país tá duro de você pegar algum tipo de informação, mas eu fui na contramão da escola. A escola indicava Cinco Minutos, eu lia Tchecov, ia no sebo e procurava o tcheco. A escola indicava Memórias Póstumas de Brás Cubas, e eu ia procurar Hermann Hesse no sebo. Então eu não gostava de fazer resumo de livro, fazer aquela redação básica, né, então tem alguns professores que ajudavam também, que eu ia nele e perguntava, professor o que é isso, e aí perguntava o que que era druidas, eu ouvi essa palavra "ah não sei" o pessoal não sabia e aí eu ia atrás...

AA: É na realidade, é a velha frase dos grandes professores pro mundo : Não existe ensino, não existe aprendizado, quem quer aprender ninguém segura.

AA: Como é que você saiu do nada para a literatura?

F: Eu acho que do nada é uma coisa complicada. Minha mãe sempre bordava pano de prato com uma pá de frases, meu pai lia literatura de cordel e ele só fez até a 3ª. série do primário, então eu lia prá ele literatura de cordel, cansei de ver ele eu eu sou lendo né, parado, lia prá ele comecei pegar amor pela literatura assim, lendo prá ele, lendo gibi, lendo quadrinhos, aí encontrei as obras do Tarzan, que livro que saiu depois eu comecei a ler, e aí foi indo assim. Minha vida assim e foi

indo até hoje. Hoje eu sou cercado de livro em casa o tempo todo, você vai no banheiro tem livro, vai na sala tem livro, em qualquer lugar tem livro assim, é o que eu gosto.

AA: Se falta, por exemplo, lenha para o fogão você queima os livros?

F: Não, jamais. Eu não gosto nem que escreve em cima do livro. Se eu for algum lugar e for fazer um rabisco e as pessoas deixa eu pegar o livro pra apoiar, não não...

AA: Tem um livro chamado “Jovens Rocas no Trapézio Volante”, tá lá o fogo aceso na lareira e acaba a lenha, mas ele tem milhões de livros, ele diz ah, vou botar uns livros aí. E começa a procurar um livro para colocar e não acha...Quem você leu e quem mais te influenciou?

F: Eu li muito Hermann Hesse, li muito Fernando Pessoa, eu li Drummond, mas assim o que eu encontrava nos sebos, geralmente eram os livros de um real que eu conseguia comprar, o que eu gastava tomando ônibus era mais caro que pegar o livro emprestado e devolver, eu preferia comprar no sebo. Eu comprei muito Hermann Hesse, praticamente comecei lendo Hermann Hesse, li Flaubert também, Madame Bovary foi um dos primeiros livros que eu li. Li muito literatura americana, literatura alemã, principalmente, em vez de um porta retrato do meu vô, tenho um porta retrato do Hermann Hesse. O pessoal pergunta é seu vô, não é o meu vô literário.

AA: Um país em que quase ninguém lê, quem é que lê o que você escreve?

F: Cara, acho que quem lê o que eu escrevo é quem eu trombo todo dia na rua, gente que nunca leu nada, que fala pô, pela primeira vez eu vi um casal que tem a ver comigo. O cara não viaja para a França para dar um diamante, o cara tá aqui no Brasil e trai a mina com a mina do bar, tá ligado, então eu vejo esse pessoal e tem outro pessoal também a classe média, classe alta, geral assim...

AA: Você é incrível, você fez um manifesto e lançou uma revista literatura marginal, a quantas anda essa revista?

F: Agora tem a nova que está nas bancas este mês, a gente lança uma por ano e não tem data, assim para sair. E que nem ladrão, ataca sem ninguém esperar, tá ligado, então ela sai. Tá indo bem, novos autores, a gente tá trazendo muita gente boa, muita gente que já tava aí, esse negócio de vem trazendo é ruim, muita gente que já tava aí e não tinha aonde sair, a Caros Amigos abriu esse espaço e a gente

lançou. A literatura marginal dentro da Caros Amigos e é um puta projeto, só autor de periferia assim...

AA: Essa revista circula no sistema carcerário da FEBEM, o que que ela diz aos detentos?

F: Ela diz, ela tem, ela diz a voz do detento também, porque tem detento que participa dela e tem um moleque que tá hoje preso e que participa dela também, tem o cara que tá na periferia, então eu acho que coloca um pouco do bairro dele, da vida dele, e conta histórias que vão acabar em cadeia, histórias que vão acabar em prisão e histórias que vão acabar com um pouco de sorriso, assim, são várias histórias.

AA: O que importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte, o que eu vejo é o beco. Você falando na folha, olha tão tomando demais da gente, a revolução tem que ser feita pela arte ou pelo terror. Escolha...

F: É eu sou pela arte. Mas tem hora que o terror tem que vir, porque os cara brinca demais, caras pasteuriza tudo o que a gente fala, começa virar modinha, começa virar tudo e a revolução não é feita. Acho que a revolução é feita a cada dia quando um livro se abre, quando a mãe ensina um filho a atuar melhor nesse mundo.

AA: Me diga uma coisa...aí, o escritor Marcelo Ihe telefona, literatura de verdade não deve abordar questões sociais, que é que você respondeu?

F: Eu respondi que literatura de verdade tem que ficar trancada em casa, bebendo vodca e fingindo que é o Bucovski....

AA: A escola da periferia tá formando quem?

F: Boa pergunta. Tá formando porteiro, tá formando síndico, tá formando motorista, se tiver chance de arrumar emprego, se der sorte, porque a escola basicamente parou no tempo. O moleque tá com a vida social decaída, e a escola tá pensando numa coisa que não tem a ver com a vida dele, é impressionante como a coisa parou no tempo, assim, ninguém acordou. Alguns professores estão se desesperando, e tão tentando fazer o melhor pela escola, dão a vida, vão à escola dia de sábado, domingo, pega a criança vai na casa troca ideia, mas o álcool, a maconha tudo é demais, a psicose na periferia é demais, então é muito difícil.

AA: E a literatura te salvou?

F: Salvou. Salvou e quem me conhece, quem faz parte do meu cotidiano sabe que é verdade e que mudou a minha vida, assim, eu lia sobre a Itália em casa, em um

quartinho que às vezes não tinha um café para tomar e três anos depois quando lancei meu livro, eu tava na Itália tomando um cappuchino.

AA: Qual a leitura q vocês fazem das pesquisas sociais?

F: As pesquisas sociais são um número, né. A gente vive com o dado humano, ah então quando a gente ouve assim, são 20% de desempregado, a gente vive que só pobre tá desempregado. A gente vive que Seu José, que minha mãe, o meu primo tá desempregado, então os números não doem, ah, você viver com o fator humano dói mais...o desemprego é massacrante, que mais mata não é álcool, não é droga, não é pistola é o desemprego.

AA: Eu vou fazer uma pergunta simples para você, eu quero uma resposta: Ferréz, o que é a vida?

F: A vida prá nós e prá mim, é sobrevivência.

AA: Não é viver? Sobreviver é fácil, viver é difícil...

F: É. Eu não tenho tempo para viver.

AA: E ódio?

F: Ódio tenho. Infelizmente, ainda tenho. Meu vó morreu com 98 anos, lá na Bahia, sem ter uma televisão, sem ter um rádio, trancado num quintal que era o que ele colhia, ele plantava e comia. E quando eu vejo um cara com helicóptero, com tudo, penso: quem tirou de quem? Alguém tirou de alguém. Foram dada a terra para as pessoas erradas.

AA: Conte uma coisa Ferréz, a arte ou a ciência exata?

F: Eu gosto da arte, nem sei mais o que é ciência exata...

AA: A ordem ou o caos?

F: O caos. A ordem só prejudicou meu povo...

(PROGRAMA PROVOCAÇÕES DA TV CULTURA. A entrevista tem duração de 30 minutos, apenas algumas questões mais relevantes foram transcritas neste anexo).

Anexo 2: Relatório da PNUD (2005).

Realidade Perversa

Pretensão de ter algum respeito, pelo menos na viela onde você mora. Pra isso alguns viram policiais, outros bandidos, e outro preferem a vida mais difícil, a honesta.

Levantar as quatro da madrugada, e lutar o dia inteiro, fritando filé mignon pros outros e sem ter um ovo para dar aos filhos, cuidando da segurança da elite e sem ter segurança no próprio bairro, o povo enche o transporte coletivo, e só volta pra periferia a noite, onde não tem paciência nem para ver o caderno do filho.

A sensação é de desespero, quando chega o fim do mês e você não tem dinheiro para manter a dignidade. Só queria ter isso, só queria ter aquilo, ter de tudo de tudo pra não dar mais tanto valor apenas no pão com manteiga.

No corpo cansado é visível o desgosto, o olhar perdido ao longe, o desemprego é o assunto da maioria, a falta de dinheiro já é rotina. Policiais petulantes passeiam gastando a gasolina do estado, com arma na mão apavora o mais humilde, da estiletada na cara, rasga a barriga do menor, que não soube dizer porque estava naquele horário na rua, talvez tivesse vergonha de dizer que está ali porque seu pai chega bêbado e o espanca toda noite.

O tráfico continua, o homicida continua, pois a justiça aqui tem um preço. Pode vim a civil, pode vim a rota, rajada, rajada mesmo só se não tiver ideia, porque o resto o dinheiro compra.

Qual o lado real dessa guerra? O das reportagens policiais numa TV que aliena mais o povo, ou o desfile do ladrão de carro importado e ouro no pulso, que com sua aparência convence o menino que a escola não é o caminho? A cultura criminal já se apossou das nossas vidas, difícil é falar de amigos sem dizer a palavra finado na frente, difícil não falar de cadeia, de briga, de pistola. O que plantaram pra gente? Desesperança, o que vão colher? Uma geração inteira de psicopata que no começo da vida não teve outro caminho a seguir.

Sendo empurrado como um boi para o matadouro. A escola é quatro horas, a vida é vinte e quatro, o pai não cria o filho, a rua sim, a elite financia a miséria e no final todos se trombam na guerra ai fora.

É muita treta, morar num lugar que ninguém se respeita, onde os ratos desfilam pelas ruas, onde seu filho brinca com a água do córrego, e no final querer competir no mercado de trabalho com o filho da elite que fez inglês desde os cinco anos de idade.

O que estamos plantando para nossos filhos aqui? Não temos nem a consciência de uma cultura, não temos nem como contar nosso passado, então como olhar o futuro? A vida é um retorno ao grande nada aqui na zona sul de São Paulo a vida é uma grande piada, embora agente quase nunca de risada dela. Assim como todas as periferias de São Paulo e do Brasil em geral, as leis são outras. Homens nervosos, com armas na mão, que nunca olham no olho da população, despreparados e desorientados, quantos eu já vi com o sintoma da droga, cheirados até ficar mordendo, aquela arma engatilhada, apontada para um suspeito que no máximo deve ter 12 anos de idade. Uma coisa gera a outra, e o campo de concentração moderno não tem diversão, é paranóia o tempo todo, ficar sentado na frente do bar, fumar um cigarro, e quando tiver mais idade ir para o baseado e dali para a farinha.

O traficante distribui a droga que a televisão já vendeu a muito tempo, convencendo durante anos que por mais que agente se esforce nunca vai ser como eles. Eu no meu pequeno mundo não julgo ninguém, porque sei como é duro viver como um zé ninguém, e tantos optaram por viver como rei pelo menos até os vinte anos, vida de ladrão não dá aposentadoria, mas a rapper já fala, quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar. A periferia não é um bloco, somos vivos, somos diferentes, e no fundo temos o mesmo sonho, um futuro melhor, sem covardia, sem drogas, sem sofrimento e sem mortes. Mas o homem prostitui tudo e hoje felicidade não é gratuita.

(FERRÉZ. Realidade Perversa. 2005. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)*. Disponível em: http://ferrez.blogspot.com/2007_02_02. Acesso em: 01/05/2010)

Anexo 3: Pensamentos de um correria - 08/10/2007

Ele me olha, cumprimenta rápido e vai para a padaria. Acordou cedo, tratou de acordar o amigo que vai ser seu garupa e foi tomar café. A mãe já está na padaria também, pedindo dinheiro pra alguém pra tomar mais uma dose de cachaça. Ele finge não vê-la, toma seu café de um gole só e sai pra missão, que é como todos chamam fazer um assalto.

Se voltar com algo, seu filho, seus irmãos, sua mãe, sua tia, seu padrasto, todos vão gastar o dinheiro com elel, sem exigir de onde veio, sem nota fiscal, sem gerar impostos.

Quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar. A selva de pedra criou suas leis, vidro escuro pra não ver dentro do carro, cada qual com sua vida, cada qual com seus problemas, sem tempo pra sentimentalismo. O menino no farol não consegue pedir dinheiro, o vidro escuro não deixa mostrar nada.

O motoboy tenta se afastar, desconfia, pois ele está com outro na garupa, lembra das 36 prestações que faltam pra quitar a moto, mas tem que arriscar e acelera, só tem 20 minutos pra entregar uma correspondência do outro lado da cidade, se atrasar a entrega, perde o serviço, se morrer no caminho, amanhã tem outro na vaga.

Quando passa pelos os dois na moto, percebe que é da sua quebrada, dá um toque no acelerador e sai na reta, sabe que os cara estão pra fazer uma fita.

Enquanto isso, muitos em seus carros ouvem suas músicas, falam em seus celulares e pensam que estão vivos e num país legal.

Ele anda devagar entre os carros, o garupa está atento, se a missão falhar, não terá homenagem póstuma, deixará uma família destroçada, porque a sua já é, e não terá uma multidão triste por sua morte. Será apenas mais um coitado com capacete velho e um 38 enferrujado jogado no chão, atrapalhando o trânsito.

Teve infância, isso teve, tudo bem que sem nada demais, mas sua mãe o levava ao circo todos os anos, só parou depois que seu novo marido a proibiu de sair de casa. Ela começou a beber a mesma bebida que os programas de TV mostram nos seus comerciais, só que, neles, ninguém sofre por beber.

Teve educação, a mesma que todos da sua comunidade tiveram, quase nada que sirva pro século 21. A professora passava um monte de coisa na lousa, mas, pra que estudar se, pela nova lei do governo, todo mundo é aprovado?

Ainda menino, quando assistia às propagandas, entendia que ou você tem ou você não é nada, sabia que era melhor viver pouco como alguém do que morrer velho como ninguém.

Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece assunto de guerra. Não acreditava em heróis, isso não!

Nunca gostou do super-hoem nem de nenhum desses caras americanos, preferia respeitar os malandros mais velhos que moravam no seu bairro, o exemplo é aquele ali e pronto.

Tomava tapa na cara do seu padrasto, tomava cara na tapa dos policiais, mas nunca deu tapa na cara de nenhum das suas vítimas. Ou matava logo ou saía fora.

Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso.

Ele ganhou logo um kit pobreza, mas sempre pensou que, apesar de morar perto do lixo, não fazia parte dele, não era lixo.

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando. Se perguntava como alguém pode usar no braço algo que dá pra comprar várias casas na sua quebrada. Tantas pessoas que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas, morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos!

Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa.

Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou.

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio.

Não vejo motivo para reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo para ambas as parte.

Ferréz

MURO CINZA

Quando Ellen G. White iniciou seu ministério que daria origem aos Adventistas do Sétimo dia, ela não imaginaria o muro cinza.

São Paulo, Capão Redondo, 1914. Chegava à região um pastor adventista chamado John Lipke e um obreiro de nacionalidade russo-alemã chamado John Böehn.

Em abril de 1915, John Böehn fechou negócio com os irmãos Pantaleão e Antônio Theisen, comprando uma fazenda com 300 acres por 20 contos de réis em uma das colinas do Capão Redondo.

Em 1925 eles importaram dos Estados Unidos algumas cabeças de gado holsteinfriesen (gado holandês) das fazendas Carnation. Até 1984 o rebanho de gado holandês permaneceu na fazenda do Instituto Adventista de Ensino, tendo participado de várias competições com dezenas de premiações e recordes nacionais na produção de leite. Todo o I.A.E. era cercado por cercas simples, de arame.

Enquanto isso, favelas iam se formando em volta da área, barracos iam sendo construídos, terrenos cercados e vendidos a terceiros, na maioria, vindos da Bahia, Ceará, Piauí, Minas Gerais e várias outras regiões, além de pessoas que, pela valorização dos lugares onde moravam, foram sendo jogadas para o bairro que começava a tomar forma.

A Light and Power Co instalou força e luz no Capão, a pedido do Colégio Adventista, que até então vinha produzindo sua energia através de dínamo instalado em açudes.

CRIME

Alguns meses depois, era cometido o primeiro assassinato no bairro Jardim Comercial. Por uma discussão de rede elétrica, um morador matou o outro a facadas na frente do recém-colocado poste de madeira.

Em 1969 é implantada a primeira faculdade no bairro do Capão, o curso de enfermagem no Instituto Adventista de Ensino.

Alguns anos depois o hospital público Piratiníngua ficou conhecido por servir o famoso "chazinho da meia-noite", e segundo pacientes, o líquido acabava com a chance de recuperação, e causava o óbito.

Shunji Nishimura, nascido em Kioto, estudou no Colégio Adventista, foi o fundador da maior fabricante de máquinas agrícolas da América Latina, a Jacto; em 1994 o governador de São Paulo conferiu-lhe o título de empresário do ano.

Fabinho, estudou na Escola Adventista do Jardim Lilah e anos depois era conhecido como um dos maiores traficantes da região. Morreu assassinado na rua onde nasceu.

A alguns metros do mesmo colégio, moradores são detidos pela polícia, eles fizeram um protesto por uma lombada, pois houve o atropelamento de uma criança, a polícia chegou, agrediu e prendeu alguns moradores.

Em 1997, a Fundação do Colégio Adventista Ellen G. White é a primeira escola secundária particular no Brasil a obter o certificado de qualidade ISO 9000. Enquanto isso, uma chacina devasta o cotidiano do jardim Ângela, o sangue no bar dá arrepios a quem passa pelo local.

MORADIA

Em 1983 o I.A.E. teve 80% da área desapropriada pela municipalidade da cidade, hoje essa área chama-se Cohab Adventista.

Moradores de várias favelas foram retirados de seus lugares, perderam seus amigos, vizinhos e história, suas casas foram derrubadas e foram todos transferidos para a Cohab Adventista, ninguém escolheu sua casa, ninguém foi ouvido sobre a futura vizinhança e hoje o bairro que abriga os prédios é chamado de favela vertical, tem um grande problema de criminalidade e uso de drogas.

Falar que os adventistas e os moradores cresceram com o bairro seria generosidade, afinal, o bairro não cresceu, principalmente no que eles são especialistas, que é o ensino.

Se a informação e a cultura são tudo, por que onde tem a maior rede de ensino do mundo é um dos lugares mais violentos? Mais pobre? Mais desorganizado?

O muro cinza foi construído pelo I.A.E, tem mais de 200 metros de comprimento e 3 de altura, e divide a rua dos Mutirantes do espaço adventista.

Dentro do I.A.E. meus livros são lidos, mas hoje eu

não posso entrar, só queria um daqueles bancos, com uma sombra, para poder ler um pouco. O lugar parece a Europa, tem casas rústicas, ruas pequenas, bancos confortáveis em volta de árvores, parece o paraíso, e tudo isso ao lado da minha casa.

Os moradores que não estudam no lugar, para levar seus filhos para brincar no pequeno espaço para crianças, pediam para o segurança, que às vezes deixava. Depois cercaram o playground e proibiram a entrada.

PARAÍSO

Continuamos querendo entrar no paraíso e na portaria. Dizíamos que iam a biblioteca, mas hoje essa desculpa não serve, pois eles falam que fecharam a biblioteca para visitas.

Uma das mais modernas academias de ginástica está lá dentro, mas não para a senhora que tem problema de circulação.

A orquestra completa que eles têm já pegou verbas, mas nunca se apresentou do outro lado do muro.

No muro cinza tem uma placa triste da prefeitura, nela está escrito que é proibido jogar lixo e entulho, informa o número do decreto para quem não sabe ler, para quem só passa pelo muro cinza.

Cachorro morto, resto de feira, móveis usados demais, todo tipo de lixo beira o muro, como se fosse uma vingança da população. De vez em quando um morador põe fogo em tudo e ficam manchas negras no muro cinza.

Alguém tenta pixar o muro, deixar uma assinatura, homens cinzas chegam e batem no pixador.

Logo após o muro começa a Cohab Adventista, as três casas seguintes ao muro também são cinzas, talvez seja uma tendência.

Uma senhora cata latinhas na extensão do muro, pisa num cachorro morto e apodrecido, esbraveja que não aguenta mais aquela vida, quer ir para o céu logo, mal ela sabe que ele está do outro lado daquele muro cinza.

Ferréz é escritor, e morador na periferia de São Paulo.



Novo sítio: www.carosamigos.com.br

fevereiro 2010 | caros amigos 5

Anexo 5: *Biblioteca Êxodus – Cronista de um tempo ruim* (2009: 113 -118).

Bom, foi nas andanças em várias quebradas que cruzei a primeira vez com ele.

Andava sempre arrumado, camisa com botões, sempre aberta, um boné estilo baseball e uma corrente banhada com um pingente de Jesus.

A identificação foi imediata, curtia rap mas tinha vontade de aprender com a literatura. Convidei para ir em casa, e me surpreendi quando no outro dia ele tava lá.

O apelido, Nego Dú, era um resumo do seu nome Eduardo. Conversamos por algumas horas, e ele ficou de voltar. Na época, revirou todos os meus livros para pegar um emprestado.

Depois disso foi constante sua presença, chegava já falando em comida, minha mãe fazia o prato e quando eu não tava, era a mesma coisa. Não sei explicar, mas minha mãe adorava ele.

Nego Dú era presença confirmada em todos os meus lançamentos, sempre tava com livros nas mãos, fazia parte de um grupo de rap chamado Realimo Frontal, que mais tarde adotaria o nome de Negredo.

Com o Nego Dú eu gravei um especial pra Record na laje de uma casa, que era ponto de venda de drogas, casa essa mais tarde que de tanto a gente encher o saco os caras largaram.

Foi aí que o Brown e o Negredo se apropriaram da casa e começaram a pensar em fazer um rádio.

O tempo foi passando, as coisas mudando, e o projeto da rádio não saía. Foi quando eu dei a ideia de fazer uma biblioteca no lugar. Convenci um a um, e o mais difícil foi o Brown, mas ele e o pessoal acabaram aceitando.

Juntamos alguns trocados e sempre compramos os materiais. O Brown chegava sempre com vontade de comprar caixas de som, de comprar discos, e eu pensando nos livros, e assim se passaram cinco anos, até que a casa estivesse pronta.

Pra manter a ordem das nossas ideias, separamos dois ambientes, um pra livro e outro pra som, o DJ Ale junto com o DJ Odair sempre tava lá montando as pickup's e fazendo um som. E eu pensava: - Como isso vai se uma biblioteca com um barulho desses?

O Brown contratou um marceneiro que fez as estantes, e eu organizei os livros. Entre um trampo e outro, muita conversa. Quem ganhava éramos todos nós, com tanto ponto de vista diferente.

Graças ao Arnaldo, estava tudo pintado e só faltava bolar a inauguração, quando a laje começou a vazar. Cada chuva vazava mais, até que ficou lastimável a situação.

O que seria o certo? Derrubar tudo e fazer de novo, e ainda tinha outro problema: um mano tava requisitando que era dono da laje da casa, e queria mudar pra lá de todo jeito. Mas no debate ele perdeu, afinal nós somos fortes na comunidade, e estávamos lutando não por algo pessoal, mas por algo que envolve toda comunidade. Mesmo assim, com o consenso de que ele precisava de uma casa, alguns mano juntaram uma grana e compraram um barraco pra ele.

Enquanto tudo isso acontecia para que a biblioteca ficasse pronta, num dia fatídico saiu um tiroteiro na rua, e dois cara discutindo chegaram a trocar tiro e acertaram uma criança de 4 anos. Vocês não tem ideia do que é ter um peso desses na mente: afinal, se a biblioteca tivesse funcionando talvez esse pequeno estivesse vivo.

E começamos a reconstrução da biblioteca. Chegaram com a gente a Sophia Bisilliat e a sua mãe Maureen, que trouxeram várias ideias, entre elas a de se fazer um DVD, com a festa que Negredo organizava todo ano na mesma rua da biblioteca. E a renda desse DVD seria para terminar a obra.

Começamos a projetar o DVD, juntamos vários artistas de hip-hop e no meio do caminho também nos decepcionamos com vários manos que de projeto social têm nojo até do nome. Mas nem tudo é ruim, outros manos somaram mil graus, como o Gog, o Realidade Cruel, Záfrika, Detentos do Rap, RDG, Muralha Sul, Colt 44, Rosana Bronx, Consciência Humana, Otraversão, e Detentos do Rap. E a festa aconteceu com a presença de 8.000 pessoas.

O DVD foi realizado, chama-se 100% Favela. Além do show, tem um documentário comigo, o Brown e o Negredo, além de caras no estúdio. O DVD foi um sucesso pela qualidade e pelo trabalho de juntar tanta gente boa do rap. Os que não quiseram se envolver, hoje ficam se lamentando.

A renda do DVD é destinada ao projeto, mas uma má-fé na distribuição acabou nos deixando na mão, e pouca coisa sobrando para a biblioteca. Enquanto isso o tempo ia passando.

Só com os recursos nosso tava difícil terminar, e chegou uma parceira que aos poucos foi somando, que é o Marcelo Loureiro da Hucka.

Ele começou a trazer um engenheiro, que redesenhou o projeto, e começou a nova obra.

Um corre danado e o Arnaldo (Negredo) tava de linha de frente na reconstrução de tudo.

Um dia chego lá todo animado e o Arnaldo tá com uma marreta de 3 quilos derrubando as paredes. Quando vi tudo destruído, quase chorei, mas depois de alguns meses vi que tava valendo a penas recomeçar.

Pelo terreno ser úmido e a casa mal-desenhada, era necessário refazer, e até intervir em casas próximas, já que a favela é muito desorganizada.

Bom, finalmente terminou a obra, enquanto estaca construindo recebemos escritores importantes como Paulo Lins (Cidade de Deus), Alessandro Buzo (O trem), Arnaldo Antunes, Lourenço Mutarelli.

Levar tanto tempo valeu a pena, porque vimos um ponto de droga virar um ponto de cultura, e naturalmente quem usava drogas nas vielas foi saindo e dando espaço para um novo público: o da leitura.

Hoje, depois da inauguração, dá pra ver que valeu muito a pena, o segundo andar da biblioteca chama Nego Dú e vive lotado de criança, chamando a gente de tio pra cá de tio prá lá.

A gente tá tendo que aprender a lidar com elas, pois não esperávamos esse público, pensamos em jovens e adultos. E foi uma surpresa como tem sido todos os dias, cada coisa que elas falam, a cada ato que fazem, quem aprende muito mais somos nós.

O Gel, que é um grafiteiro daqui, juntou mais vinte nomes do grafite e pintou todas as vielas próximas à biblioteca, e não é difícil você trombar com palavras como Sabedoria, e Conhecimento entre um beco e outro.

É pouco, sei disso, comparado com as mil bibliotecas que o governo prometeu no começo do mandato, mas essa única biblioteca na favela é de todos nós e, ao contrário das mil do governo, essa é real⁹

⁹ Publicado em: *Língua Portuguesa – 6ª.série – 3º.bimestre – Vol. 3: Caderno do professor 2009 (36.850 exemplares), Caderno do aluno 2009 (567.400 exemplares), Caderno do aluno 2010 (567.400 exemplares), Fundação Vanzolini. E em: DELMANTO, Dileta e CASTRO, Maria da Conceição Castro. *Português: Ideias e Linguagens – 9º. ano do Ensino Fundamental*, Editora Saraiva.*

Anexo 6: Professores, missionários da cidadania (11/04/2011)

Salve, depois que terminei a palestra na M.Boi 1, a professora Patrícia pegou sua faixa de protesto e foi lutar por um salário digno.

Professor merece abraço, não borrachada.

O que já vi de professor guerreiro, tive tantos desses, um exemplo foi a Fátima que pegou um facão e foi cortar o matagal da escola, com tanto marmanjo lá e ela trabalhando quase sozinha, pois eu tava lá tentando cortar algo também, são tantos exemplos da batalha deles, que compram livros, filmes, com seu próprio dinheiro, fazem de tudo para abrilhantar o ensino que muitas vezes não cativa o aluno, então professor num é só uma profissão, é uma missão com certeza.

Agora o número de correspondência que recebo é impressionante, de crianças, *rappers*, escritores de outros lugares, agora quando chega carta de professor sempre emociona, recebi uma carta do Rio, que me deixou bem feliz, estou trancado a quatro dias escrevendo e com certeza depois dessa carta vou sair para ver a quebrada como anda.

valeu pela força, deu no mínimo mais 10 anos de energia para a batalha.

Olá Ferréz, tudo bem?

Meu nome é Georgia Barbosa, sou professora de História da rede estadual do Rio, em Vilar dos Teles, São João de Meriti (não sei se você já esteve em São João, fica na Baixada Fluminense). Escrevo para narrar uma experiência positiva que tive com meus alunos do Ensino Médio (3o ano) na última sexta (9/4). Estamos estudando doutrinas sociais (socialismo, anarquismo) e resolvi passar pra eles um dos programas LUTAS.doc.

Em seguida, lemos trechos contendo reflexões feitas por diferentes pessoas que participaram do programa. Incluí, nesse segundo momento – debate – as seguintes passagens suas: A gente tem nesse país milhões de renegados hoje: milhões de pessoas que ligam a televisão não se enxergam, ligam a rádio não se ouvem, abrem as revistas na banca de jornal não se vêem. O consumo anestesia as revoluções. Você pode ter um celular igual ao do seu patrão, então você acha que já é patrão. Faz bem pra alma. O capitalismo só respeita o boicote.

Posso dizer que o resultado foi muito além do que eu esperava. Pela 1a vez em três anos, percebi de fato a garotada bastante incomodada e com vontade falar, de estudar!

Perguntando, sem querer ir embora, mesmo quando o sinal já havia tocado! (Difícil de acreditar!) Eles gostaram do material que leram e do programa, mas sem dúvida, as passagens que trouxeram mais inquietação foram as suas falas, por isso quis escrever. Alguns alunos, inclusive, ligados em hip hop, já o conheciam do Manos e Minas.

Era isso o que eu queria dizer. Parabéns pelo seu trabalho! Se além de responder meu email, você puder dar um alô pra minha garotada no seu blog, eu ficaria agradecida. O nome do colégio é C.E. Professora Francisca Jeremias e ele fica em Vilar dos Teles, São João de Meriti, Rio de Janeiro.

Não esquece do Rio na turnê 2010! Grande abraço. Georgia Barbosa